



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Um olhar sobre o quotidiano de Évora no
período medieval – islâmico. Séculos VIII
– XI**

José Rui Ribeiro dos Santos

Orientação: Professor Doutor Fernando Branco
Correia

Professora Doutora Susana Gómez-Martínez

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Dissertação

Évora, 2015

Esta dissertação não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Um olhar sobre o quotidiano de Évora no
período medieval – islâmico. Séculos VIII
– XI**

José Rui Ribeiro dos Santos

Orientação: Professor Doutor Fernando Branco
Correia

Professora Doutora Susana Gómez-Martínez

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Dissertação

Évora, 2015

Esta dissertação não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri

Índice

1 - Introdução.....	1
2 - Estado da Investigação: enquadramento global.....	8
2.1- Estado da Investigação: o caso de Évora	16
3 - Síntese Histórica.....	20
4- Enquadramento Geográfico.....	28
5 - Introdução histórica e urbanística da cidade.....	31
6 - Contextualização estratigráfica dos espólios cerâmicos de Évora.....	38
6.1 - Termas Romanas.....	40
6.2 - Casa de Burgos/ Rua de Burgos	41
6.3 - Rua Vasco da Gama.....	41
6.4 - Pousada dos Lóios.....	43
6.5 -Templo Romano.....	44
6.6 - Museu de Évora	46
6.7 - Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora.....	48
6.8 - Pátio de S. Miguel	50
6.9- Porta de Moura e Rua Miguel Bombarda	51
6.10 - Cerca de Santa Mónica.....	52
6.11 - Paço dos Lobo da Gama.....	53
6.12 - Santo Antão, Convento de São Domingos e Rua de Avis.....	54
6.13 - Rua de Olivença.....	54
6.14 - Necrópoles – vestígios antropológicos	55
6.15 – Análise Conclusiva	57
7 - A cerâmica islâmica de Évora (séculos VIII a XI): Análise morfológica - nome, forma e função.	60
7.1- Louças de mesa	61
7.1.1- Tigela e taça	61
7.1.2- Jarra/ jarro	65
7.2- Louça de cozinha.....	67
7.2.1 – Alguidar	68
7.2.2 - Panela.....	70
7.2.3 - Caçoila	73

8 - Cerâmicas de armazenamento e transporte, e de uso agrícola	74
8.1- Pote	74
8.2 - Cântaro	75
8.3 – Talha	76
8.4 - Alcatruz	77
8.5 – Objetos de iluminação: candil	78
9 – A cerâmica islâmica de Évora (séculos VIII a XI): Análise ornamental e simbólica.	82
9.1 - O Vidrado policromático - verde e manganês	83
9.2 - Motivos fitomórficos e geométricos	85
9.3 - Motivos epigráficos	89
9.4 - Motivos antropomórficos	90
9.5 - Decoração bicromática- melado e manganês	93
9.6 - Pintura a branco	95
9.7 - Pintura a vermelho	96
9.8 - Decoração incisa e plástica	98
10 - Tecnologia cerâmica	100
11 - Outros utensílios do quotidiano	104
12 - Numismática	106
13 - Espólio carpológico e faunístico	108
14 – Conclusões	110
14.1- O período Emiral (sécs. VIII ao X)	110
14.2 - O período califal e taifa (X e XI)	115
14.3 - A evolução urbana de Évora - séculos VIII a XI	122
14.4 - Considerações finais	127
Bibliografia	128
Estudos Monográficos	128
Fontes impressas	139
Teses e obras não publicadas	140
Artigos, separatas, catálogos, posters, etc	141
Relatórios Arqueológicos:	151

Índice dos Anexos

Anexo I – Ilustrações.....	I
Anexo I.I - Morfologia.....	II
Anexo I.II - Ornamentação.....	XIV
Anexo I.III – Cerâmica do Séc. XII.....	XXII
Anexo I.IV – Enquadramento Cronológico	XXV
Anexo II – Fotografias do Acervo.....	XXVI
Anexo II.I – Fotografias.....	XXVII
Anexo III – Cartografia.....	XLII
Anexo IV – Quadro Cronológico.....	L
Anexo V – Epigrafia.....	LII
Anexo VI – Análise Estatística.....	LVIII
Anexo VII – Plantas e Estratigrafia.....	LXVII
Anexo VIII – Diversos.....	LXXXIII
Anexo IX – Documentação Literária Referente a Évora.....	CX
Anexo X – Inventário do Espólio Islâmico de Évora (Séc. VIII – XI)	CXI

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero manifestar o meu profundo agradecimento aos orientadores deste trabalho, professor Fernando Branco Correia e Susana Gómez Martínez, que me acompanharam ao longo destes quatro anos, aos quais devo uma dedicação absoluta, transmissão indispensável de conhecimentos, agradeço-lhes também pelo alto nível de exigência e rigor académico, sem os quais a realização desta dissertação não teria sido possível, não existem palavras para lhes agradecer devidamente.

Agradeço de igual forma o empenho e o fundamental contributo de Marta Duarte para a realização deste trabalho, quer ao nível moral, quer apoio técnico.

À minha família devo uma dedicação absoluta, incentivo, estabilidade emocional e apoio financeiro.

Ao André Coelho, pelo apoio prestado nas inúmeras horas passadas nas bibliotecas de Évora e pelo “brainstorming” permanente, sobretudo no campo da interpretação das fontes escritas.

Quero agradecer ao professor André Carneiro pelo incentivo permanente e pelo seu contributo para que tudo se tornasse mais nítido ao longo do meu percurso académico.

Sem o contributo do Museu de Évora nada disto teria sido possível, o meu profundo agradecimento à instituição, nas pessoas de Dr. António Alegria e de Vítor de Sousa, que possibilitaram a centralização dos espólios que andavam “por ai espalhados” e lhes ofereceram “abrigo” institucional.

A toda a equipa do Campo Arqueológico de Mértola, nomeadamente ao professor Cláudio Torres e Professora Susana Gómez Martínez, por me receberem com todo o calor e entusiasmo, e pela fonte inesgotável de conhecimentos que transmitem.

Ao professor Juan Zozaya, que em uma fabulosa conversa contribuiu de forma impar na tarefa da “reconstituição” de uma cidade desaparecida.

Ao Gonçalo Lopes, foi uma peça fundamental na aprendizagem no que respeita à interpretação da cerâmica, demonstrou desde o início apoio constante, e uma enorme partilha de conhecimentos.

À equipa do Centro Hercules, Professor António Candeias, Professor José Mirão, Dr. Massimo Beltrame e Dr. Carlo Botaiini, agradeço a disponibilidade e interesse que demonstraram desde sempre, em querer ir mais além e conhecer profundamente estes materiais.

Agradeço o contributo da Professora Leonor Rocha, quer no campo da ilustração arqueológica, quer no percurso durante o mestrado.

O contributo da Professora Teresa Batista foi fundamental na concepção da cartografia.

Ao Bruno Santos e Nuno Alvarenga, obrigado pela vossa amizade e por me ouvirem nas ocasiões de maior frustração.

Apresento as minhas desculpas por todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho por aqui não estarem mencionados, mas tal tarefa seria impossível.

As últimas palavras vão para os colegas da Câmara Municipal de Évora, com os quais cresci bastante a nível profissional e pessoal.

Resumo

O presente trabalho consiste numa abordagem histórica – arqueológica ao período de domínio islâmico na cidade de Évora, desde os inícios, no século VIII d. C. até ao final do reino das taifas, no século XI d.C. A amostra material em estudo, resulta de uma sistematização dos vestígios arqueológicos de cronologia medieval - islâmica e é proveniente de 16 intervenções arqueológicas com diferentes características, ocorridas em Évora desde os finais da década de 1970 até ao presente.

Procedeu-se ao estudo da tecnologia de produção, morfologia e funcionalidade, ornamentação e iconografia, da cerâmica, o que transmite informações acerca dos hábitos alimentares e cultura destas populações e permitirá entender as relações comerciais intrínsecas que transportaram a cidade a uma escala supra – regional e a integraram no al-Andalus. Relacionou-se a componente material com as fontes literárias existentes, por forma a um entendimento abrangente da evolução urbana e histórica da cidade durante este período.

Palavras-chave: Évora, medieval-islâmico, quotidiano urbano, cerâmica, al-Andalus.

Abstract - A look to a Islamic – medieval quotidian in Évora. VII to XI century

The present work consists in an historical – archeological approach to the Islamic domination period in Évora city, since the VIII century to the end of the Islamic kingdoms at the XI century. The sample material under study, results of a systematization of the archaeological remains of medieval- Islamic chronology and comes from 16 archaeological interventions with different characteristics, which occurred in Évora since the end of the 1970s to the present days.

Proceeded to the ceramics study of technological production, morphology and functionality, ornamentation and iconography, which transmits information about the eating habits and culture of these populations and will understand the inherent trade that transported the city to a scale supplies - Regional and integrated in al-Andalus. Material component was related to the existing literary sources, to a comprehensive understanding of urban and historical development of the city during this period.

Key-words: Évora, medieval-Islamic, urban quotidian, pottery, al-Andalus.

1 - Introdução

Nascida do ventre ibérico, a região a que se chama hoje Portugal comporta uma diversidade cultural forjada ao longo dos séculos, embebida em diferentes origens e sem limites geográficos definidos formando, assim, a identidade nacional que hoje conhecemos. Determinante na construção desta foi o território, a consciência territorial do espaço geográfico é uma constante na tradição clássica mediterrânea. Desta quase ilha que é a Península Ibérica diz, no século XIII, Al-Hymiari: “o país do Andaluz é de [...] forma triangular. O mar rodeia-o pelos seus três lados: ao sul o Mediterrâneo; a ocidente o oceano Atlântico; ao norte o mar dos Ingleses, que se contam entre os cristãos”¹.

As substanciais diferenças entre o Norte e o Sul da Península Ibérica corporizaram-se num inestimável acidente geográfico², o sistema montanhoso central, que separa fisicamente a península no seu comprimento³. É uma barreira separadora provocada pelas bacias hidrográficas dos rios Douro e Tejo, numa extensão de quase 1000 km, dos Pireneus ao Atlântico⁴. Este acidente geográfico torna substanciais as diferenças entre o Norte e o Sul peninsular. Este, culturalmente unificado por uma matriz comum, a mediterrânea, comporta “especificidades próprias de um território, onde, durante o período medieval, conviveram, influenciando-se reciprocamente, cristão, muçulmanos e minorias étnico-religiosas como judeus, moçárabes e estrangeiros”⁵. Nas palavras de Braudel, “O sul era outro mundo, há muito aberto a todos os ventos da civilização”⁶.

¹¹ COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, Vol. I, Ed. Caminho, Lisboa, 1989, p. 42.

² Referida nas fontes por Estrabão, Al-Razi e Idrisi. – Ver, ALARCÃO, Jorge de., *Portugal: Das Origens à Romanização*, Ed. Editorial Presença, Lisboa, 1987.

³³ TORRES, Cláudio, *Historia de Portugal Vol. I, Antes de Portugal*, Dir. de José Mattoso, Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1992, p. 364.

⁴ Idem p. 364.

⁵ Mattoso, José, *A Identificação de um País, Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Ed. Referência/ Editorial Estampa, Lisboa, 1985, vol. I p. 120.

⁶ BRAUDEL, Fernand, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II*, 2 Vols., in. Dom Quixote, Lisboa, 1983-84, I, pp. 27-47.

As diferenças climáticas entre o Sul e o Norte Ibérico comportam outro facto distintivo entre as suas culturas. Contrariamente aos relevos montanhosos e pela frequência de vales do Norte, impõe-se a cultura imposta pelas planícies do Sul, aqui a falta de chuvas e a escassez das correntes fluviais obrigam às culturas de sequeiro, excetuando as zonas das margens dos rios, as colinas férteis da Estremadura, as planícies de aluvião do Ribatejo, a orla verde Algarvia e um ou outro ponto, tudo o resto é uma enorme zona que até, ao século XIX, formava uma extensa e quase ininterrupta charneca⁷.

Distintamente uma cidade do Sul, culturalmente influenciada por esta dicotomia, conhecida pelo seu estatuto de “cidade museu”, Évora contempla uma riqueza histórica impar. São perceptíveis vestígios urbanos e arqueológicos que testemunham a presença humana desde a Pré-História, com algumas das estruturas megalíticas mais importantes da Península Ibérica, passando pela presença de vários povos – romanos e visigodos, muçulmanos, cristãos e judeus. Um percurso composto por evolução, estagnação e retrocesso social e urbanístico, a cidade comporta uma complexidade histórica e arqueológica impar.

Com todo o urbanismo e detalhes da “Idade de Ouro” do século XVI, nos tempos em que Évora foi a segunda cidade do reino e um local de estadia das cortes de Avis, passando pelas obras dos séculos XIX e XX mostram as novas conceções e aspirações do Homem contemporâneo, tendo sido inclusive o berço da primeira associação de defesa do património a surgir em Portugal, em 1916. Em suma, Évora e o seu concelho constituem um observatório único da forma como o Homem ocupou e concebeu o espaço ao longo do tempo. A relação entre formas de pensar e a sua materialização na organização do meio envolvente, critérios determinantes no momento da atribuição do estatuto pela UNESCO.

Numa cidade que floresceu durante o período romano, como se comprova pelos inúmeros vestígios, desde o templo imponente, único em Portugal, o próprio traçado urbano que influenciou as construções posteriores, as termas, a estatuaría e as

⁷ Mattoso, José, *A Identificação de um País, Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Ed. Referência/ Editorial Estampa, Lisboa, 1985, vol. I p.p. 33-34.

lápides presentes. Grande importância teve, também, o período de ocupação islâmica, que contribuiu, em muito, para a formação da cultura regional. No entanto, poucos são os vestígios que a olho nu podemos identificar na cidade. Problemática relacionada com o “apagar” deste período, como se observa pelas obras pós reconquista que transformaram uma cidade, que se figurou de grande importância para o jovem reino Português após a reconquista, sem deixar rasto da conceção urbana dos séculos anteriores.

Muito pouco se sabe, de definitivo e seguro, sobre a organização do espaço urbano na cidade islâmica de Yábura⁸. Esta manteve muitas relações com o passado romano e visigótico, adaptando-se, reaproveitando os edifícios e espaços já existentes ao mesmo tempo que se reordenava, de acordo com o sistema administrativo, político e social vigente.

Averiguam-se as razões que levaram às mutações ao longo dos primeiros tempos de ocupação islâmica da cidade de Évora, que originaram mudanças sociais e políticas. As continuidades e ruturas que se sentem na cidade, estão vincadas na vida quotidiana dos grupos humanos assentes num aglomerado urbano que se preservará em constante evolução. Com efeito, são diversos os testemunhos que ainda hoje se notam pela cidade, veja-se a toponímia⁹ ou as construções tradicionais em taipa e adobe que ainda subsistem na região (mundo rural). De forma exemplar foi o contributo dos eruditos locais¹⁰, os quais, desde o século XVI até à atualidade contribuíram enormemente para o conhecimento deste período na cidade.

Até quase ao final do século XIX a cidade manterá praticamente inalterada a sua grelha medieval, com muitas ruas estreitas e poucos largos e praças¹¹. A muralha afirma-se como ponto de partida fundamental para o entendimento da herança da cidade medieval islâmica, definindo e configurando uma Medina que assenta as bases

⁸ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p. 6. Yábura é o nome pela qual a cidade é conhecida durante o período de “ocupação” islâmica.

⁹ Vejam-se os exemplos; Rua de Mahmoud e Rua do Amauriz.

¹⁰ Veja-se a obra de Gabriel Pereira e de Túlio Espanca.

¹¹ ALMEIDA, Cármen, *Riscos de um século, memórias da evolução urbana de Évora*, Ed. Câmara Municipal de Évora. Divisão de Assuntos Culturais - Arquivo Fotográfico, Évora, 2001, p.22.

iniciais no urbanismo romano, mantendo-o sem soluções de continuidade estrutural até ao crescimento, difícil de datar com precisão, que conduzirá à redefinição durante o século XIV¹².

No panorama dos estudos sobre Évora denota-se uma enorme escassez de estudos, sobretudo analíticos, que se fixem no período islâmico, da cidade, e do seu território. Estudos esses fundamentais para o entendimento das dinâmicas de povoamento e de ocupação em época islâmica¹³. Tendo em linha de conta a pobreza de fontes literárias para este período, os vestígios materiais tornam-se fundamentais para descortinar informações de uma cidade há muito desaparecida.

Dentro destes surge a cerâmica, que “constitui o vestígio mais abundante deixado pelas civilizações desde o Neolítico, e que tem sido considerada, desde os inícios da investigação arqueológica, como um dos mais importantes indícios para definir cronologicamente uma estação”¹⁴. A cerâmica reflete também outras faces da cultura: “os hábitos alimentares e do quotidiano, a engrenagem económica de uma sociedade, a evolução tecnológica, o imaginário e horizonte simbólico de um povo e, até, a expressão de vontades políticas”¹⁵.

Este estudo tem por base uma investigação do ponto de vista histórico-arqueológico acerca dos primeiros séculos de ocupação islâmico da cidade de Évora, desde os inícios da islamização do território no século VIII até aos reinos Taifas no final do século XI. A escolha do término cronológico passa pela identificação com o mundo omíada, que termina aproximadamente em 1090 d.C. dando início às dinastias almorávida e almóada, provenientes do norte de África e com uma cultura material

¹² FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p.7.

¹³ CORREIA, Fernando Branco, *Fortificação, Guerra e Poderes no Gharb al-Andalus*, Tese de Doutoramento, policopiada, p. 432.

¹⁴ GÓMEZ-MARTINÉZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ándalus*, in. *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa 1998, p.121.

¹⁵ Idem, p. 121.

que apesar de em alguns aspetos se assemelhar à cultura omíada, terá sido substancialmente diferente¹⁶.

A escolha prende-se sobretudo com a acentuada carência de informação relativa a estes dois últimos períodos, dos quais apenas se teve acesso a parte do espólio existente.

Este trabalho tem como primeiro objetivo compreender a estrutura urbana e a sua evolução ao longo do período islâmico, centralizando-se no quotidiano do período omíada, na cidade de Évora. Para tal, sistematizou-se toda a informação disponível sobre este período, na sua componente bibliográfica, através da centralização de relatórios das escavações ocorridas e através da criação de um “corpus” documental, que inclua todos os vestígios materiais correspondentes aos séculos em estudo, tal como as fontes literárias e a informação bibliográfica.

Trata-se de uma etapa fundamental, que funciona como base de apoio para o entendimento do “estado da arte”, e para qualquer investigação futura. Em segundo lugar, tenciona-se analisar do ponto de vista histórico e arqueológico, os materiais arqueológicos exumados ao longo dos anos em todas as campanhas de escavação realizadas na cidade, procedendo-se a um mapeamento que funcione como suporte científico de base.

Seguidamente pretendeu-se compreender a tecnologia cerâmica, as questões morfológicas, funcionais, iconográficas e ainda as relações comerciais intrínsecas que envolveram a cidade com todo o mundo islâmico medieval. Tendo assim o intuito de interligar a componente material às fontes literárias. Abordando, de forma processual, os vestígios arqueológico, tendo como objetivo final contribuir para o preenchimento de uma das lacunas que subsiste no conhecimento da história da cidade de Évora, concretamente no quotidiano dos principais séculos da ocupação islâmica – VIII a XI.

De forma a se proceder ao estudo e caracterização do acervo, surge uma questão epistemológica relacionada com a escolha de técnicas metodológicas que

¹⁶ Capítulo 10.3.

mostrem maior rigor. A análise estatística surge no estudo da cerâmica quase sempre como instrumento indispensável, no entanto, afigura-se questionável.

É indiscutível considerar que a análise estatística não é a solução para todos os problemas no estudo arqueológico, despromovendo a interpretação arqueológica rigorosa¹⁷. A problemática de se depositar a interpretação exclusivamente numa análise estatística que muitas vezes, neste caso, se baseia num universo completamente aleatório e desconhecido, e interpreta-lo em si, não efetuando ligações contextuais com micro e macro realidade, poderá não ser o mais correto.

Foram tidos em conta todos os vestígios literários e estudos analíticos possíveis, por forma a se conseguir uma rigorosa exposição e interpretação histórica. Relativamente ao estudo estatístico, foi considerada uma análise de frequência, neste caso, relativa, que facilitará a exposição e análise do acervo e funcionará como linguagem universal permitindo macro análises.

Na análise material é importante ter em conta a informação retirada da morfologia da tecnologia cerâmica e dos aspetos decorativos, no entanto, uma análise mais abrangente e conclusiva retira informação de cada campo e complementá-la-á por forma a se preencherem lacunas existentes. Tendo-se em consideração a informação morfológica que nos permitirá conjeturar acerca das funcionalidades presentes em cada grupo e que após o cruzamento com a informação ornamental, poder-se-á avançar com projeções cronológicas.

No campo morfológico, o acervo dividiu-se em grupos, por forma a se abordar detalhadamente todas as tipologias. O critério de apresentação formal das peças respeita a nomenclatura acolhida¹⁸, tendo em conta, simultaneamente, os estudos tipológicos e de síntese mais antigos¹⁹, admitindo e respeitando as particularidades

¹⁷ ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan, *La Cerámica en Arqueología*, ed. Crítica, Barcelona, 1997, p. 206.

¹⁸ BUGALHÃO, et alii, *CIGA – Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. *Xelb*, nº 10, Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010, pp. 455 a 476.

¹⁹ ROSSELLÓ BORDOY, Guillermo, *Ensayo de Sistema-tización de la cerâmica árabe em Malhorca*, Palma de Maiorca, 1978.

locais importantes. Observou-se, paralelamente, uma abordagem ao todo Ibérico, criando assim paralelos morfológicos na península, tal como a análise funcional que facilitará uma abordagem analítica na segunda metade do trabalho. A problemática relacionada com a tecnologia cerâmica foi de igual forma tida em conta, assim, o processo de fabrico das cerâmicas foi levado a cabo como uma etapa extremamente importante na análise histórico-arqueológica.

Foi de igual forma abordada a questão inerente à ornamentação e iconografia, permitindo assim ponderar diversas vertentes e projetar hipóteses com exatidão fazendo-se a conexão entre os contextos estratigráficos e os espólios, Numa segunda etapa com carácter analítico, procedeu-se ao enquadramento material e histórico, tentando, desta forma, fazer a ligação dos vestígios materiais analisados ao contexto histórico da cidade, da região e do al-Andalus.

TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana; FERREIRA, Manuela Barros; *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*, Atas das 3.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, 1997.

2 - Estado da Investigação: enquadramento global

Os estudos da ocupação Islâmica em Portugal sofreram um percurso peculiar. Ao longo das primeiras décadas do século XX o período Islâmico foi considerado como uma época menor, comparativamente com o “glorioso” período romano e com o “grandioso” reino de Portugal. É uma corrente de pensamento que tem origem no processo de reconquista cristã, e se enraizou na sociedade cristã, mediante a prevalência cristã sobre o islão²⁰.

Anexado ao esquecimento a que este período esteve submetido, surge uma problemática relacionada com a orientação historiográfica dos autores dos finais do século XIX e inícios do XX como refere Christophe Picard, “Longtemps la frontière tracée par la reconquête “portugaise” et “espagnole” – galicienne et castillane en l’occurrence – a créé artificiellement une histoire arabo-musulmane séparée par une frontière tracée a posteriori. Cette vision historique quelque peu artificielle eut pour véritable motivation la recherche, depuis le XIX siècle, des sources d’un peuplement purement lusitanien pour les uns, à dominante “glacienne” pour les autres. Cette controverse qui trouva un paroxysme durant la première moitié du XX siècle, rejetait au second plan l’idée d’une recherche sur l’histoire luso-arabe pour elle-même”²¹.

Nos finais do século XIX surge o autor, que é proclamado por muitos, como o pai da arqueologia em Portugal, Leite de Vasconcelos, que em 1893 funda o Museu Etnográfico e entre 1889 e 1895, a *Revista Lusitana* e o *Archeologo Português*, criando a força motriz essencial para o desencadear dos estudos arqueológicos em Portugal. Iniciou, também, a partir dessa altura vários estudos sobre a toponímia, numismática e epigrafia árabe, assim como aparecem as primeiras referências a achados cerâmicos,

²⁰ MACIAS, Santiago, *Islamic Archeology in Portugal, in: The Historiography of Medieval Portugal (c.1950-2010)*, Direcção de José Mattoso, ed. Centro de Estudos de História Religiosa e 10 outras instituições, Lisboa, 2010, p. 167.

²¹ PICCARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII- XIII siècle). L’Occident d’al-Andalus sous Domination Islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, p. 7.

sobretudo no Alentejo e Algarve. É consensual que foi a força propulsora para o início de uma mentalidade virada para a referida área²².

Do mesmo modo, também, desde finais do Século XIX e nas primeiras décadas do Século XX, verificou-se uma preocupação pelos estudos regionais, resultando em várias monografias²³, de carácter mais ou menos erudito, onde se denotava um certo cuidado em incluir lendas e vestígios arqueológicos, designadamente inscrições lapidares e moedas atribuíveis ao período Islâmico²⁴.

Um destes pioneiros, dos estudos arqueológicos regionais foi sem dúvida Estâncio da Veiga. Incumbido oficialmente de proceder ao reconhecimento de alguns restos de monumentos antigos, que a chuva havia, em 1876, posto a descoberto no Baixo Alentejo e no Algarve, elaborou, em 1880, um estudo monográfico sobre Mértola intitulado *Memórias das Antiguidades de Mértola* e iniciou a *Carta Arqueológica do Algarve*²⁵.

No referido trabalho, o autor, levanta questões acerca das muralhas de Mértola e da ponte, por ele denominada romana, sobre o Guadiana. O capítulo intitulado *Epocha Arabe* é um ponto importante, devido ao alerta que faz sobre a pobreza dos estudos realizados sobre cerâmica islâmica em Portugal, aludindo ao facto destes serem apenas direccionados para os objetos de luxo. Para além disto, refere a falta de análises que deveriam ser realizadas nas cerâmicas da vida quotidiana.

Os estudos pioneiros na Numismática árabe devem-se, principalmente, aos investigadores espanhóis A. Vives e Escudero que publicam, em 1893, a obra *Monedas da las Dinastias Árábigo-Espanholas.* Em 1909, David Lopes (1867-1942) publica o

²² MACIAS, Santiago, Islamic Archeology in Portugal, in: The Historiography of Medieval Portugal (c.1950-2010), Direcção de José Mattoso, ed. Centro de Estudos de História Religiosa e 10 outras instituições, Lisboa, 2010, p. 168.

²³ ESPANCA, Túlio, Miscelania Histórico-Artística I, in. Cadernos de História Eborense XVI, Ed. Nazareth, Évora, 1953. - ESPANCA, Túlio, Fortificações e Alcaidarias de Évora, in. Cadernos de História Eborense XVI, Ed. Nazareth, Évora, 1945.

²⁴ IDEM, p. 169.

²⁵ CATARINO, Helena, - Arqueologia do Período Islâmico em Portugal, O Arqueólogo Português, Serie IV, Vol. 13/15, Lisboa, 1995-1997, p. 460.

estudo, *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*²⁶, são da sua autoria também o capítulo “O domínio árabe” na História de Portugal de Damião Peres²⁷ e alguns artigos publicados na revista *o Archeólogo português*. No entanto, estas primeiras abordagens não foram suficientes para derrotar o menosprezo a que o período histórico em estudo foi remetido, tendo sido considerado demasiado exótico e contra os valores cristãos e patrióticos que reinavam em Portugal na primeira metade do Século XX²⁸.

Em Portugal permaneceu um enorme vazio no que trata ao período islâmico durante varias décadas. Contrariamente, em Espanha, desde 1933, existia a revista *al-Andalus*, a qual se tornou a chave para a investigação deste período na Península Ibérica. Funcionava como uma espécie de repositório para a investigação na Península Ibérica, abrangia as mais diversificadas áreas dentro da referida temática e contava com o contributo de diversos investigadores, tais como Emílio García Gómez, Miguel Palácios, entre outros.

O conjunto de fatores aqui tratados, proporcionando uma não efetiva preocupação com a arqueologia Islâmica, são justificação para a deficiente referência a espólios deste período na obra *Subsídios para a História do Museu Etnográfico do Dr. Leite de Vasconcelos*²⁹, publicada em 1964. Foi no início da década de 60 que Abel Viana deu início ao trabalho de escavação arqueológico no Castro da Cola, no qual a estratigrafia correspondente ao período Islâmico foi registada e lhe foi dada a devida atenção. No entanto, dificuldades relacionadas com o processo de investigação, ligadas à morte de Abel Viana, dificultaram o acesso à informação, o que dificultou a

²⁶ LOPES, David, *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1991, separata do *boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vols. 3-4 Lisboa, 1909-1910.

²⁷ IDEM, PERES, Damião, *O domínio árabe - vol. I*, ed. *História de Portugal*, Portucalense, Barcelos, 1928, pp. 391-431.

²⁸ MACIAS, Santiago, *Islamic Archeology in Portugal*, in: *The Historiography of Medieval Portugal (c.1950-2010)*, Direcção de José Mattoso, ed. Centro de Estudos de História Religiosa e 10 outras instituições, Lisboa, 2010, p. 175.

²⁹ MACHADO, João; L. Saavedra, *Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, Ministério da Educação Nacional/ Direcção- Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, Lisboa, 1964, Pp. 334-335.

publicação destes trabalhos³⁰. Estancio da Veiga³¹ e Santos Rocha³² também levaram a cabo algumas campanhas de escavações no Alentejo e Algarve, nas quais desvendaram algumas informações acerca do período árabe.

O ponto de viragem no panorama nacional da investigação na referida área deu-se na década de 70 do séc. XX, inicialmente pela mão de Fernando de Almeida e mais tarde por José Luís de Matos, durante as escavações do Cerro da Vila³³, em Vilamoura, que puseram a descoberto um sítio romano com ocupação contínua até ao período califal.

Foi a partir dos finais da referida década que surge uma nova geração de investigadores que vieram trazer uma enorme transformação no panorama dos estudos do período Islâmico, nomeadamente, no estudo das cerâmicas, tendo como pioneiros Juan Zozaya e André Bazzana. Estes publicaram vários estudos relacionados com a nomenclatura das formas cerâmicas e com problemas crono-tipológicos. “Para além da principal obra de referência para os arqueólogos que, nos últimos vinte anos, se tem dedicado ao estudo do período muçulmano, *Ensayo de sistematización de la cerâmica árabe de Mallorca*³⁴, também os colóquios sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, iniciados em 1978 em Valbonne, e continuados com uma periodicidade fixa, merecem especial referência pela sua atualização na discussão do tema. O mesmo acontece com os congressos de Arqueologia Medieval Española e o

³⁰ VIANA, Abel, *Nossa Senhora da Cola – notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, Beja, 1961, Onde se pode encontrar uma abordagem genérica: publicação parcial das cerâmicas em: MESTRE, Joaquim Figueira, *Cerâmica muçulmana do Castro da Nossa Senhora da Cola*, Câmara Municipal de Ourique, Beja, 1992.

³¹ VEIGA, S.M.E, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. I. Imprensa Nacional, Lisboa, 1880.

³² ROCHA, A.S., *Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve*, in *O Archeologo Português*, Vol. I, MNA, Lisboa, 1895.

³³ MATOS, José Luís de, *Cerro da Vila, Escavações em 1971*, *O Arqueólogo Português*, 3rd ser., vol.5 Vilamoura, 1971, pp. 201-214. - *Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila*, in: SILVA, Luis e MATEUS, Rui (coords.), *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991, pp. 429-456.

³⁴ROSSELÓ BORDOY, Guillermo, *Ensayo de sistematización de la cerâmica árabe en Mallorca*, In: Diputación Provincial de Baleares, Instituto de Estudios Baleáricos, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Palma de Mallorca, 1978.

esforço de publicação do *Boletín de Arqueologia Medieval* pela *Associação Espanhola de Arqueologia Medieval*, abertos à publicação de estudos portugueses³⁵.

Entre 1972 e 1975, António Borges Coelho elaborou uma compilação, e um tratamento importante, de textos do período Islâmico. A publicação *Portugal na Espanha Árabe* representa uma “lufada” importante para investigadores deste período. Um impulso enorme ocorreu após a revolução de Abril de 1974, do ponto de vista de mentalidades, rompendo com algumas doutrinas, sobretudo no que respeita à importância patriótica fixada no passado cristão, e da não-aceitação dos séculos de ocupação Islâmica como componente da cultura e da herança civilizacional do povo Português. Como tal, ao nível institucional, as autarquias obtiveram maior autonomia, sobretudo no que respeita a traçar caminhos culturais, potenciando, sobretudo no Sul do país, campanhas de investigação arqueológica que incluíam a arqueologia Islâmica. Podemos referir, como grandes exemplos, o Campo Arqueológico de Mértola e a Câmara Municipal de Silves, que através do trabalho de alguns investigadores tem contribuindo enormemente para o conhecimento do legado Islâmico em Portugal³⁶.

Estava cimentado o caminho para uma investigação coesa, facto que se comprovou nas Atas, em 1992, do IV Congresso de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo e, da publicação em 1998, de uma obra que resume todos os pontos importantes da investigação até aí realizada, funcionando quase como um Estado da Arte. Intitula-se *Portugal Islâmico, Os últimos Sinais do Mediterrâneo*³⁷, e é resultante de uma exposição que teve lugar no Museu Nacional de Arqueologia e que reuniu espólios de diversas zonas do país e de variadíssimas tipologias.

³⁵ CATARINO, Helena, *Arqueologia do período islâmico em Portugal: breve perspectiva*, in: O Arqueólogo Português, Serie IV, 13/15, Coimbra, 1995-1997, p. 479.

³⁶ MACIAS, Santiago, *Islamic Archeology in Portugal*, in: *The Historiography of Medieval Portugal (c.1950-2010)*, Direção de José Mattoso, ed. Centro de Estudos de História Religiosa e 10 outras instituições, Lisboa, 2010, p. 177.

³⁷ MACIAS, Santiago e TORRES, Cláudio (coords.) *Portugal Islâmico. Os últimos Sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1998.

Em 2000 Christophe Piccard foi responsável pela obra *Le Portugal Musulman (VIII- XIII siècle). L'Occident d'al-Andalus sous Domination Islamique*,³⁸ a qual significou um avanço importantíssimo para a investigação sobre o tema. O autor sintetiza a história do Gharb al-Andalus de forma clara. A par desta, surgem outras³⁹, que dependendo do caso, contribuíram enormemente para o preenchimento de múltiplas lacunas existentes no conhecimento deste período, sobretudo do ponto de vista arqueológico, tendo em conta que é uma área de importância extrema para o entendimento de realidades muitas vezes ocultadas pelas fontes escritas.

A arqueologia representa por si só um papel crucial, possibilitando uma aproximação à veracidade histórica, quase sempre referente ao quotidiano, mas também à vida social, política e económica de uma sociedade. Realizaram-se diversos encontros arqueológicos, como são exemplo, os Encontros de Arqueologia do Algarve e Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, nos quais a arqueologia Islâmica começa a ganhar corpo e importância.

Na senda da investigação arqueológica, no que toca ao mundo rural Islâmico, encontramos grandes lacunas, em detrimento da realidade urbana. Resultando sobretudo do mau processo de escavação, devido à preferência em encontrar os níveis romanos. Veja-se o caso de algumas *villae* transformadas em *alcarias*, o que dificulta a compreensão idónea em algumas manchas de ocupação territorial.

Outra problemática é o condicionamento dos estudos, aos centros urbanos, muitas vezes por razões associadas a questões financeiras. Contrariamente a esta corrente surge a obra de Helena Catarino, que aborda o povoamento rural do período de ocupação Islâmico no sotavento Algarvio.⁴⁰ Trata-se de um trabalho de prospeção exaustivo, complementado com resultados de diversas campanhas de escavação arqueológicas. Surgem também as obras de Rosa Varela Gomes sobre a região de

³⁸ PICCARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII- XIII siècle). L'Occident d'al-Andalus sous Domination Islamique*, Paris, Maisonneuve & Larose, 2000.

³⁹ Desataca-se a vasta obra de Cláudio Torres.

⁴⁰ CATARINO, Helena, *O Algarve Oriental durante a ocupação Islâmica – povoamento rural e recintos fortificados*, Al-Ulya, no. 6,3 vols. (1997-1998).

Silves,⁴¹ de Cláudio Torres⁴² e Santiago Macias em torno de Mértola,⁴³ de Maria da Conceição Lopes relativamente ao território de Beja.⁴⁴ Esta última, embora se centre no período romano, refere importantes dados acerca da ocupação Islâmica do território desta cidade. São diversas as abordagens ao mundo rural, como exemplo aparecem os resultados das escavações em Alcaria Longa⁴⁵, no Cerro da Vila⁴⁶, entre outros.

De grande importância foi também a obra de Cláudio Torres que trouxe progressos importantes sobretudo na área da “etno-arqueologia”.⁴⁷ Nos últimos 20 anos o estudo das fortificações do Gharb al-Andalus aumentou ligeiramente, através dos trabalhos de Isabel Cristina Fernandes, no castelo de Palmela, demonstrando a importância arqueológica e a ininterrupta ocupação do mesmo, fomentando o caminho para que se levasse a cabo uma série de colóquios acerca das fortificações do ocidente do al-Andalus. Como são exemplo, Palmela no ano 2000 e Óbidos em 2010.

De grande importância surgiram também os trabalhos de Fernando Branco Correia e de Christophe Piccard, no castelo de Juromenha⁴⁸, no qual se descortinou um elevado número de dados acerca da ocupação Islâmica no interior daquela fortificação. Diversos trabalhos desenvolvidos por todo o país contribuíram para a construção do *puzzle* que foi tomando forma ao longo dos anos, temos como exemplo

⁴¹ GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: território e cultura*, in *Trabalhos de Arqueologia*, no.23, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002.

⁴² TORRES, Cláudio, *Mértola Almoravide et Almohade. Catalogue*. Ed. Ministère des Affaires Culturelles du Royaume du Maroc et Câmara Municipal de Mértola, Mértola, 1988.

TORRES, Cláudio, "Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica", *Actas do Seminário: Espaço Rural na Lusitânia. Tomar e o seu território*, Tomar, 1989, pág. 103-114.

⁴³ MACIAS, Santiago, *Mértola: O ultimo porto do Mediterrâneo*, 3 vols., Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2006.

⁴⁴ LOPES, Maria da Conceição, *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, 2003.

⁴⁵ BOONE, James, *The third season of excavations at Alcaria Longa*, *Arqueologia Medieval*, no. 2 Mértola, 1993, Pp. 111-152.

⁴⁶ MATOS, José Luis; TEICHNER, Félix, *Cerro da Vila (Algarve Portugal) – aldeia do mar na época islâmica, in Al-andalus. Espaço de mudança*. Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2006, Pp.123-139.

⁴⁷ TORRES, Cláudio, *Uma velha cultura serrenha*, in LUZIA, Ângela, *Mantas tradicionais do Baixo Alentejo*, Mértola, Câmara Municipal de Mértola, 1984, Pp.45-62.

⁴⁸ CORREIA, Fernando, Branco, e PICARD, Christophe, *Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha: primeiros resultados*, *Arqueologia Medieval*, no. 1, Mértola, 1992, Pp. 71-89.

os trabalhos no castelo de São Jorge em Lisboa⁴⁹, os quais, tanto do ponto de vista arqueológico, como museológico e experimental, têm conseguindo enorme adesão.

Uma vasta panóplia de trabalhos, dissertações de mestrado e de doutoramento, até pequenos artigos e monografias, recheiam o panorama da investigação neste período, respeitando diferentes ritmos e dinâmicas, locais e pessoais, que foram respondendo às questões que se foram impondo, potenciando o avanço do conhecimento histórico. Relativamente ao estudo da cerâmica do *Sharq al-Andalus*, é importante referir a publicação em 1978 do *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*, que marcou o ponto de partida para a organização de materiais, a nível cronológico, tipológico e funcional. Merecendo destaque a obra de Susana Gómez Martínez,⁵⁰ sobre a produção e comércio da cerâmica de Mértola, o qual é considerado o estudo de sistematização com maior importância em Portugal.

O estudo da cerâmica do *Gharb al-Andalus* recebeu um forte impulso com o projeto CIGA (Cerâmicas Islâmicas do al-Andalus)⁵¹, que passou pela tentativa de criar um padrão relativamente ao método e à nomenclatura a ter em conta para o estudo das cerâmicas. Conjugando dados de fontes árabes com informação arqueológica, surgiu a obra de Fernando Branco Correia⁵² que em conjunto com a tese de doutoramento do mesmo⁵³, evidenciou a enorme lacuna de estudos para a região de Évora, uma cidade e território fundamental para se entender as dinâmicas de povoamento e de ocupação em época islâmica. A investigação sofre de dia para dia contributos positivos, requer no entanto continuidade e amadurecimento⁵⁴.

⁴⁹ GASPAR, Alexandra, e GOMES, Ana, *O Castelo de São Jorge- da Fortaleza islâmica à alcáçova cristã. Contribuição para o seu estudo*, in FERNANDES, Isabel Cristina F. (coord.), *Mil anos de fortificações*, Pp. 397; SERRAS, Susana, *Castelo de São Jorge- núcleo museológico*, Lisboa, EGEC, 2008.

⁵⁰ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004.

⁵¹ BUGALHÃO, Jacinta, et al., *CIGA: Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus*, Xelb, nº. 10, Silves, 2010, Pp. 455-476.

⁵² CORREIA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*, Ed. Colibri- CIDEHUS-UE, Évora, 2013.

⁵³ CORREIA, Fernando Branco, *Fortificação, guerra e poderes no Garb al-Andalus (dos inícios da islamização ao domínio norte-africano)*, Universidade de Évora, texto policopiado.

⁵⁴ MACIAS, Santiago, *Islamic Archeology in Portugal*, in: *The Historiography of Medieval Portugal (c.1950-2010)*, Direção de José Mattoso, ed. Centro de Estudos de História Religiosa e 10 outras instituições, Lisboa, 2010, p. 169.

2.1- Estado da Investigação: o caso de Évora

Em Évora o panorama apresenta-se bastante diferente, relativamente ao conjunto do país. No início do século XIX surgiram exíguas referências ao período Islâmico, pela mão de André de Resende e de Gabriel Pereira⁵⁵. O primeiro fez alusão a este corte cronológico na sua obra *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, na qual dedicou os capítulos XI e XII aos “mouros” que se fixaram na cidade, assentando num conservadorismo que corria a Europa na Idade Moderna, destacando-se a hegemonia da “civilização” cristã sobre a islâmica. No seguimento do pensamento de André de Resende, em 1739 surgiu Amador Patrício com a obra *História das Antiguidades de Évora*.

Através de uma considerável panóplia de estudos sobre Évora, concretamente através de transcrições paleográficas, surgiu a obra de Gabriel Pereira a qual permitiu conhecer dados inéditos. Um novo olhar sobre a história do mundo Islâmico chega-nos por José Leite de Vasconcelos cuja obra contribuiu, em certa medida, para a interpretação da comunidade islâmica⁵⁶. Mais recentemente assistiu-se a um grande impulso para a história local, chegado pela mão de Túlio Espanca⁵⁷ que entre outros assuntos abordou o reforço construtivo das muralhas romanas pelos árabes e da localização do castelo “godo-árabe”. Este autor é o primeiro a defender uma efetiva continuidade na ocupação da cidade e um aproveitamento material do espaço.

É de grande importância destacar, igualmente, a obra de Adel Sidarus, que do ponto de vista literário muito tem contribuído para a compreensão da cidade na época considerada. Temos como exemplo a *Fracção de dinar de ibn Wazir* invocando o emir

⁵⁵ PEREIRA, Gabriel, *História da cidade de Évora*, in Boletim de Cultura do Município, ano IX, nº 29 – 30, Évora, 1952.

⁵⁶ IDEM, p.29.

⁵⁷ ESPANCA, Túlio, *Fortificações e Alcaidarias de Évora*: Cadernos de História da Arte Eborense, Ed: Nazareth, Évora, 1946.

almorávida Ishaq ibn`Ali (Significado Histórico e Politico)⁵⁸. No entanto, é no tratamento das fontes literárias, *Fontes da História de al-Andalus e do Gharb*, que este autor dedicou a maior parte da sua obra. Faz uma abordagem da fonte literária mais completa e importante deste período histórico na cidade, um texto árabe do século X, presente na obra *al-Muqtabis V*⁵⁹. Contribuiu para a compreensão do saque de Ordonho II e desse momento crucial.

De igual importância é o trabalho de Artur Goulart de Melo Borges, sobretudo para a análise da epigrafia da cidade, *Duas Inscrições Árabes Inéditas no Museu de Évora*.⁶⁰ Surgem referências ao período islâmico nas obras de Ângela Beirante,⁶¹ Cármen Balesteros e Élia Mira⁶². Refira-se também Hermínia Vilar e Hermenegildo Fernandes⁶³, que abordam o urbanismo da cidade no período Medieval. É através de alguns artigos que diversos autores vão contribuindo para encher o vazio no qual permanece a maioria dos séculos de ocupação Islâmica, como é exemplo Évora Muçulmana,⁶⁴ Da Toponímia de Évora⁶⁵, Achados Islâmicos e Mudéjares, no centro histórico de Évora,⁶⁶ Origens da Cidade de Évora⁶⁷, entre outros.

⁵⁸ ANTUNES, M. Telles e SIDARUS, Adel, *Fracção de dinar de ibn Wazir de Évora invocando o emir almorávida Ishaq ibn`Ali (Significado Histórico e Politico)*. NUMMVS. 2.ª S., XIV-XV, Porto, 1991-92 Pp. 41-51.

⁵⁹ SIDARUS, Adel, *UM TEXTO ÁRABE DO SÉCULO X RELATIVO À NOVA FUNDAÇÃO DE ÉVORA E AOS MOVIMENTOS MULADI E BERBERE NO OCIDENTE ANDALUZ*, In; A Cidade de Évora, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1988.

⁶⁰ GOULART, Artur, *Duas Inscrições Árabes Inéditas no Museu de Évora*, in; a Cidade de Évora, nº 67-68, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1987. Pp. 1-3.

⁶¹ BEIRANTE, Ângela, *Évora, na Idade Média*, Ed: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996.

⁶² MIRA, Élia; BALESTEROS, Cármen, *As Muralhas de Évora*, Actas das Jornadas Inter e Pluridisciplinares. Universidade Aberta, Lisboa, 1993/94.

⁶³ VILAR, Hermínia; FERNANDES, Hermenegildo, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁶⁴ MACHADO, João pedro, *Évora Muçulmana*, in. A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal (1ª Série), nº 17, Évora, 1949, Pp. 329 – 334.

⁶⁵ CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora dos meados do século XII a finais do século XIV*, vol. I. Ed: Colibri, Évora, 2004.

⁶⁶ PAULO, Luis Campos, *Achados Islâmicos e Mudéjares, no Centro Histórico de Évora*, in A Cidade de Évora, Boletim de Cultura da Câmara Municipal, Évora, II Série, nº 4, Évora, 2000.

⁶⁷ GROMICHO, A, *Origens da Cidade de Évora*, in Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora, A Cidade de Évora, nº 45-46, Évora, Pp.29-32.

Ao nível arqueológico, o panorama carece sobretudo de estudos analíticos e de síntese. Vão surgindo singularmente informações importantes no que respeita aos séculos de ocupação islâmica, veja-se os trabalhos do Instituto Arqueológico Alemão, sob a direção de Theodor Haushild ,tendo sido Felix Teichner a publicar os resultados das campanhas de escavação ocorridas no templo romano⁶⁸, lançando informações sobre o quotidiano na zona central da cidade. No entanto, não existe um estudo sistemático que evidencie toda a realidade arqueológica e a interligue com a evolução urbana da cidade e com a relação desta com o mundo islâmico medieval.

Informações importantes, do ponto de vista urbano e arquitetónico, são nos trazidas por Gustavo Val-Flores que, através da toponímia e da análise do urbanismo, tendo por base o estudo comparativo com outras cidades no mesmo período, tentou descortinar a evolução urbana de *Yábura*.⁶⁹ Uma curta referência a este período na cidade se faz na obra de Maria Domingos Simplício, tratando sobretudo questões ligadas ao urbanismo geográfico⁷⁰. Recentemente foi defendida na Universidade Nova de Lisboa⁷¹ uma dissertação de mestrado que junta mais uma peça ao *puzzle*, desta vez relativamente aos materiais exumados na campanha de obras do Museu de Évora.

Ao olhar o volume de trabalho arqueológico levado a cabo na cidade durante as ultimas décadas percebe-se que, apesar da enorme quantidade de material daí proveniente, o conhecimento efetivo resultante é bastante diminuto. Esta é uma problemática transversal aos diferentes períodos históricos, mas é no período islâmico que se agrava. Existe um imenso défice no que respeita a publicações de trabalhos relacionados com a realidade arqueológica no período Islâmico, reconhecendo a importância da análise deste tipo de informação neste período, nomeadamente nas

⁶⁸ TEICHNER, Felix, *Die Mittelalterliche un Neuzeitliche Fundkeramik aus den Grabungen des Deutschen Archäologischen Institutes in Évora, (Alentejo, Portugal)*, Madrider Mitteilungen. Mainz, 1998.

⁶⁹ VAL-FLORES, Gustavo, *A Evolução Urbana do Centro Histórico de Évora, Vol. II, De Elvora a Elbora, Cidade e Sociedade, Séc. IV d.C.-1165*, Câmara Municipal de Évora, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura, Obra não Publicada.

⁷⁰ Simplício, Maria Domingos, *Evolução e Morfologia do Espaço Urbano do espaço urbano de Évora*, tese de doutoramento, Évora, 1997.

⁷¹ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

primeiras fases da ocupação Islâmica, na qual existem escassas referências nas fontes literárias. O contributo do conhecimento aprofundado da Arqueologia torna-se especialmente importante. É um ponto de partida para o decifrar de uma realidade que continua encoberta e com muitas lacunas.

3 - Síntese Histórica

Contrariando alguma produção historiográfica do século XX, o processo da Islamização não foi exclusivamente um processo imposto belicamente, nem a nova religião introduzida à força, mas sim acontecimentos provenientes de uma continuidade civilizacional, que se sustentou através de rotas comerciais e correntes migratórias provindas do Norte de África. Antes das colonizações da era moderna, o homem só dificilmente era arrancado ao seu habitat, ao ambiente onde circularam e morreram os seus antepassados. Excluindo os momentos de cataclismos naturais ou de grandes convulsões sociais e políticas, a inercia das raízes sempre refreou os ímpetus migratórios. Até mesmo os próprios movimentos transumantes tinham retorno cíclico a um território de permanência⁷².

No entanto, contrastando com está aparente imobilidade, destacam-se invariavelmente ao longo da história, pequenos grupos ou indivíduos envolvidos em intrépidas viagens e em manobras de expatriação, movidos por pressões demográficas ou simplesmente acoitados pela fome, “imperceptivelmente e ao longo de muitos anos pequenas correntes migratórias densificam zonas, regiões ou cidades em detrimento de outras. Por isso são de olhar com uma certa contenção e mesmo desconfiança das histórias e das conquistas militares de celtas ou Visigodos, de Árabes ou Berberes, como forma de explicar ou justificar movimentos, saltos civilizacionais ou mesmo bolsas de povoamento”⁷³.

O contacto geográfico que a península Ibérica mantém com o Norte de África, foi potenciador de instabilidade étnica, verificando-se delicadas alterações de povoamento. No entanto foi nos centros urbanos, ou seja, os locais onde a compressão e a mobilidade social se verifica com maior intensidade, que se deu uma maior introdução de novos grupos humanos veiculadores de inovação étnica e

⁷² TORRES, Cláudio, *O Gharb al-Andalus*, Historia de Portugal Vol. I, Antes de Portugal, Dir. de José Mattoso, Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1992, p.369.

⁷³ Idem, p.370.

civilizacional. Contrastando com as zonas rurais em que os mesmos grupos humanos, ou seja, grandes comunidades de camponeses e pastores, continuaram a habitar os mesmos povoados de cume da Idade do Ferro, elaborando uma prática quotidiana proveniente dos seus antepassados distantes.

Olhando para a Península Ibérica, verificamos uma discrepância geográfica entre o Norte e o Sul, separadas pelo sistema montanhoso central, ficando desta forma cada zona ligada a diferentes correntes migratórias, enquanto o Norte fica ligado ao eixo leste-oeste, ligando a Galiza à Aquitânia, na Ibéria meridional, o Sul, tende a estender as suas rotas naturalmente para o Norte de África e para as rotas do mediterrâneo em geral. Este evidente fluxo de comunicação existia já em períodos anteriores, sendo uma evidente herança da romanização, "mesmo à margem da discussão das eventuais e/ou provadas questões de continuidade entre a Antiguidade Tardia e a Islamização, de princípios de permanência de ocupação de espaços/ sítios (eventualmente mais até para os primeiros do que para os segundos) e de um idêntico modelo de divisão de territórios, bastar-nos-á um rápido relance ao mapa das vias romanas do sudoeste para termos uma trama razoavelmente definida dos principais caminhos usados para cruzar as terras do sul durante o período Islâmico"⁷⁴.

O movimento de difusão cultural seguia o curso do comércio. O Irão, onde antes se implantara o Império Sassânida, revelar-se-ia como um alfofre neste mundo medieval islâmico. A sua influência fez-se sentir no comércio, nas técnicas, nas ciências, na farmácia, na arte, nos temas literários, na música, nas técnicas agrícolas, nos gostos culinários⁷⁵. Naturalmente a herança territorial é também bem presente na transição cronológica em causa, regra geral o *Gharb al-Andalus* sobrepôs-se em termos territoriais à antiga Lusitânia, dividindo-se o território de forma a formar cinco áreas geo-históricas, as quais irão subsistir, com reduzidas variações até à formação do Reino de Portugal. O termo de Coimbra com Montemor-o-Velho e todo o baixo Mondego; o estuário do Tejo, constituído pelos centros agregadores de Lisboa-Sintra e Santarém, o

⁷⁴ ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano*, 3ª. Cord. Historia Mundial, Ed. Verbo, Lisboa, 1983, p. 73. FABIÃO, Carlos, *A Herança Romana em Portugal*, Lisboa, 1992, p.258.

⁷⁵ GLICK, Thomas F., *Cristianos e musulmanes en la España Medieval (711-1250)*, ed. Alianza Editorial, Madrid, 1994.

Alto Alentejo, com Beja, Aroche e Mértola; e finalmente, Algarve, antigo território tardo-romano de Ossonoba, que mais tarde se vai repartir entre Santa Maria de Faro e Silves⁷⁶.

A partir do séc. IV d.C. quando começam a desmantelar-se as estruturas políticas do império romano algumas comunidades fixam-se na Península Ibérica. Orientais, sírios, palestinos, gregos, que em prol do comércio cumprem rotas mediterrâneas. São estes mercadores que reorganizaram as funções urbanas, criando novos polos agregadores, em detrimento da antiga cidade-cenário do poder romano.

A nova dinâmica social e económica de Coimbra e Lisboa esvazia as antigas cidades de Conimbriga e *Scalabis*, começaram a manifestar os mecanismos de uma certa autarcia urbana, cuja tradição se perde no Mediterrâneo e que vai atingir o apogeu em época Islâmica. Nestas cidades, o comércio de médio e longo curso, com a sua rede viária e marítima, com os seus contactos em portos de escala longínqua estava nas mãos de poderosas comunidades de orientais⁷⁷.

Existem variadíssimas evidências arqueológicas a comprovarem esta efetiva fixação de diversos povos na Península Ibérica. Como exemplo disso está uma lápide judaica encontrada em Mértola e várias estelas funerárias do séc. VI e VII, que apresentam inscrições em Grego ou em Latim, mas com onomástica grega ou norte-africana. São testemunhos de um intenso relacionamento do oriente mediterrâneo com o ocidente ibérico, em períodos pré-islâmicos. A introdução da religião muçulmana será levada a cabo por estas comunidades mercadoras, por ser a que melhor se molda aos seus interesses comerciais⁷⁸.

Todo este processo de fixação gradual de povos na Península Ibérica levará ao défice de um poder efetivo e bem organizado, que se oponha à entrada dos exércitos árabes em 711 d.C., também explica que a fixação de um novo modelo social e de uma

⁷⁶ TORRES, Cláudio, *O Gharb al-Andalus*, in. *História de Portugal Vol. I, Antes de Portugal*, Dir. de José Mattoso, Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1992, p.369, com extensa argumentação sobre as fronteiras antigas e medievais e sobre a ligação Badajoz/Évora.

⁷⁷ Idem, p.371

⁷⁸ Ibidem, p.372

nova religião seja feito com facilidade, “o cristianismo debatia-se então em sucessivas crises internas, que, naturalmente, refletiam, os variados contextos sociopolíticos em que estava mergulhado”⁷⁹.

José Mattoso sintetiza de forma excecional os acontecimentos que fragilizaram o reino visigótico, facilitando a entrada da cultura árabe na península Ibérica, “minado por incessantes e violentas lutas entre frações da nobreza, atrofiado pela decadência administrativa e fiscal, debilitado pelo desmantelamento da rede comercial e de produção, sangrado pelas perseguições movidas contra os Judeus, com uma população drasticamente reduzida por repetidas fomes e pestes, não admira que o reino visigótico tenha oferecido pouca resistência às invasões muçulmanas de 711-714 d.C.”⁸⁰.

É no contexto de “crise do cristianismo”, na qual se verifica um “fechar em si mesmo”, desta religião, que se afirma o Islão. É sabido que umas dezenas de anos antes da chegada de exércitos árabes, já os princípios fundamentais do Islão circulavam pelos portos do Ocidente. Sendo mais um fenómeno cultural do que militar, mesmo sem as tropas de Tariq b. Ziyad terem rompido pela Península, não será descabido afirmar que o fenómeno de Islamização seria de qualquer forma irreversível.

Existe consenso historiográfico no que toca à data da chegada formal dos exércitos muçulmanos à Península Ibérica, no entanto, existe alguma discrepância no que respeita à conquista do al-Andalus, a literatura acerca do tema é vasta e de qualidade bastante irregular.

Oficialmente, como é conhecido, a invasão muçulmana da Península Ibérica foi, sob muitas formas, a lógica e necessária extensão da conquista da África Setentrional, acontecendo em 711 d.C., comportou um rápido avanço militar pelo interior da Península, facto que se deveu à falta de oposição militar do reino visigodo

⁷⁹ Idem Ibidem, p.372.

⁸⁰ MATTOSO, José, *A época sueva e visigótica*, in. História de Portugal, Dir. José Mattoso, vol. I – Antes de Portugal, ed. Estampa, Lisboa, 1997, p.292.

devidamente estruturada, “as campanhas, desenvolvidas por ordem do governador da Ifriqiya (região correspondente à Tunísia actual), Musa b. Nusayr, foram inicialmente conduzidas pelo seu lugar-tenente, o berbere liberto Tariq b. Ziyad, em nome do califa.[...] Ao desembarque no Sul de Espanha, com uma força hoje avaliada em 7000 homens, berberes na sua maioria, seguir-se-ia o encontro decisivo entre este corpo de desembarque e as tropas do rei visigodo Rodrigo, o qual viria a ter lugar em Julho de 711/93 d. C., nas margens de Wadi Lago (atual rio Barbate), batalha que terminou com a vitória muçulmana, a quem ficou aberta a conquista de toda a Península”⁸¹.

A subsequente invasão foi heterogénea, consoante as regiões, a parte norte, a atual Galiza e o Minho, foram conquistadas “à força” segundo a expressão dos próprios juristas muçulmanos, envolvendo o confisco de terras, na proporção de um quinto a favor dos muçulmanos. Todavia, esta conquista, inacabada, foi bruscamente interrompida pela mobilização do chefe árabe Musã ibn Nusayr, governador do Magrebe e chefe da expedição, por ordem do califa al-Walid de Damasco (705-715 d. C.). Esta suspensão deixou toda a região noroeste da Península até á zona do Douro sem ocupante e ofereceu aos senhores visigodos que não aceitaram a conquista, a oportunidade de criar um bastião de resistência que os muçulmanos nunca puderam reduzir.

Entre o Tejo e o Mondego, pelo contrário, a conquista fez-se por tratado, celebrado provavelmente em 714 d.C. entre Abd-al Aziz, o filho e sucessor de Musa ibn Nusayr, e Aidulfo, senhor pertencente à família real visigótica, descendente de Vitiza, que instalou a sua capital em Conímbriga. Tudo indica que o seu poder se estendia até Lisboa. Esta zona, submetida às mesmas condições que Múrcia (Tudmir), região para a qual conservámos o texto do tratado, mantinha a sua autonomia, a troco do pagamento de um tributo anual aos governadores árabes, o acolhimento de

⁸¹ TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, *O Gharb al-Andalus*, Historia de Portugal Vol. I, Antes de Portugal, Dir. de José Mattoso, Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1992, p. 419.

guarnições árabes nas principais praças-fortes da região (o seu nome não nos chegou ao presente) e o compromisso de não se aliarem aos inimigos dos vencedores”⁸²

É necessário ter em conta que durante o início da Islamização se verifica uma clara rutura entre a zona imediata da capital, Córdova e o restante território do Gharb al-Andaluz, sobretudo durante a época de ‘Abd al-Rahmān II (822-852 d. C.), a região de Córdova sofreu um enorme desenvolvimento, “facto que comprovam os textos escritos que relatam a corte brilhante que rodeava o soberano”⁸³. Contrariamente encontrava-se o restante território, no qual a transformação foi bastante mais difícil e demorada.

Um facto importante, nesta primeira fase de Islamização (séc. VIII/IX), refere-se à conversão de um determinado número de senhores visigodos à nova religião e sociedade vigente (muwalladun), e que serviram o poder central Cordovês para administrar algumas regiões. Atestando o referido facto está Marwān al-Jilliqî – o Galego, que foi governador de Mérida, os Banu ibn Zadlafe em Faro, os Banu I-Surunbaki na região de Évora, entre outros. Estes senhores são determinantes para a administração territorial no território do al-Andalus, “convertidos no séc. IX, possuem bens importantes e, dominam as populações que arrastam consigo neste movimento religioso e cultural. Pretendem assim conseguir em volta dos soberanos os mesmos privilégios que as elites árabes. O processo de assimilação estimulado na época de ‘Abd al-Rahmān e no início do reinado de Muhammad (852-886) é interrompido por razões ainda mal conhecidas e arrasta uma revolta geral no final do séc. IX, por parte destes soberanos e do conjunto de chefes árabes e berberes do al-Andalus”⁸⁴.

Contemporaneamente a estes acontecimentos sociais, as populações Berberes instaladas no Norte do Tejo levam a cabo um movimento de refluxo para Sul, fenómeno provavelmente ligado ao avanço dos “cristãos” sobre o Douro. Estes instalam-se nas regiões férteis do Tejo, facto relatado pelo historiador andalusy do séc.

⁸² PICARD, Christophe, *A islamização do Gharb al-Andalus*, in. Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo, Lisboa 1998, Pp. 25 e 26.

⁸³ Idem, p. 27.

⁸⁴ Idem, p. 27.

IX, Ibn Hayyãn, que sublinha as rivalidades entre os Berberes e os Senhores Visigodos convertidos ao Islão. Este facto que potenciou lutas locais pelo poder e a emergência de principados autónomos de apoio ao Islão, estando os cristãos moçárabes demasiado enfraquecidos para levarem os omíadas a reconhecer o seu poder sobre a região.

A emergência destas dinastias locais reforçam a Islamização do território e potenciam um rejuvenescer económico, fato visível pela fundação de cidades como Badajoz e pela reconstrução de centros urbanos como Évora, após ter sido arrasada por Ordonho II em 912 d.C. como referem os textos de Ibn Hayyan e Ibn Idhãri (séc. XIII), relato do qual falaremos adiante. Verifica-se assim no séc. X a efetiva prosperidade da sociedade muçulmana na Península Ibérica, facto consumado devido ao contributo traçado no séc. IX por árabes, berberes, muladis e moçárabes⁸⁵.

Contrariamente à forte autonomia que o *Gharb al-Andalus* foi sujeito nos primeiros anos de ocupação, quer cristã a norte do Tejo, quer dos clãs iemenitas do Sul, a partir do séc. IX a situação mudou, devido à determinação dos Omíadas⁸⁶ em controlar as regiões periféricas que não estavam sob a sua alçada, “após a sua primeira ofensiva, em 844 d.C. as cidades como Lisboa são governadas por um ãmil, representante do poder, tendo especificamente como função cobrar os impostos. Em Ossónoba, encontramos a presença de um governador, o *wãli* e um *cádi* ou juiz. Estes personagens formam o topo de uma hierarquia que é deficientemente conhecida. Os autores árabes deixam-nos sobretudo listas de capitais e de distritos administrativos, permitindo delimitar, com alguma precisão, as regiões administrativas”⁸⁷.

No período emiral, as cidades-chave na cena político-social são as que já na Antiguidade detinham alguma importância, tais como Mérida, Niebla, Faro, Beja, Lisboa, Coimbra e Santarém, tendo as três últimas recebido guarnições militares. A

⁸⁵ SIDARUS, Adel, *Um texto árabe do século X relativo à nova fundação de Évora e aos movimentos muladi e berbere no ocidente andaluz*, In; A Cidade de Évora, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1988.

⁸⁶ Nome atribuído à dinastia que fundou o emirato e califado de Córdova. Reinaram em Damasco de 661 a 750 e em Córdova de 756 a 1031.

⁸⁷ Idem, p28.

emergência de dinastias locais, no final do séc. IX e início do séc. X, marca uma evolução, com a instalação de chefes autónomos nas cidades que eles próprios tinham fundado e que, por vezes, ultrapassaram e fizeram decair as cidades antigas, como é o caso de Badajoz.

As grandes construções e reconstruções de cidades e fortalezas levadas a cabo no período califal dos séculos X e XI demonstram bem a prosperidade do momento, prova disso está a colossal residência do Califa 'Abd al-Rahmān III, a cidade de Madinat al-Zahra. No decurso do séc. XI o referido Califado entra em rutura e generaliza-se um empobrecimento, facto que gerou uma divisão política de pequenos emiratos e de guerras civis, favorecendo os cristãos do norte mas também estimulando um enriquecimento e uma vida cultural admiráveis.

O al-Andalus dividiu-se numa variedade de pequenos Estados, os governadores destes pequenos reinos eram conhecidos como *muluk al-tawā'if* (reis de fações ou grupos)⁸⁸. A zona setentrional formou um único emirato sob a autoridade dos berberes Aftácidas de Badajoz, até Beja, tendo sido o Sul dividido em pequenos estados como Silves, Faro, Mértola, Huelva-Saltes, Niebla e Sevilha, tendo sido absorvidos pelos Abádidas de Sevilha em 1050.

O Algarve, sob o impulso dos emires independentes e depois com os Abádidas, conheceu então um forte crescimento: a via terrestre Sevilha-Silves, como a rota marítima, com o aparecimento de arsenais ou estações navais em Silves, Faro e Saltes, foi das mais frequentadas da Península. Pelo contrário, algumas cidades intermédias como Beja viram a sua influência decrescida⁸⁹.

⁸⁸ KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na península Ibérica*, Ed. Europa- América, Lisboa/Sintra, 2005, p. 153.

⁸⁹ PICARD, Christophe, *A islamização do Gharb al-Andalus*, in. Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo, Lisboa 1998, p. 30.

4- Enquadramento Geográfico

Grosso modo, montanha e planície resumem o aspeto geográfico das duas metades da Península, como refere José Mattoso. A montanha, com vastas áreas lisas onde o relevo se sente apenas nos ásperos declives que a limitam, planície tantas vezes ondulada. “Em todo o caso, duas vocações humanas: de um lado terras abertas, caminhos fáceis, vastas áreas permeáveis a influências estranhas, por onde alastram os tons uniformes das mesmas civilizações, do outro, mil obstáculos, que impõem ou permitem o isolamento”⁹⁰.

No Sul, “a cultura fazia-se apenas à roda das povoações e ao longo dos cursos de água. Sobre o terreno ondulado, nos areais da beira-mar, nos cascalheiros que enquadram o curso dos rios, apenas havia o matagal interminável de estevas, lentiscos e medronheiros. De longe derrotava-se um pedaço, chegava-se logo aos ramos ressequidos, semeando-se na cinza fertilizante. Mas depois de dois ou três anos de seara, tudo volvia ao bravio primitivo”⁹¹.

É neste contexto que se insere a cidade de Évora. Actualmente, do ponto de vista geográfico e administrativo, Évora faz parte da sub-região designada como Alentejo Central. O território envolvente possui características geomorfológicas que se inserem na unidade morfoestrutural da Península Ibérica denominada Maciço Hespérico, sendo que os terrenos mais antigos datam do Proterozóico Superior e são constituídos por migmatitos e gnaisses granitóides. As unidades litoestratigráficas presentes são do Câmbrio inferior (micaxistos e leptinitos anfibólicos), Ordovício Silúrico (metavulcanitos, anfibolitos e micaxistos), Devónico médio ao Carbónico Inferior (xistos, grauvaques, vulcanitos e calcários)⁹².

⁹⁰ Mattoso, José, *A Identificação de um País, Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Ed. Referência/ Editorial Estampa, Lisboa, 1985, vol. I p.p. 34.

⁹¹ RIBEIRO, Orlando, *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, Ed. Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1970, p. 296-297.

⁹² ROCA, Zoran, OLIVEIRA, José António, *A paisagem como elemento da identidade e recurso para o desenvolvimento*, In: Congresso Ibérico de Geografia, 10, Évora, 2006, p. 34.

Topograficamente a cidade ocupa uma colina de declive acentuado a norte, e suave a sul, com máxima expressão nos trezentos e onze metros de altitude. O bom domínio visual sobre a vasta planície suave que a rodeia, propicia condições defensivas naturais de excelência, fatores que decisivamente motivaram a escolha do local para a fixação antrópica⁹³.

Os terrenos em que a cidade se insere, apesar da qualidade inferior em relação, por exemplo a Beja, segundo al-Idrisi, ofereciam bastante qualidade e fertilidade, “o território que a cerca é de uma fertilidade singular, [...] produz trigo, gado e toda a espécie de frutos e legumes.”⁹⁴ Quanto à conceção do meio ambiente, é comum perpetuar-se o erro de transpor as fronteiras e paisagens atuais para as antigas, a suposição de “aquilo que lá está é aquilo que sempre esteve”, é fundamentada na errada convicção de que o quadro paisagístico é o mais estável dos parâmetros, o “cenário imutável”, que resiste a toda e qualquer transformação⁹⁵.

Assim sendo, a composição da paisagem no período medieval torna-se difícil de aferir com rigor, pois a mão do homem modificou as condições vegetais conforme a própria necessidade. Por exemplo, a paisagem de montado tal como se conhece é produto humano, esta desflorestação poderá ter-se agravado na idade média, já que o acesso aos materiais de construção e ao combustível (madeiras) implicavam uma intensa exploração florestal. A designação de matos para fornecer fornos de pão e olarias, são atribuídos pelas posturas e tombos, nomeadamente os matos de Montemuro Enguerenal e Cegonha, situados a Oeste da cidade⁹⁶. A mesma autora refere a preponderância de trigo, de olival, pomares e vinhas, cultivados desde a época romana a par da criação de gado, nomeadamente bovino e capríneo, o que faz crer a

⁹³ RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Ed: Sá da Costa, Lisboa, 1986, p. 54.

⁹⁴ COELHO, Borges, *Portugal na Hispanha Árabe*, p. 53.

⁹⁵ CARNEIRO, André, *Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira*, Ed: Colibri, Município de Fronteira, Município de Cascais, 2004, p. 57.

⁹⁶ BEIRANTE, Maria Ângela, *Évora na Idade Média*, Ed: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995, p. 12.

existência de bons pastos para o gado na envolvência da cidade e a proximidade de terrenos férteis⁹⁷.

É importante ter de igual forma em conta, neste território, onde os recursos aquíferos não abundam, a localização da cidade num ponto de confluência de três bacias hidrográficas: as bacias do Tejo, do Sado (Rio Xarrama e o Valverde) e do Guadiana (pela ribeira do Degebe e pelo rio Divor)⁹⁸. A facilitada recolha de água neste período, até com a descativação do aqueduto romano, deve-se à abundância de lençóis de água em toda a área citadina, a um nível freático baixo, fato condicionado pela constituição dos solos na região da cidade⁹⁹.

⁹⁷ Idem, p. 13.

⁹⁸ RIBEIRO, Orlando; LAUENTACH, Herman; DAVEAU, Suzanne, *Geografia de Portugal – A Posição Geográfica e o Território*. Vol.I Ed: João Sá da Costa, Lisboa, 1987, P.21.

⁹⁹ Idem, p. 34.

5 - Introdução histórica e urbanística da cidade

Olhando para os longínquos antepassados, apercebemo-nos que são diversos os povos que deixaram marcas na região da cidade de Évora. Centremo-nos na presença romana e visigótica na cidade, que influenciaram diretamente a cultura do al-Andalus. Encontrando-se em curso a degradação do mundo Romano, “se considerarmos as características fundamentais da vida e da civilização material, verificamos que as alterações se vão introduzindo quase imperceptivelmente, mais por um demorado atrofiamento das estruturas antigas do que pela introdução de hábitos e gostos novos”¹⁰⁰, fato que se confirma através da reocupação de diversos espaços na cidade de Évora. “Podemos verificar em certos casos, a permanência da topografia e do traçado regular das ruas e reconhecer-se, até, ainda, em plantas atuais, os vestígios do sistema urbano romano; [...] Évora, Idanha, Cáceres e Mérida, são exemplos mais ou menos bem conhecidos.”¹⁰¹

Segundo a linha de pensamento de José Mattoso, o mundo antigo caracterizava-se essencialmente pela preferência do mundo urbano em detrimento do rural, situação que amortece na transição para o cosmos visigótico. Após uma degradação urbana generalizada no final do mundo romano, vai surgir uma fuga para o mundo rural, associado a uma degradação administrativa que degenerou nos primórdios do sistema feudal¹⁰². Contra a corrente de ruralização surge a cultura islâmica, com um sistema económico que, segundo António Borges Coelho, “assenta numa cadeia infida de cidades, ligadas pelo cordão do comércio”¹⁰³.

Está patente a “continuidade civilizacional” que envolve esta cultura, tanto do ponto de vista material como social e administrativo apreende as influências dos

¹⁰⁰ MATTOSO, José, A época sueva e visigótica, in. História de Portugal, Dir. José Mattoso, vol. I – Antes de Portugal, ed. Estampa, Lisboa, 1997, p.292. pág. 323.

¹⁰¹ Idem, p. 324.

¹⁰² MATTOSO, José, A época sueva e visigótica, in. História de Portugal, Dir. José Mattoso, vol. I – Antes de Portugal, ed. Estampa, Lisboa, 1997, p.292. Pp. 323 a 356.

¹⁰³ COELHO, António Borges, *Donde Viemos*, História de Portugal volume I, Editorial Caminho, Alfragide, 2010., p.125.

antepassados romanos. A cultura do al-Andalus, apesar desta assimilação do mundo antigo, trará, um sistema de funcionamento e *modus vivendi* próprio, e diferente dos que até então se conheciam na Península Ibérica¹⁰⁴.

Segundo Christophe Piccard, algumas regiões de Portugal, nos primeiros tempos após a conquista islâmica da Península Ibérica, permanecem um pouco à margem dos movimentos culturais e políticos da capital Córdoba, como é exemplo a cidade de Évora, que é caracterizada pelo défice referencial, nas fontes literárias da época. A falta de referência das fontes a Évora faz querer que as populações aqui fixadas, não levantaram resistência á entrada do poder islâmico. Bastará um rápido folhear dos geógrafos e historiadores andaluzes da idade media para se constatar que as menções mais persistentes a sítios como Beja, Idanha-a-Velha, Ossonoba, ou Mérida só se esbaterão, em épocas mais tardias, para darem então lugar a novos centros de poder, como Silves ou Évora¹⁰⁵.

Olhemos para a realidade de Évora em 711 d. C. No momento da chegada dos exércitos árabes ao Gharb al-Andalus, a desintegração política, social, económica e religiosa, que se viveu no declínio do mundo visigótico foi uma alavanca que potenciou a entrada e aceitação de uma nova ordem religiosa e cultural. No entanto a cultura islâmica que se fixou na península ibérica, é de muitas formas influenciada pela romana e visigótica, esta herança está patente nos espaços físicos da cidade de Évora, nomeadamente em reaproveitamentos de edifícios/espacos à muito utilizados¹⁰⁶.

A presença de um grupo de muçulmanos árabes no território foi de extrema importância para o lento processo de absorverão da nova religião pelas populações. A esta presença juntou-se a de alguns jovens autóctones na corte emiral do século IX. Estes desempenharam um papel importante nos governos regionais, servindo de

¹⁰⁴ Afirmação fundamentada na distinção entre a realidade material romana e visigótica e a islâmica. (este “rasgo material” verifica-se sobretudo a partir da segunda metade do século X em diante, e é fruto de um lenta evolução cultural).

¹⁰⁵ Fonte publicada - Yackubi (1937), Les pays (trad.de Gaston Wiet), Cairo, Istitut Français d'Archéologie Orientale.

¹⁰⁶ A título de exemplo; SARANTOPOULOS, Panagiotis, Thermae de Eborā Liberalitas Iulia. In Termas romanas en el Occidente del Império II in Colóquio Internacional de Arqueologia en Gijón: Ayuntamiento de Gijón. Pp. 281-282.

interlocutores de Córdoba, funcionando como veículo de transmissão cultural. Durante o lento e tardio processo de islamização da região do Gharb, uma elite árabe governava uma vasta população não convertida ao islão, a qual se concentrava sobretudo nas cidades¹⁰⁷.

Como é notório no balanço historiográfico inicialmente disposto o conhecimento acerca da ocupação islâmica de Évora encontra-se ainda numa fase bastante preliminar. Ao nível das fontes escritas o panorama é bastante redutor para os primeiros séculos, sendo o texto da obra *Al-Muqtabis V*, relativamente ao saque da cidade pelas ostes de Ordonho II em 913 d.C. e à sua nova fundação, a única fonte informativa escrita, oferecendo sobretudo dados acerca do urbanismo da cidade pré-saque. Relativamente aos vestígios materiais a principal dificuldade é a falta de sistematização e análise dos espólios e das estruturas provenientes das escavações arqueológicas que, ao longo de várias décadas, foram sendo descobertas informações importantes acerca do quotidiano e da evolução urbanística da cidade.

Muito pouco se conhece, de definitivo e seguro, sobre a organização do espaço urbano na cidade islâmica de Yábura¹⁰⁸. Quanto à sua origem é unanimemente aceite pela comunidade científica que a cidade islâmica assenta na matriz romana¹⁰⁹, tendo como artérias principais o *Cardum Maximus* e o *Decumanus Maximus* de fundação cronologicamente anterior¹¹⁰, fazendo dos limites da malha urbana na definição dos limites da cidade romana. O que delinea os limites da cidade até ao século XI são as muralhas, que se assumem como a prova física que subsistiu cronologicamente. "A matriz da malha urbana de Yábura é romana, ainda que tardia, e se mantém sem

¹⁰⁷ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 126

¹⁰⁸ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in *Revista Monumentos* nº 26, p. 1.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 1.

¹¹⁰ MANTAS, Vasco Gil, *Arqueologia Urbana e Fotografia aérea: Contributo para o estudo do Urbanismo Antigo de Santarém, Évora e Faro*. In: *Trabalhos de Arqueologia* 03, M.E.C., IPPC, SEC, Departamento Regional de Arqueologia, Lisboa, 1986, p.203.

soluções de continuidade estruturais até ao crescimento, difícil de datar com precisão, que conduzirá à redefinição do século XIV¹¹¹.

Este testemunho arquitetónico é referido na crónica acima citada. Quando as ostes de Ordonho II chegam a Évora descrevem a muralha como baixa (*mutatammin*) e não tinha no topo parapeito (*sitāra*) nem ameias. Havia numa zona do exterior um elevado montão de lixo. Os habitantes da cidade costumavam atirá-lo para ali, a partir do interior da muralha¹¹².

A fundação desta muralha é claramente tardo romana, como comprova o seu sistema construtivo de silharia em *opus quadratum*, garantindo solidez defensiva em parceria com torres quadrangulares de 4,50 m de largura, dispostas sequencialmente de 20 em 20 metros¹¹³. O facto de Évora ter sido considerada sede episcopal no século VI¹¹⁴ com representação nos Concílios visigóticos de 597 a 63¹¹⁵, pode indicar, de modo genérico, financiamento e cuidado em manter a muralha operacional em tempos sociopolíticos tão atribulados¹¹⁶.

Baseado no pressuposto do traçado fortificado eborense não ter sucumbido durante três séculos de um sucessivo abandono estrutural, mas sim ter usufruído dos benefícios conectados com a posição de sede episcopal para a sua conservação, admite-se a possibilidade das muralhas ainda se manterem funcionais nos primeiros tempos de ocupação islâmica¹¹⁷.

¹¹¹ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p. 2.

¹¹² SIDARUS, Adel, *Um texto árabe do século x relativo à nova fundação de Évora e aos movimentos muladi e berbere no ocidente andaluz*, In: *A Cidade de Évora*, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1988, p.22.

¹¹³ GARCÍA Y BELLIDO, António, *El recinto mural romano de Évora- Liberalitas Ivliá*, In: *Conimbriga X*, Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1971, Pp. 85-92.

¹¹⁴ FOUSSIER, Robert, *La Edad Media. La formación del mundo medieval*, Ed: Critica, Barcelona, 1988, p. 379.

¹¹⁵ MATTOSO, José, *A cidade Medieval na Perspectiva da História das Mentalidades*, in: *Cidades e história*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1992, Pp.17.

¹¹⁶ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 65.

¹¹⁷ Idem, p. 65.

Juan Zozaya defende a perspectiva de que a muralha foi reparada por várias vezes durante o período emiral (século VIII e XI), no final do reinado de ‘Abd al-Rahmān I, designadamente a reparação de troços da muralha seguindo técnicas construtivas orientais, com paralelos na Jordânia e na mesquita de Córdoba, inserindo-as no que denomina por tipo3, cronologicamente balizada entre os anos 756 e 786¹¹⁸. Fernando Correia Branco, realça que o estado das muralhas no momento do saque de Ordonho II era degradante. A reconstrução da nova muralha foi feita aproveitando o perímetro da que foi deitada abaixo alguns meses antes, por forma a evitar a instalação de povos berberes¹¹⁹. Mostrando assim que a cidade da segunda metade do século X e primeira metade do XI ocupou o mesmo perímetro da cidade tardo romana e emiral. Os construtores vindos de Badajoz poderão ter modificado em determinados aspetos por forma a contribuírem para a sua robustez e inexpugnabilidade, dada a possibilidade do perigo asturiano-leonês poder vir-se a colocar novamente¹²⁰.

Outro facto referido por Fernando Branco Correia é que uma característica destas novas muralhas são as portas. Tudo leva a crer que se deu especial cuidado às entradas, certamente em boa madeira e eventualmente chapeadas¹²¹. Outro aspecto importante é o de que existiu em Évora uma torre denominada “do Caroucho”, implantada no local onde atualmente se encontra o restaurante “a Muralha”, ou perto desse ponto. Esta informação aponta para a existência de uma couraça, “se uma observação do terreno pode apontar para a existência de uma torre de couraça em frente ao restaurante “o Tunel”, onde está uma dependência bancária implantada, num edifício que aproveitou uma antiga torre, também não é impossível que essa torre fosse uma torre albarrã (...) Sem haver ainda certezas não seria impossível que a reconstrução de Évora de 914, ou eventualmente mais tarde tivesse dotada a muralha

¹¹⁸ ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan, *Arquitectura militar en al-Andalus*, In: Xelb 9, Ac: Xelb 9, Actas do 6º Congresso de Arqueologia do Algarve – O Garb no Al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos. Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Silves, 2009, p. 116.

¹¹⁹ CORREIA, Fernando Branco, *Fortificação, Guerra e Poderes no Gharb al-Andalus*, Tese de Doutoramento, policopiada, p.277.

¹²⁰ Idem, p. 277.

¹²¹ Idem, p. 277.

de uma torre especialmente vocacionada para assegurar um controle sobre um poço ou veio de aquífero”¹²².

Através da narrativa do *Muqtabas*¹²³ podem ainda descortinar-se alguns fragmentos do que seria o tecido urbano islâmico. Destaca-se, em primeiro lugar a ausência de referências a quaisquer arrabaldes que, a existirem, não deixariam de ser presa imediata de Ordonho”¹²⁴. No entanto os dados arqueológicos apesar de escassos, no exterior da muralha antiga, provam a existência de arrabaldes a partir do final do século XI e inícios do XII, como está patente nas escavações do Paço dos Lobo da Gama¹²⁵ e do Mercado Municipal¹²⁶.

Existe conformidade científica quanto à localização da alcáçova na zona nascente da colina da cidade¹²⁷, devendo ainda ser comprovada pela arqueológica. “As transformações que os primeiros registos cristãos depois da conquista documentam – o duplo alcáçer, depois os arrabaldes – mostrando uma *madina* que cresceu e se complexificou na organização interna do espaço, devem pois datar-se dos 250 anos que medeiam entre o início do período califal e a conquista cristã”¹²⁸.

“O alcáçer velho”¹²⁹ é referido pelos cristãos do século XII – “*fortalicium nostrum quod vulgari dicitur Alcaçar*”¹³⁰ embora mais uma vez aqui só campanhas arqueológicas suficientemente abrangentes nos pudessem dar certezas, pensamos poder atribuir ao período califal a construção do recinto, já por não haver qualquer

¹²² Idem, p.228.

¹²³ SIDARUS, Adel, *Um Texto Árabe do Século X Relativo à Nova Fundação de Évora e aos Movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz*, In: A Cidade de Évora, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1988.

¹²⁴ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p. 2.

¹²⁵ LOPES, Gonçalo; COSTA, Cláudia, *O Paço dos Lobo da Gama: Faunas do arrabalde ocidental de Évora islâmica*, (no prelo).

¹²⁶ GONÇALVES, Gerardo Vidal; BALLESTEROS, Cármen, *Intervenções Arqueológicas no Centro Histórico de Évora, 2000 - 2002*, in Revista Monumentos nº26, p.28.

¹²⁷ BALESTEROS, Cármen; OLIVEIRA, Jorge; MIRA, Élia; *As Muralhas de Évora: Aspectos Problemáticos do Sistema Defensivo*. In: A Cidade de Évora, II Série, nº 2. Évora, 1996-97, p. 80.

¹²⁸ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p. 5.

¹²⁹ BEIRANTE, Maria Ângela, *Évora na Idade Média*, Ed: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995, Pp 44-45.

¹³⁰ PEREIRA, Gabriel, *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, Ed: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, Lisboa, 1998,p. 16. “a nossa fortaleza, comumente chamada de Alcáçer”.

notícia dele anterior, já pela analogia de situação de Mérida, outro, e mais importante, centro da autonomia regional de base muladi¹³¹. A localização da alcáçova em Évora aproveita a cota mais alta e simultaneamente a uma situação periférica à restante Medina, devendo o complexo do depois Palácio dos Condes de Basto corresponder a este alcácer provavelmente califal¹³². A construção da alcáçova constitui um ponto estratégico na cidade, conseguindo um excelente isolamento e defesa, adaptando-se às curvas do terreno¹³³. A sua disposição relativamente à geoestratégia permite um controlo visual sobre a vasta planície envolvente¹³⁴.

Segundo os autores citados a alcáçova teria duas portas, uma que dava acesso à cidade, situada na face poente do complexo, proporcionando o acesso ao núcleo urbano e mesquita¹³⁵, e uma segunda porta, situada na face nascente da Pousada dos Loios, que facultava o acesso direto ao exterior da Medina¹³⁶.

De igual forma, a apreciação da historiografia quanto à localização da Mesquita *aljama* é unanime em apontar para o local onde hoje se ergue a Sé Catedral¹³⁷, no entanto, carece também de comprovação arqueológica,

Se tomarmos em linha de conta apenas a informação literária sobre a cidade de Évora entre o século VIII ao XI, mesmo ao nível da informação que os testemunhos arquitectónicos nos fornecem, apesar da expressividade que as muralhas oferecem, persistem muitas lacunas acerca da vida quotidiana. Na quase ausência de elementos escritos, a arqueologia e, sobretudo, a cerâmica tornam-se imprescindíveis para o estudo do quotidiano, como testemunho da evolução urbana. Dispomos hoje de uma série de elementos arqueológicos que surgem como pontas soltas de uma realidade que em grande parte se mantém oculta.

¹³¹ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p. 6.

¹³² Idem, p.6.

¹³³ Idem, p.80.

¹³⁴ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 78.

¹³⁵ BALESTEROS, Cármen; OLIVEIRA, Jorge; MIRA, Élia; *As Muralhas de Évora: Aspectos Problemáticos do Sistema Defensivo*. In: A Cidade de Évora, II Série, nº 2. Évora, 1996-9, p 69.

¹³⁶ LIMA, Miguel Pedroso, *Muralhas e fortificações de Évora*, ed: Argumentum, Lisboa 2004, p. 50

¹³⁷ TORRES, cláudio, MACIAS, Santiago, *As cidades*, in. O legado islâmico em Portugal, círculo de leitores, lisboa 1998, p. 123.

6 - Contextualização estratigráfica dos espólios cerâmicos de Évora

O conjunto de materiais em estudo tem procedência em treze escavações ocorridas em Évora. As intervenções arqueológicas realizadas ao longo dos anos, quase sempre com o intuito de minimizar efeitos decorrentes da construção civil no património arqueológico¹³⁸, colocaram à luz do dia uma diversidade considerável de espólios, nomeadamente dos séculos IX, X e XI. No entanto, no que respeita a um entendimento claro da realidade arqueológica no seu conjunto, torna-se tarefa difícil, já que apenas temos acesso a pequenos fragmentos da realidade no seu todo. A falta de uma investigação arqueológica, contínua, na cidade, combinado com as sucessivas alterações sofridas no local ao longo dos séculos, torna difícil a reconstituição integral daquilo que foi a derradeira ocupação da cidade de Évora em período islâmico.

Torna-se importante clarificar que muitas das escavações aqui tratadas forneceram dados que transcendem cronologicamente os séculos em estudo, apresentando informações imprescindíveis, relativas ao período romano e à ocupação almóada da cidade. No entanto, foi levada a cabo uma seleção estratigráfica e material, sem esquecer a ligação transitória com os períodos anteriores, tentando-se assim uma seleção cronológica e uma dissecação do ponto de vista material à estratigrafia histórica, debruçando-se sobre os primeiros períodos da ocupação islâmica.

Para se caracterizar a topografia histórica referente aos séculos em estudo, são poucos os elementos que dispomos, o que muito se deve ao facto de só pontualmente terem sido escavados níveis islâmicos em Évora. Paralelamente existe um défice de estruturas nos níveis estratigráficos até agora conhecidos. Os materiais que têm vindo a ser exumados resultam em grande parte de níveis de revolvimento e/ou lixeira. No entanto, para os séculos em estudo, têm sido recolhidos materiais arqueológicos

¹³⁸ Os materiais provem de tipologias estratigráficas distintas: níveis de entulho/ lixeira – 36, 50%; de silos - 36, 50%; associados a outro tipo de estruturas - 27%.

sobretudo cerâmicos, que apontam para uma ocupação ininterrupta durante todo estes séculos.

O primeiro fator, a contextualização estratigráfica/urbanística, é a distribuição espacial dos elementos arqueológicos de que dispomos. Os sítios arqueológicos que apresentem níveis de ocupação califal e taifa excedem do ponto de vista geográfico, a malha urbana amuralhada antiga, facto que contesta de certa forma algumas perspetivas históricas que até aqui têm prevalecido. A “cerca velha” encontra fundação em período romano-visigodo, tendo sido alvo de destruição e reconstrução em pleno período islâmico. A reconstrução da malha urbana assentará essencialmente na definição dos seus limites, bem como na da sua “área áulica”. E, nesses limites está talvez a chave para decifrar as relações que o núcleo islâmico mantém com o então próximo passado romano prolongado na Antiguidade tardia visigótica¹³⁹.

As escavações na Alcárcova de Cima mostram a sobreposição de uma casa do século III, o que é consentâneo com a cronologia dos centros urbanos a partir deste período, dissipariam todas as dúvidas sobre a origem da cerca que envolve os cerca de 12 ha correspondentes ao espaço intra-muros durante os mais de mil anos seguintes. “Crê-se que a matriz da malha urbana de *Yábura* é romana, ainda que tardia, e se mantém sem soluções de continuidade estruturais até ao crescimento, difícil de datar com precisão, que conduzirá à redefinição do século XIV”¹⁴⁰.

Considerando as noções acerca da geografia urbana da cidade no período islâmico inicial, observamos treze locais, nos quais as intervenções arqueológicas têm posto a descoberto vestígios da cidade, desde o momento da ocupação passando pelo período do emirato e califado omíada até à taifa abádida de Badajoz do século XI.

¹³⁹ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p. 1.

¹⁴⁰ Idem, p. 1.

6.1 - Termas Romanas

Partindo do ponto mais distante do centro, da zona intra-muros da cidade medieval, encontramos nas escavações levadas a cabo na década de 90 por Panagiotis Sarantopoulos, nas termas romanas situadas no edifício dos Paços do Concelho, um contexto estratigráfico, de onde se exumou um conjunto interessante de materiais de cronologia islâmica. Poucos ou nenhuns níveis estratigráficos se encontravam perfeitamente selados, exceto um ou outro contexto, nomeadamente o silo dos quadrados A1¹⁴¹ e B1¹⁴² que continha materiais eventualmente balizados dos finais do séc. XI e século XII (por exemplo fragmentos de talha estampilhada)¹⁴³. Este silo encontra-se situado em plena *natatio*, e é talvez a única estrutura de época islâmica, existente no espaço dos atuais Paços do Concelho e cuja interpretação é mais fiável.

É nítido o revolvimento das camadas e dos respetivos materiais associando-se uma fragmentação sistemática das peças que, muito excepcionalmente se podem reconstituir completamente. A leitura mais correta é a de o local ter sido utilizado durante diferentes períodos como vazadouro de lixos desde o período tardo romano, o que justifica o mau estado dos objetos e a sua não associação a estruturas islâmicas, que na realidade nunca terão existido. É de destacar também o aparecimento de materiais de período islâmico, descontextualizados, no *Praeforium* da mesma estrutura¹⁴⁴.

Não existindo uma estratigrafia clara que contextualize os materiais, a consideração cronológica baseia-se exclusivamente nos pormenores tipológicos/morfológicos e em paralelos bibliográficos, estando associadas a este sítio, a título de exemplo as peças TER99-030-1584, TER99-015-993, TER99-032-3445, EVR-T-90-77.

¹⁴¹ LOPES, Gonçalo; SANTOS, José Rui, Cerâmica islâmica da *natatio* das termas romanas de Évora (Portugal) – Poster, in. X Edição do Congresso Internacional “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo”, Silves, 2012.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ SARANTOPOULOS, Panagiotis, Relatório de Sondagens Arqueológicas nas Termas Romanas de Évora, 1999. – Ver peça EVR.T/97/833 - figura XXI do anexo I.

¹⁴⁴ Idem.

6.2 - Casa de Burgos/ Rua de Burgos

No ano de 1989 as escavações na Alcárcova de Cima, põem a descoberto um conjunto diversificado de estruturas de fundação romana. Existe um espaço paralelo ao edifício que se pode interpretar como rua ou pátio de circulação e uma insula urbana, que evidencia através de um sistema de muros cuja ortogonalidade é definida pelo conjunto edifício/rua¹⁴⁵. Posteriormente, toda a área diante do edifício é terraplanada, o que pode corresponder à edificação da Cerca Velha sobre as bases do grande edifício.

O segundo período corresponde à Alta Idade Média, com um conjunto de estratos que englobam diversas construções habitacionais, cuja planta é difícil de interpretar, mas que se anexam parcialmente à zona superior do grande edifício da época romana e à Cerca Velha.

Devido ao conjunto de materiais arqueológicos daqui exumados, como são exemplo as peças: EVR-GO-1755 e EVR-GO-74, podemos supor que existiu uma reocupação das estruturas romanas em períodos califal e taifa. No entanto devido à não existência de relatório de escavação e a uma terraplanagem do espaço urbano, aquando da construção da Casa Nobre (levada a cabo em inícios da idade moderna¹), torna-se impossível de interpretar com clareza.

6.3 - Rua Vasco da Gama

Entre a zona da Alcárcova de Cima e o espaço áulico da cidade, situa-se a Rua Vasco da Gama, no quadrante oeste do templo romano, sendo uma rua que dá acesso ao espaço de cota alta da cidade, havendo indicações arqueológicas de aqui se situava uma das principais vias romanas da cidade.

¹⁴⁵ PORTUGAL. DGCP (2014) – Sítios. In Portal do Arqueólogo. [online]. Lisboa: Direção Geral de Cultura e Património. [consult. 11 de Novembro de 2015], disponível em www.arqueologia.igespar.pt.

A tipologia da unidade estratigráfica intervencionada durante a campanha de obras ocorrida no ano de 2003 na Rua Vasco da Gama, corresponde a um silo¹⁴⁶. Este não suscita qualquer discussão estratigráfica, tendo sido intervencionado na íntegra, sendo de destacar uma diferenciação no que respeita ao enchimento do mesmo correspondendo a dois planos artificiais, de forma a isolar os materiais do topo dos do fundo. “Apresentaria uma forma lacrimal, com um diâmetro máximo de 1, 85 m e com uma profundidade máxima de 2, 15 m, a partir da cota da rua”¹⁴⁷.

Segundo o relatório de escavação, ao longo da rua foram detetadas diversas estruturas negativas, nomeadamente silos. Em muitos pontos notaram-se situações de regularização da topografia em momentos não determinados, tendo implicado a destruição de estratos arqueológicos respeitantes às ocupações antecedentes. Neste caso o silo encontrava-se totalmente intacto¹⁴⁸. Apesar de se terem identificado dois níveis no interior do silo, este possivelmente foi alvo de enchimento de terras, comportando uma diferença relativamente curta, criando uma distinção estratigráfica, no seio do mesmo. Esta afirmação comprova-se devido à homogeneidade cronológica que a maioria dos materiais exumados demonstram, cronologicamente situados entre a segunda metade do século X e primeira metade do século XI, dos quais são exemplo as peças RVG 2-250, RVG 2 – 252 e RVG 2 – 251.

Segundo os autores abaixo citados, o silo corresponde a “um reservatório que apresenta cota negativa em relação ao solo, ou escavado neste, com o objetivo de armazenar produtos alimentares secos, nomeadamente frutos e cereais. É usualmente tapado com pedras, o que leva à criação de um ambiente com temperatura estável e inacessível a roedores”,¹⁴⁹ podendo em alguns casos estar associado a zonas habitacionais. Neste caso em particular, o silo terá sido reutilizado como lixeira em

¹⁴⁶ Anexo VIII – figura XX.

¹⁴⁷ SARANTOUPoulos, Panagiotis, Relatório de Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico, Praça do Sertório – Rua Vasco da Gama, Évora, 2003, p. 25.

¹⁴⁸ Idem, p. 27.

¹⁴⁹ LOPES, C; RAMALHO, M, *Presença Islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém, GARB- Sítios islâmicos do sul peninsular*, Lisboa IPPAR e Junta de Extremadura – Consejaria de Cultura, Lisboa, 2001, p. 37.

período indeterminado, possivelmente para aplanamento do terreno, servindo os materiais nele depositados de enchimento.

6.4 - Pousada dos Lóios

No centro de uma zona considerada, por diversa bibliografia, como a área palaciana, ou seja a faixa urbana onde se situaria a alcáçova em período islâmico, decorreu em 1987 uma campanha de obras, na área da atual piscina da pousada. Foi posto a descoberto um troço de muralha¹⁵⁰ e uma zona habitacional.¹⁵¹ Importa alertar para o facto de não existir relatório final, estando apenas os dados disponíveis numa nota prévia da entidade que intervencionou o local para o Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

A face interna do troço de muralha, segundo o relatório prévio foi posto a descoberto em cerca de 5,40m de comprimento e 2,12m de altura. É constituída por alguns grandes blocos aparelhados, de tipo romano, sendo 3 almofadados. Em toda a restante parede o aparelho é de tipo diferente, sendo constituído por blocos de menores dimensões, não aparelhados e argamassados. Esta face da muralha é visível na área 1, no perfil oeste¹⁵². A cerca de 90cm possui um ressalto.

A face externa foi posta a descoberto em cerca de 12,20m de comprimento e 2,20m de altura. É constituída por um aparelho de pequenos blocos não aparelhados e argamassados à semelhança dos da face interna. A muralha comporta uma espessura de cerca de 2,10m e na face externa alarga passando a medir 4,40m, formando um cubelo de forma poligonal.

É complexo avançar para uma proposta cronológica para o troço da muralha que ofereça garantias, no entanto a informação disponível aponta para um

¹⁵⁰ CORREIA, Virgílio; FERNANDES, Teresa Matos, Intervenção arqueológica de emergência na Pousada dos Loios, 1987.

¹⁵¹ Anexo VIII - figura XXI.

¹⁵² Anexo VIII- Figura XLV, XLVI, XLVII. XLVIII.

balizamento em período islâmico, fundamentação justificada pelo facto do aparelho construtivo da muralha não ser romano, embora com alguns elementos romanos, mas que podem ter sido alvo de reaproveitamento. Na área 2, zona em que se atingiram cotas mais profundas existem vestígios associados à muralha de uma evidente ocupação muçulmana. A data da entrada em desuso ou destruição desta muralha deve datar de uma época anterior à construção do pano de muralha conservado nos anexos da Pousada dos Lóios e provavelmente datada do reinado de D. Fernando¹⁵³.

Na área 3¹⁵⁴ encontraram-se dois cunhais em granito, um dos quais adossado à muralha, uma entrada de uma presumível habitação, cuja parede de fundo é visível nesta mesma área, em uma pequena extensão. A habitação tem 5,10m de comprimento, os dois cunhais encontra-se a 1,20m de distância um do outro¹⁵⁵. O relatório refere ainda que foi detetado o piso original de funcionamento da habitação, cujas paredes exteriores eram rebocadas e caiadas¹⁵⁶.

Estamos na presença de uma estrutura habitacional construída num período posterior à construção da muralha, uma vez que é a ela adossada e em posição estratigraficamente superior. Nesta casa existem materiais claramente datados do século X e XI associados. Na área 2 encontrou-se também um poço, cuja boca tem um diâmetro interno médio de 1,45m, é constituído por pedras não aparelhadas argamassadas, formando um anel com cerca de 0,6m de espessura.

6.5 -Templo Romano

Entre 1987 e 1994 as campanhas de escavação levadas a cabo pelo Instituto Arqueológico Alemão puseram a descoberto todo o conjunto arquitectónico junto ao

¹⁵⁴ Anexo VIII - figura XLVI.

¹⁵⁵ Idem p. 2.

¹⁵⁶ Idem p. 2.

Templo. No que respeita aos vestígios estruturais de ocupação islâmica deste local, apenas se verificou a presença de um silo.

Debaixo de um muro de pedras colocadas em seco, foi encontrado o pequeno silo 90 A¹⁵⁷ que contrariamente aos silos de armazenamento mais recentes, cortados a um nível mais elevado, a estreita boca deste demonstra ter estado a uma cota igual à do pavimento romano ou pouco acima dele. O diâmetro da boca do silo é de 0,5 m. A sua boca atravessa o pavimento romano de 0,2 m de espessura e a camada de nivelamento argilosa, que aqui mede apenas 0,1 m (fase romana da marmorização), descendo em forma de cone até 1,4 m de profundidade para interior da rocha¹⁵⁸.

O fundo do silo é praticamente plano, com exceção de uma pequena elevação central que apresenta 0,10 m. “A parte superior do silo continha terra homogénea, humosa e castanha com pequenos pedaços de pedra e tijolo bem como lascas de cerâmica, seguindo-se para baixo um estrato de terra castanho-acinzentada com caroços de fruta. Imediatamente sobre o fundo do silo estendia-se uma camada compacta de terra castanho-acinzentada misturada com terra argilosa amarelada, fortemente impregnada de matéria orgânica (caroços de fruta), que ainda imanava um cheiro acídulo, e penetrante, a fermentado”¹⁵⁹. Um exame arqueobotânico demonstrou que os restos vegetais existentes sob forma mineralizada apontam para uma utilização do silo como latrina¹⁶⁰.

Relativamente ao conjunto de materiais que continha parte do enchimento do silo, pode datar-se da época califal e reinos de taifas. Sendo que durante as escavações efetuadas em 1994 frente à esquina sudeste do templo, no interior dos silos 93 A e 93 B foram também detetadas grandes quantidades de material islâmico. Desta vez houve um claro entulhamento das estruturas num período desconhecido, mas que

¹⁵⁷ Anexo VIII – figura XIII.

¹⁵⁸ TEICHNER, Felix, *A ocupação do centro de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa)*, Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, 1995, p. 22.

¹⁵⁹ Idem, p. 22.

¹⁶⁰ Idem, p. 22.

provavelmente, devido à cronologia mais tardia de alguns materiais, pode ter ocorrido no período imediato à conquista da cidade pelas forças cristãs.

6.6 - Museu de Évora

O espaço do Museu foi alvo de diversas campanhas de intervenção arqueológica, remontando a primeira ao ano de 1996/97 e a mais recente ao ano de 2008, no decorrer da campanha de obras do projeto acrópole XXI. No conjunto foi sendo posto em evidência uma panóplia de vestígios de elevado interesse para a história do período islâmico da cidade, os quais foram alvo de exemplar estudo por parte de Vanessa Filipe.

Na sondagem 216 está bem patente, em uma construção em pedra, a reutilização de silhares romanos. De acordo com o relatório, esta fase de utilização do espaço compreende o período tardo romano e de transição para período emiral, associado a esta estrutura estão moedas romanas, diversos fragmentos de *terra sigillata* africana clara - A, cerâmica tardo-romana e engobada¹⁶¹.

Relacionado com os períodos califal e taifa foram exumados nas sondagens 200, 201, 211 e 218, estruturas correspondentes a muros e a um silo escavado diretamente na rocha, alcançando a profundidade de 1,15 m e uma largura de 1,30 m¹⁶². Foi também evidenciada uma latrina no interior de um compartimento com a respetiva fossa asséptica. Esta localizava-se num compartimento independente, de planta retangular, com cerca de 1 m de largura, apresentando pavimento em lajes de pedra. Encontrava-se adossada ao muro meridional e estava colocada numa posição elevada sobre uma plataforma construída em pedra,¹⁶³ constituindo numa superfície composta por duas lajes em pedra de forma retangular com cerca de 0,20 m,

¹⁶¹ Idem, p. 13.

¹⁶² GONÇALVES, Ana, *Intervenção Arqueológica no Museu de Évora*, Relatório Arqueológico, texto policopiado, Évora, 1998, p. 8.

¹⁶³ Avexo VIII – figura VII.

delimitando a abertura central com cerca de 0,100 m. A latrina estava ligada, por uma abertura no solo, diretamente à fossa asséptica situada no exterior da casa¹⁶⁴. Encontramos paralelos com este sistema arquitetónico por todo o al-Andalus, a título de exemplo, no bairro da alcáçova de Mértola¹⁶⁵.

Segundo Vanessa Filipe os níveis islâmicos identificados desenvolvem a teorização de duas fases distintas de ocupação do espaço e formulam a hipótese do complexo estrutural exumado corresponder a uma casa de grandes dimensões ou a um bairro islâmico¹⁶⁶.

Relativamente à estrutura acima referida, as paredes-mestras têm cerca de 0,50 m de largura, enquanto as paredes divisórias possuiriam cerca de 0,30 m de largura¹⁶⁷. Como nos dá conta Vanessa Filipe, as medidas analisadas respeitam sensivelmente as normas construtivas descritas por Ibn'Abdun. Adianta ainda que a ausência de taipa e adobe pressupõem uma edificação consolidada com materiais pétreos¹⁶⁸.

De acordo com o espólio arqueológico, o sucessivo reaproveitamento desta estrutura é um facto provável, entre o século VIII e os inícios do X, de acordo com os materiais associados à estrutura¹⁶⁹. O tipo de pavimento identificado, revestindo o chão dos compartimentos domésticos, alternando tijoleira e laje de pedra com terra batida, em detrimento de mármore ou azulejos, evidencia um défice no que toca às possibilidades financeiras dos habitantes¹⁷⁰.

¹⁶⁴ GONÇALVES, Ana, *Intervenção Arqueológica no Museu de Évora*, Relatório Arqueológico, texto policopiado, Évora, 1998, p. 13.

¹⁶⁵ MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996, p. 407.

¹⁶⁶ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 101.

¹⁶⁷ Idem, p.141.

¹⁶⁸ Idem, p. 142.

¹⁶⁹ GONÇALVES, Ana, *Intervenção Arqueológica no Museu de Évora*, Relatório Arqueológico, texto policopiado, Évora, 1998, p.30.

¹⁷⁰ MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996, p. 383.

O modelo tradicional da casa islâmica andaluz não é possível confirmar na estrutura em questão, a entrada da habitação, medindo cerca de 0,80 m, não possuía o gonzo da porta *in situ* face à construção de uma infra-estrutura de época moderna sobreposta em parte a esta. A antecâmara da entrada configurava um pequeno compartimento de forma quadrangular, observando-se os vãos descentrados. O pavimento era formado por lajes de pedra de tamanho variável¹⁷¹.

6.7 - Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora

Foi no âmbito das obras de requalificação do edifício do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora, levadas a cabo no ano de 2008 pela mão da Fundação Eugénio de Almeida, que teve lugar a campanha de monotorização arqueológica na qual surgiram as estruturas e um importante conjunto de materiais arqueológicos. Este edifício, anexado à Sé Catedral situa-se no perímetro mais antigo da cidade e esteve ligado à conceituada escola de música eborense do século XV¹⁷². Assumindo hoje a forma de Museu de Arte Sacra. Foi vasta a panóplia de materiais exumados no decorrer da empreitada, dos quais um espólio de material do período islâmico que ostenta uma heterogeneidade morfológica e ornamental bastante relevante.

A tipologia das unidades estratigráficas às quais o conjunto cerâmico está associado divide-se entre um silo¹⁷³, uma fossa e uma estrutura romana¹⁷⁴. Parte significativa dos materiais provém do silo 1 (UE 76)¹⁷⁵, o qual se encontrava selado, facto que oferece alguma fiabilidade no balizamento cronológico do contexto (exclusivo dos séculos X e XI). Não foi intervencionado na íntegra, ostentando uma forma lacrimar com um diâmetro interior máximo de aproximadamente 2 m e

¹⁷¹ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 143.

¹⁷² CONDE, Antónia Fialho, *O Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora e a acção de D. Frei Luís da Silva Teles*, In: A Cidade de Évora nº 8, Ed: Câmara Municipal de Évora, Évora, 2009, p. 468.

¹⁷³ Anexo VII – figura XXIII.

¹⁷⁴ Anexo VII – figura XIX.

¹⁷⁵ Anexo VII – figura XIX.

atingindo uma profundidade (cota de afetação da obra) de 295,74 m. Corresponde a um reservatório que apresenta cota negativa em relação ao solo e tinha por objetivo o armazenamento de produtos alimentares secos, nomeadamente frutos e cereais. Situar-se-ia no interior de uma casa e seria usualmente tapado com pedras, o que leva à criação de um ambiente com temperatura estável e inacessível a roedores¹⁷⁶. A fossa (UE 79) apresenta sensivelmente 1,5 m de diâmetro e pouca profundidade.

Ambas as estruturas foram reutilizadas como lixeiras em período indeterminado, possivelmente para aplanamento do terreno, servindo os materiais aqui depositados para enchimento. Provavelmente foram abandonados em finais da primeira metade do século XI considerando a homogeneidade tipológica dos materiais que aqui se encontraram. De qualquer forma ambas sugerem ocupação habitacional deste espaço.

Atendendo à área intervencionada, apesar da regularização topográfica em momentos indeterminados ter implicado a destruição de alguns estratos arqueológicos, é possível determinar com exatidão uma reocupação durante o período islâmico (séc. X-XI) de um conjunto estrutural romano¹⁷⁷, do qual se destaca um tanque, de grandes dimensões, com aproximadamente 4 m de diâmetro e com uma cota de profundidade máxima de 296,63 m construído em *opus incertum* e com revestimento total em *opus signinum*¹⁷⁸, denota-se também alguma assimetria do fundo. Segundo André Carneiro¹⁷⁹, é enquadrável na tipologia de um *laconicum* pertencente a um edifício termal romano, idêntico ao encontrado no interior do edifício da Câmara Municipal de Évora¹⁸⁰, desta vez de menores dimensões. No entanto, fica em aberto qual o tipo de ocupação de que foi alvo durante o período islâmico. Foi entulhado no século XIV, atendendo ao limite cronológico mais tardio que

¹⁷⁶ LOPES, C; RAMALHO, M, *Presença Islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém*, GARB- Sítios islâmicos do sul peninsular, Lisboa IPPAR e Junta de Extremadura – Consejaria de Cultura, Lisboa, 2001, p. 37.

¹⁷⁷ Informação cedida pelo arqueólogo responsável, Ricardo Gaidão.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ Investigador e docente na Universidade de Évora, arqueólogo da Câmara Municipal de Fronteira. (informação oral).

¹⁸⁰ SARANTOPOULOS, Panagiotis, *Trabalhos arqueológicos nas Termas Romanas de Évora*, Relatório de Trabalhos de Escavação Arqueológica, in: Portal do Arqueólogo, Évora, 1990.

os materiais associados sugerem, dentro dos quais se observam alguns fragmentos de cerâmica dos séculos XIII e XIV, nomeadamente as bem conhecidas produções mudéjares do século XIII originárias da região de Valência.

6.8 - Pátio de S. Miguel

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do plano de reabilitação do conjunto edificado do Pátio de São Miguel, no âmbito do projeto da Acrópole XXI, sobre os contextos de cronologia islâmica foram identificados muros e pavimentos associados a estruturas habitacionais, bem como, estruturas negativas (fossas), cuja funcionalidade nem sempre foi possível determinar, tendo em consideração que a sua intervenção foi condicionada à cota e área de afetação do projeto de execução da obra. Foram registadas diversas estruturas junto à denominada porta da traição, cuja interpretação e cronologia importava esclarecer, motivo pelo qual se procedeu a uma intervenção arqueológica de emergência no local.

Esta intervenção possibilitou a identificação de um compartimento de grandes dimensões, sendo notório o reaproveitamento de blocos de granito, provavelmente provenientes do antigo fórum romano, na construção do mesmo. Não se intervencionou uma área suficientemente abrangente para determinar a planta da estrutura habitacional associada a este compartimento, nem esclarecer com segurança a funcionalidade do mesmo. Se considerarmos que a entrada registada no âmbito deste trabalho era a entrada da habitação (e não de uma divisão interior, por exemplo um salão em que as entradas tinham uma certa imponência, sendo maiores que as da rua), o compartimento registado poderá ter sido um átrio, local de receção da casa, que por norma dava acesso ao pátio. O fato de estar cuidadosamente pavimentado (ao contrário da maioria dos átrios das casas islâmicas intervencionadas por exemplo em

Mértola) e a hipótese de ser um compartimento de grandes dimensões sugere a sua associação a um edifício palaciano, relacionado com o Alcáçer¹⁸¹.

Na sondagem 9¹⁸² foram ainda registados diversos muros de alvenaria aparentemente associados a estruturas habitacionais que atestam o crescimento urbano neste local. Não foi possível determinar a planta destas habitações, nem tão pouco precisar a sua cronologia, uma vez que só foram intervencionados os níveis de abandono das mesmas, o que permite obter apenas, uma datação *ante quem* desta ocupação. Na antiga casa do guarda, foram identificados três estruturas negativas (silos), destacando-se a que se encontra na extremidade oeste da área, por ter sido reaproveitada como lixeira, tendo estado em utilização nos séculos X-XI¹⁸³.

6.9- Porta de Moura e Rua Miguel Bombarda

A primeira área intervencionada foi junto à farmácia Diana, na Rua Miguel Bombarda, à entrada do largo das Portas de Moura, aqui foi encontrada uma sepultura escavada na rocha base, com uma profundidade de 50 centímetros e cuja extensão conservada era de 140 centímetros¹⁸⁴. Dentro da mesma sondagem encontraram-se mais duas sepulturas de cronologia islâmica.

¹⁸¹ Relatório dos trabalhos arqueológicos, *Projeto de reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição / Casa Pintadas e Pátio de São Miguel*. Era- Arqueologia, S.A., Évora, 2012, p. 89.

¹⁸² Anexo VIII – figura III.

¹⁸³ Idem, p. 99.

¹⁸⁴ FERNANDES, Teresa Matos, Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Porta de Moura e Rua Miguel Bombarda (Évora), p. 1.

6.10 - Cerca de Santa Mónica

O espaço no interior da cerca de Santa Mónica foi alvo de intervenções arqueológicas, na sequência da campanha de construção de um loteamento urbanístico no ano de 2001-2002 e no ano de 2005, pelas empresas Arkaios e Era – Arqueologia S.A. Este espaço, situado no quadrante Nordeste da cidade, entre a Rua dos Duques de Cadaval e o Largo Doutor Evaristo Cutileiro, albergou a primeira casa religiosa do sexo feminino da Ordem de Santo Agostinho em Portugal.

Na campanha mais antiga foi encontrado um conjunto de estruturas paralelas ou perpendiculares entre si, assentes sobre a rocha, segundo o relatório de escavação estas estruturas apresentam cronologia de período islâmico, visto que a estas estão associados materiais deste período, nomeadamente cerâmicas comuns, candil e moedas, [EU- 7]¹⁸⁵. Na [UE- 10], foi identificado um poço, que terá sido entulhado em período islâmico, com o propósito de possibilitar a construção do referido muro¹⁸⁶. Estes muros, construídos com pedra e tijolo apresentam paralelos no seu aparelho construtivo com o encontrado no museu datados do século X-XI¹⁸⁷.

Segundo o relatório, foram encontrados espólios que apontam para duas fases de ocupação do espaço. Uma primeira, de transição do período visigótico para emiral e, uma segunda fase, de ocupação do espaço com materiais de época califal e taifas (séculos X – XI). Acredita-se que estas estruturas terão sido arrasadas antes da reconquista cristã da cidade, visto que não se verifica a presença de espólios que apontem ocupações mais tardias dentro do período islâmico.

¹⁸⁵ MARTINHO Carlos; TEICHNER, Felix, realização de Sondagens Arqueológicas na Cerca de Santa Mónica – Évora 2001/2002, Arkaios, Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda., Évora, Maio de 2002, p. 25.

¹⁸⁶ Idem, p. 25.

¹⁸⁷ Idem, p. 25.

6.11 - Paço dos Lobo da Gama

O edifício referente ao Paço dos Lobo da Gama situa-se no exterior da muralha antiga, no cruzar da rua de Serpa Pinto com a Travessa da Milheira, no quadrante sudoeste da cidade. Foi alvo de um projeto de reabilitação em Março de 2008, tendo sido alvo de acompanhamento e intervenção arqueológica, pela mão da empresa ArkeoHabilís. Do período islâmico, foram encontrados 8 silos, um poço e uma fossa, UE-18, 93, 103, 107, 108, 126, 135, 136 e 101, os quais intercetam a estratigrafia de uma estrutura de época romana. Foram registados alguns materiais dos finais século XI apenas em um dos silos, nomeadamente um fragmento de moeda (dinar) em ouro¹⁸⁸, [UE 126]¹⁸⁹. Foram encontrados ainda dois enterramentos¹⁹⁰.

Relativamente à fossa, o contexto em análise EU- 65, era composto por uma camada de sedimento medianamente grosseiro, algo argilosa e de tonalidade esverdeada quando seco, denunciando abundância de fosfatos. Trata-se da segunda camada de enchimento da fossa séptica¹⁹¹. O enquadramento cronológico data dos finais do século XI e aponta o seu abandono para inícios do século XII, atendendo à cronologia da moeda atrás referida e de um candil aqui encontrados. Esta escavação revelou dados importantes na perspetiva carpológica. Os dados antracológicos ainda não foram submetidos a análise e para além das referências arqueobotânicas há a considerar os restos faunísticos, como o elevado número de vértebras de sardinha ou os despojos entomológicos que as acompanham¹⁹².

¹⁸⁸ Anexo II – Figura XXI.

¹⁸⁹ LOPES, Gonçalo, A alimentação em Évora no final das Taifas: Restos carpológicos do Paço dos Lobos da Gama – Poster (no prelo).

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Idem.

6.12 - Santo Antão, Convento de São Domingos e Rua de Avis

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico no âmbito das obras de requalificação do centro histórico de Évora (PROCOM), na Praça do Giraldo, junto à Igreja de Santo Antão, quadrante oeste da cidade, puseram a descoberto algumas sepulturas e o respetivo material osteológico humano. A área intervencionada tinha uma dimensão de 3 por 2,5 metros e foi atingida uma profundidade de 1,04 metros. Nesta vala foram identificadas duas sepulturas¹⁹³.

Também na zona Noroeste de Évora, na praça Joaquim António de Aguiar frente ao Teatro Garcia de Resende, no decorrer de obras, foi posto a descoberto um conjunto de 89 sepulturas, das quais 37 são datáveis do período islâmico¹⁹⁴. De igual forma na Rua de Avis, zona Norte da cidade, também foram encontradas três sepulturas no âmbito do acompanhamento arqueológico de obra, com um ambiente cultural, claramente, do período em estudo¹⁹⁵.

6.13 - Rua de Olivença

No caso das escavações ocorridas na Rua de Olivença, junto à Câmara Municipal, situada na zona Norte da cidade, apesar de nos basearmos em informações orais¹⁹⁶, será importante referir a ocupação que esta zona teve a partir do século X. Nas escavações do ano 2001 foram encontradas diversas estruturas que pertenceriam ao complexo termal romano,¹⁹⁷ em anexo a este encontravam-se diversas estruturas/

¹⁹³ FERNANDES, Teresa Matos, Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Praça do Giraldo- Sondagem Santo Antão, p. 3.

¹⁹⁴ Arkaios, Intervenção Arqueológica na Praça Joaquim António de Aguiar, nº 12 a 14, Évora, p. 18.

¹⁹⁵ BATATA, Carlos, Relatório final do acompanhamento arqueológico e escavação na rua de Avis, nº 91, Évora, Abrantes, 2005, p. 8.

¹⁹⁶ Informações relatadas pelo arqueólogo Jorge Feio.

¹⁹⁷ BALLESTEROS, Cármen; GONÇALVES, Gerardo; Intervensões arqueológicas no centro histórico de Évora, 2000-2001, in: Revista Monumentos, nº 26, p. 158.

casas¹⁹⁸ com materiais que as contextualizam cronologicamente entre a segunda metade do século X e o final do século XII¹⁹⁹.

6.14 - Necrópoles – vestígios antropológicos

Na escavação do Paço dos Lobo da Gama foram encontrados dois enterramentos com a cabeça orientada para Sueste. Encontravam-se em posição de decúbito lateral com os membros superiores posicionados ao longo do corpo e sem qualquer tipo de espólio. Não se identificou qualquer sepultura em nenhuma das inumações, bem como vala de inumação²⁰⁰. A análise preliminar da morfologia coxal permitiu determinar que se trata de um indivíduo do sexo feminino²⁰¹, o segundo indivíduo seria do sexo masculino e relativamente jovem, a estatura deste seria de 162,20 cm, em nenhum dos corpos foi possível identificar algum tipo de patologia²⁰².

Junto às escadas da igreja de Santo Antão, em plena praça do Giraldo foram encontrados mais dois enterramentos, neste caso continham sepulturas, encontrando-se estas com semelhante orientação, com a cabeça orientada para Sueste e em decúbito lateral. Uma das sepulturas²⁰³ encontrava-se incompleta, seria de um adulto, sendo o sexo indeterminado, a outra corresponderia a uma criança do sexo masculino, ambas encontravam-se com o ventre virado para a igreja de Santo Antão, não possuíam qualquer tipo de espólio arqueológico²⁰⁴. Foram alvo de datação radiocarbono, o que permitiu apontar um balizamento cronológico, que pela curva de calibração, se situa ente os anos 1030 d.C. e 1160 d.C., verificando-se através da

¹⁹⁸ Informação oral cedida pelo arqueólogo Jorge Feio.

¹⁹⁹ Informação oral cedida pelo arqueólogo Jorge Feio.

²⁰⁰ FARIA, Fernando, Relatório antropológico do Paço dos Lobo da Gama, Laboratório de antropologia biológica, universidade de Évora, p. 1.

²⁰¹ Idem, p.1.

²⁰² Idem, p.2.

²⁰³ Anexo VII – figura IV.

²⁰⁴ FERNANDES, Teresa Matos, Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na praça do Giraldo – Sondagem Santo Antão, p. 2.

intercepção da curva de calibração com a data radiocarbono ano de 1040 terá 68% de hipótese de ser o mais correcto²⁰⁵.

Encontraram-se também quatro enterramentos, na zona das Portas de Moura, em intervenções de prevenção do projecto de requalificação do centro histórico (PROCOM). Foram encontradas quatro sepulturas nesta zona, três adultos e uma criança, garantindo-se que dois dos adultos seriam de sexo masculino²⁰⁶. Quanto à posição destas inumações e à presença de espólios, não foi possível averiguar com certeza, visto que as sepulturas teriam sido revolvidas em época anterior, no entanto foi possível constatar que todas as sepulturas tinham a orientação Nascente-Poente²⁰⁷, sendo idêntica à orientação dos enterramentos acima analisados.

Recorreu-se à análise de Radiocarbono para datar exatidão esta necrópole, o que, pela curva de intercepção nos indica, com 68% de probabilidades, uma abrangência cronológica do ano 980 até 1020, balizando-se assim no final do século X e início do XI.

Foi também identificado um conjunto significativo de enterramentos datados de período islâmico na zona do antigo convento de S. Domingos e na praça Joaquim António de Aguiar, frente ao Teatro Garcia de Resende. Do total de 89 enterramentos, 37 destes apresentavam indícios de pertencerem a um ambiente cultural islâmico²⁰⁸. Apresentavam todas a mesma orientação, com a cabeça orientada para Sueste²⁰⁹, apesar de nem todos terem sido inumados da mesma forma, a orientação generalizada do crânio, com a face apoiada no lado direito e voltada para Su-Sudeste, leva a concluir que se trata de uma necrópole islâmica²¹⁰. A datação por radiocarbono levada a cabo baliza a necrópole islâmica entre o final do Século IX e o início do XI, que terá

²⁰⁵ Anexo XI - figura VIII.

²⁰⁶ Idem, p.2.

²⁰⁷ Idem, 2.

²⁰⁸ Intervenção Arqueológica no futuro edifício S. Domingos, Praça Joaquim António de Aguiar, nº 12-14 – Évora, Convento de S. Domingos, Relatório Final de Escavações, Arkaios, 2000- 2001, Évora, 2002, p.59.

²⁰⁹ Anexo VIII – figura V.

²¹⁰ O Corão aconselha a que as inumações sejam feitas em decúbito lateral e orientadas para Meca.

continuidade até ao século XIII, como demonstrou a datação por radiocarbono de um enterramento cristão²¹¹.

Também na Rua de Avis e no Jardim Público foram encontrados enterramentos associados à cultura islâmica²¹², no entanto devido à ausência de análise por radiocarbono torna-se difícil datar com rigor estas necrópoles. Relativamente à primeira, situa-se no quadrante Noroeste da cidade, próximo da zona tradicionalmente apontada como a mouraria durante o período cristão²¹³. Apesar de se terem encontrado apenas três enterramentos, pensa-se que seria bastante maior²¹⁴, estendendo-se para o largo de Avis. A do Jardim Publico situa-se na zona Su-Sudeste da cidade, junto ao Palácio de D. Manuel, neste caso os dois enterramentos encontravam-se numa camada estratigráfica associada ao período medieval cristão²¹⁵.

6.15 – Análise Conclusiva

Nas palavras de Hermenegildo Fernandes, sobre o urbanismo da cidade, “a espessura da cronia impõe-se ao observador como um dado incontornável, uma sucessiva re-escrita, um palimpsesto em que os textos anteriores fossem sucessivamente apagados para dar lugar às últimas leituras não sem deixarem de si traços a permitirem propostas de decifração. Os estratos mais antigos, aqui os medievais, datados do período Islâmico, [...] são pelas leis que regem qualquer processo de sedimentação, os de mais difícil leitura e interpretação”²¹⁶.

²¹¹ Idem, p. 24. – Enterramento em posição dorsal e orientação diferente as restantes.

²¹² BATATA, Carlos, Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico e Escavação na Rua de Avis, nº 91, Évora, Agosto de 2005.

²¹³ Veja-se a toponímia, “Rua da Mouraria” e a obra - BARROS, Maria Filomena; VILAR, Hermínia de Vasconcelos, *Categorias sociais e mobilidade urbana na baixa idade media: Entre o Islão e a Cristandade*, ed. 1, vol.1, ed. Colibri- CIDEHUS, Évora, 2012.

²¹⁴ BATATA, Carlos, Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico e Escavação na Rua de Avis, nº 91, Évora, Agosto de 2005, p. 10.

²¹⁵ Relatório Final dos trabalhos no Jardim Publico e Mata de Évora, Arkeohabilis, Évora, Dezembro de 2008, p 40.

²¹⁶ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p. 1.

Esta “sucessiva re-escrita” histórica afigura-se a chave que caracteriza a cidade ao longo dos séculos. Após a conquista cristã, a cidade foi inserida nos circuitos principais do recente reino de Portugal, contrariamente a outros locais como Mértola, que após conquistada ao poder islâmico e subsequente cristianização, foi deixada à margem das rotas principais. A mesquita de Mértola é disso exemplo, foi adaptada a templo cristão dedicado à Virgem Maria (tal como as mesquitas medievais que se conhecem no território português), sofrendo, entretanto, intervenções pouco significativas.

Este relativo abandono foi no caso da Mesquita/Igreja Matriz sinónimo de conservação, o que não se verificou em Évora, sendo esta cidade alvo de sucessivas transformações, que implicaram destruição das realidades anteriores. Como exemplo deste fato temos as diversas terraplanagens verificadas em diversos locais, nomeadamente durante as campanhas de obras do Cenáculo e da construção do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora²¹⁷.

Como referem Hermínia Vilar e Hermenegildo Fernandes, “o que implica questionar a imagem da cidade enquanto centro eminentemente medieval quando a maior parte das estruturas aparentes se apresentam modernas, isto é, dos séculos XVI, XVII e XVIII, e precisar o que se entende por “medieval”, rejeitando a projecção retrospectiva dos dados do urbanismo tardo medieval, consolidado e definido em Trezentos pela construção da cerca nova, sobre cronologias anteriores. O que se segue, necessariamente esquemático e propositadamente fragmentário, como convém quando apenas de fragmentos do real se entende, assenta nestes pressupostos”²¹⁸.

Dentro desta fragmentação da realidade é necessário ter em linha de conta que são poucos os níveis estratigráficos correspondentes aos séculos em estudo que se encontravam completamente selados. À exceção do Colégio dos Meninos do Coro da

²¹⁷ Justifica-se logicamente pela necessidade técnica da construção dos edifícios.

²¹⁸ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in Revista Monumentos nº 26, p.1.

Sé e do conjunto da Cerca de Santa Mónica, encontramos níveis de revolvimento pouco esclarecidos estratigraficamente, o que acentua a problemática referida.

7 - A cerâmica islâmica de Évora (séculos VIII a XI): Análise morfológica - nome, forma e função.

A intenção de caracterizar a cerâmica do ponto de vista formal, tenta abordar a utilização que os objetos comportaram durante o período do seu uso, o seu contexto social e económico que lhe está implícito. Tenta desta forma, determinar quais os tipos de produções que se levaram a cabo na região de Évora e quais os originários de intercâmbios comerciais com outras regiões do al-Andaluz e com o Mediterrâneo.

O acervo afigura-se bastante heterogéneo, comporta aproximadamente 230 peças. Este organizou-se por tipologias e grupos, de forma a responder à necessidade de imprimir a sua estrutura para uma análise mais clara do conjunto. Assim tentou-se extrair toda a informação intrínseca e contextual, que se relacionará nos capítulos seguintes.

Existe a necessidade de reconhecer diferenças sistemáticas e culturalmente significativas entre as peças²¹⁹. A definição de cronologias com base na morfologia, por si mesma, foi uma análise tida em conta e relacionada com as possíveis atribuições cronológicas com base nas ornamentações.

A abordagem à evolução crono-morfológica da cerâmica afigura-se relevante para o entendimento dos hábitos alimentares e da relação destes, com as questões culturais intrínsecas a estas populações e a sua evolução. “En esencia, desde el momento en que las variaciones progresivas en el gusto y el estilo de la producción artesanal son una función del tiempo, en buena medida independiente de las intenciones y de la percepción de la comunidad que la produjo o la utilizó, pueden emplearse como indicadores cronológicos”²²⁰. No entanto, é necessário considerar que a velocidade da evolução morfológica e tecnológica dos materiais não é homogénea, tende a criar estabilidade, exceptuando nos casos de algumas “modas” e dos adornos pessoais de objectos de prestígio, os quais variam com mais facilidade²²¹.

²¹⁹ SESTERI, Anna, *Clasificación y tipología*, In. Diccionario de Arqueología, Ed: Crítica, Barcelona, 2001, p. 61.

²²⁰ Idem, p. 63.

²²¹ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 251.

7.1- Louças de mesa

Este grupo apresenta-se como o que mais atrai os investigadores, sobretudo devido à riqueza ornamental e morfológica que quase sempre comporta. No conjunto em análise encontram-se quatro tipologias; tigelas, taça, jarrinhas e jarro, estes apresentam pouca diversidade morfológica, contudo oferecem bastantes informações relativamente ao consumo alimentar e comércio.

Embora os diferentes contextos estratigráficos da cidade raras vezes permitam considerar informações relativas ao uso dos materiais, contrariamente a outras situações em que as diversas funcionalidades dos objectos podem ser associadas à informação contextual/estratigráfica (*in situ*). É notória uma compreensão nos diversos aspetos que foram alvo de distintos estudos nos últimos anos, possibilitando caracterizar com facilidade morfologias e tipos, associar cronologias e áreas de proveniência com elevado rigor.

Foram tidos em conta determinados indícios que possibilitem uma melhor abordagem em relação à função da cerâmica, tais como as marcas de utilização. Por exemplo, as manchas de fogo, os depósitos de resíduos calcários ou salinos, etc. Como adianta Santiago Macias, parece existir um papel de destaque neste grupo de utensílios entre o conjunto de artefactos de uma habitação²²², devido ao elevado índice de importação destas relativamente a outros grupos morfológicos.

7.1.1- Tigela e taça

Dentro deste grupo²²³, apesar de alguma disparidade respectivamente às tipologias dos elementos constituintes de cada peça, é possível uma análise à evolução crono-morfológica do conjunto. Formalmente caracteriza-se por formas abertas, de

²²² MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996, p. 42.

²²³ Anexo I - figura I e II.

corpo semi-esférico, e de tamanho variável, mas de diâmetro da boca superior a 150mm²²⁴. Qualitativamente é um grupo bastante rico e complexo, sobretudo devido ao grafismo ornamental, o qual analisaremos adiante.

As peças CMCS/455 e CMCS/210 comportam as formas mais simples, apresentam bordo vertical com lábio arredondado, carena alta suave, mais vincada na primeira referida, ostentam corpo de calote esférico e denota-se marca de torno na peça CMCS/455. São características morfológicas que cronologicamente apontam para o séc. X e que terá continuidade de fabrico após o fim do período islâmico²²⁵, neste caso atendendo à tipologia da decoração da peça CMCS/ 210 e da EVR/M/97/759, as quais analisaremos no próximo capítulo, parecem, de forma geral, encontrar enquadramento cronológico entre a segunda metade do século X e XI.

As peças CMCS/2010 e CMCS/2008 apresentam uma forma algo peculiar, diferenciada das restantes, possuem um bordo extrovertido com lábio em aba, que se apresenta na peça CMCS/2008 mais fino e com menor curvatura. O corpo de ambas apresentam calote esférica e na peça CMCS/2008 uma carena alta bastante suave. A cronologia que se propõe para estas duas peças aponta para a segunda metade do século XI e prolonga-se até ao XII²²⁶.

Relativamente à morfologia das peças CMCS/122 e CMCS/2004, apresentam bordo extrovertido com lábio semicircular ligeiramente mais alongado para o exterior na peça CMCS/2004. A peça CMCS/122 apresenta uma carena bastante suave e corpo de calote ovoide. São aspetos morfológicos que se integram numa cronologia entre os finais do século X e XI²²⁷.

Dentro deste grupo é a peça CMCS/2009 que se apresenta em melhor estado de conservação, possibilitando uma análise morfológica mais precisa, já que se podem

²²⁴ BUGALHÃO, Jacinta, *et alii*, CIGA - *Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. XELB 10, Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010.

²²⁵ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p.352.

²²⁶ *Idem*, Pp. 362 e 363.

²²⁷ A totalidade das projecções cronológicas tem base bibliográfica, GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *A Cerâmica Verde e Manganés de Castro do Cola (Ourique)*, *Atas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*, Tondela, 22/25 de Março de 1995, Camara Municipal de Tondela, p. 14.

associar diferentes componentes, como é o caso do bordo e do fundo, não apresentando qualquer dúvida quanto à cronologia. No que respeita à morfologia do bordo e do perfil a peça apresenta parecenças com a CMCS/2007B, ambas ostentam bordo extrovertido com lábio semicircular com dobra levemente descaída e de dimensões reduzidas comparativamente com as restantes em análise. As duas apresentam corpo de calote esférico sem carena.

Na peça CMCS/2009 a base é plana, com pé anelar baixo vertical, morfologia característica do século XI²²⁸. O bordo da peça CMCS/376-374 apresenta semelhanças com a peça CMCS/122 no entanto, apesar de ser extrovertido e semicircular, caracteriza-se por ter uma espécie de “boleado” com dobra levemente descaída, ligeiramente maior do que o bordo da peça CMCS/122. O corpo apresenta calote esférica e apesar de ter uma pequena curvatura, não chega a ser carenado. Relativamente à peça CMCS/454, esta apresenta o bordo extrovertido com lábio semi-triangular boleado e com dobra descaída, o corpo tem calote esférica, sem carena. A morfologia das últimas duas peças analisadas aponta para uma cronologia situada entre finais do século X e XI²²⁹.

Nos fragmentos em que restam apenas fundo, verifica-se um apontamento cronológico direcionado para o século XI²³⁰. Nas peças CMCS/2006 e EVR.M/97/752 verifica-se um corpo calote esférico, uma base de tendência convexa com pé anelar moldurado, no caso do primeiro bordo extrovertido com lábio biselado, morfologias que não apresentam dúvidas no que toca ao enquadramento cronológico nos inícios do século XI²³¹.

As peças CMCS/375 e CMCS/2007 apresentam base convexa com pé anelar, no entanto esta última distingue-se devido ao pé anelar ser bastante mais baixo e vertical, na peça CMCS/375 o pé apresenta uma posição diagonal. Com uma cronologia claramente assente no século XI encontra-se a peça e EVR/M/97/810, a qual comporta

²²⁸ Idem, p. 14.

²²⁹ Idem, p.15.

²³⁰ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p 352.

²³¹ Idem, apêndice H, fig. 127. (V).

uma morfologia um pouco distinta das restantes, enquadrando-se na terminação “taça”, sendo constituída por forma aberta, de corpo semiesférico. O bordo apresenta-se vertical, levemente extrovertido, com lábio biselado, apresenta colo cilíndrico reto e carena leve, com base convexa. Em suma, verificam-se no conjunto de tigelas seis tipologias distintas de peças que, no entanto, apresentam uma aproximação cronológica bastante grande.

A nível cronológico as peças CMCS/455 e CMCS/2010 apresentam um bordo e uma forma ligeiramente mais fechada, substancialmente diferente das restantes, podendo indiciar uma cronologia mais antiga (século X)²³². Relativamente às peças CMCS/2009, CMCS/2006, CMCS/2007 e CMCS/375, crê-se que contenham uma cronologia um pouco mais tardia (século XI) devido à moldura da base (pé anelar)²³³. Nas formas mais antigas não podemos analisar a morfologia da base devido ao estado de conservação não o permitir, não se conseguindo assim associar com clareza a falta de pé anelar a estas duas peças. É possível, no entanto, uma análise inteligível ao conjunto e avançar com datação cronológica com precisão.

Ao nível funcional parece bastante crível a utilização multifuncional destas formas, tendo como principal função a de servir na mesa alimentos no momento destes serem consumidos²³⁴, podendo servir para levar alimentos frescos ou para conservar pratos quentes²³⁵. Comporta alguma heterogeneidade na forma e nos acabamentos, por exemplo no que toca ao tamanho. Normalmente trata-se de recipientes com capacidades consideráveis, sendo, até agora, escassos os vestígios que se enquadrem nos séculos referidos, objetos de pequenas dimensões, podendo-se assim apontar para o hábito de um consumo coletivo, efetuado a partir de um só recipiente, tal como se verifica na atualidade, especialmente em enquadramento rural.

²³² Idem, apêndice H, fig. 127. (V).

²³³ BUGALHÃO, Jacinta, *et alii*, *CIGA - Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. XELB 10, Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010, p. 464.

²³⁴ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 475.

²³⁵ LUZIA, Isabel, *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento*, Loulé, 93 Loulé, Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, p.12.

A tigela e a taça eram fabricadas exclusivamente para a mesa, contrariamente a outras formas que comportaram uma utilização plurifacetada, nos quais os alimentos muitas vezes eram servidos no mesmo recipiente onde foram cozinhados. Por outro lado o fabrico de louça exclusivamente para ir à mesa é um fenómeno que se verifica durante a evolução deste período, o que culminará num repertório bastante mais complexo no período almóada²³⁶. Estas formas apresentam paralelos por todos os cantos do *dār al-Islam*.

7.1.2- Jarra/ jarro

Este conjunto²³⁷ distingue-se formalmente pela ostentação de formas fechadas sendo o tamanho e a presença de uma ou de duas asas determinante para a classificação entre jarro e jarra. Segundo Susana Gómez Martínez²³⁸ a problemática que se prende com a relação da nomenclatura com a morfologia não funciona arbitrariamente. Neste caso, a escolha da terminação adotada teve por base a especificidade funcional, desta forma um recipiente com uma só asa está concebido para verter líquidos com recurso a uma só mão, o que não acontece com os recipientes que possuem duas asas, que podem ser manuseados com as duas mãos, fato que pode estar ligado a questões relacionadas com o peso ou precisão.

No caso das peças com elevada fragmentação que não permitem determinar com exatidão a presença ou ausência de asas, torna-se complexo projetar hipóteses, correndo-se o risco de uma análise errónea. No conjunto de jarrinhas existe alguma homogeneidade morfológica, sendo que se destaca alguma variação em pormenores. Formalmente existem semelhanças entre as peças CMCS/49, CMCS/302 e CMCS/830, apresentando um perfil bastante simples. O bordo é vertical plano, ligeiramente introvertido nos casos das peças CMCS/830 e CMCS/49, o colo apresenta-se cilíndrico

²³⁶ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 475.

²³⁷ Anexo I - figura III.

²³⁸ Idem p. 476.

reto no caso da peça CMCS/302 e ligeiramente troncocónico invertido nas outras duas peças notoriamente acentuado na CMCS/830.

As três peças têm corpo globular com carena, ligeiramente mais baixa na peça CMCS/830. Esta última, e a peça CMCS/49, apresentam asa vertical, sendo que nos dois casos a proposta de que teriam duas asas é aceite com comprovação bibliográfica²³⁹. Devido ao tipo de fragmentação da peça 302 torna-se impossível conjecturar acerca da possibilidade da asa, no entanto a presença de duas asas parece a hipótese mais plausível. A secção das asas é oval na peça CMCS/49, circular na CMCS/830 e nesta a base é ligeiramente concava.

Apesar das semelhanças morfológicas das peças CMCS/831 e CMCS/81 com as acima analisadas, estas possuem um elemento que as distingue ligeiramente, a presença, nos dois casos, de bordo extrovertido com lábio semicircular, o colo é reto e conico, ligeiramente introvertido no caso da CMCS/831, esta apresenta corpo globular com carena média suave. A asa é vertical com secção oval e, com elevada probabilidade, possuiria duas. A base é plana com espessura grossa.

A peça CMCS/2002 apresenta uma morfologia ligeiramente distinta das restantes, o que pode suscitar algumas dúvidas na caracterização formal, oscilando entre púcaro e jarrinha, o que neste caso se inclina mais para a primeira hipótese²⁴⁰, apresenta corpo globular com carena alta suave, de base plana e o colo surge numa tendência cilíndrica reta. A asa é vertical de secção oval e tem uma espessura ligeiramente menor do que as restantes peças do grupo. No entanto, apesar destas ligeiras divergências quanto à forma, a peça apresenta uma cronologia pontualizada na segunda metade do século X prolongando-se até ao século XI.

Quanto à peça 399 terminologicamente denomina-se por Jarro, é uma forma que se caracteriza fechada, com corpo globular e uma única asa, aspeto que a par das

²³⁹ Matos, José Luis de, *Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila, in: A cerâmica medieval do Mediterrâneo ocidental*, Lisboa, 1987, p. 444.

²⁴⁰ Conforme se justifica pela bibliografia- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 397. Veja-se na figura 6, a jarrita 5b.

maiores dimensões a distingue do púcaro²⁴¹. Segundo a mesma autora, esta forma é bastante antiga, do século VIII, e parece ser uma evolução de tipos romanos, prolongar-se-á até ao século XI e reaparecerá com diferentes características técnicas no século XII²⁴².

O Jarro CMCS/843 apresenta boca circular, o colo é troncocónico invertido e curvo, o corpo é globular de perfil suave sem carena. A asa é vertical com secção oval e a base da peça é plana. Funcionalmente estas peças logicamente seriam utilizadas como recipientes para líquidos, poder-se-ia beber diretamente delas ou levar líquidos para a mesa²⁴³, o jarro seria para servir à mesa, até pela forma do bico indica que facilitaria a decantação de líquidos. A nível cronológico a morfológica não oferece dúvidas, o conjunto situa-se, de forma geral, no século X estendendo-se (tipologicamente) até ao XI²⁴⁴. Verificam-se paralelos por todo o al-Andalus para estas formas, a título de exemplo estão as encontradas no castelo de Mértola²⁴⁵.

7.2- Louça de cozinha

De forma geral é um grupo quantitativamente elevado, apesar de no conjunto de Évora apenas se identificarem quatro tipologias, por entre as diversas que têm sido encontradas na Península Ibérica. O propósito destes recipientes será preparar e cozinhar alimentos, contendo desta forma peças exclusivamente preparadas para ir ao fogo e outras que serviriam exclusivamente para preparar os alimentos antes destes serem cozinhados, não ostentando marcas de fogo. Neste grupo, encontramos tanto formas abertas como fechadas, apresentando grande variedade de tamanho, capacidade e funcionalidade.

²⁴¹ Idem, p. 397.

²⁴² Idem, p. 398.

²⁴³ MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996.p. 120.

²⁴⁴ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, apêndice H, fig.128. (VI).

²⁴⁵ TORRES, Cláudio, et all, *Portugal Islâmico, Os últimos sinais do Mediterrâneo*, catálogo de exposição do Museu Nacional de Arqueologia, ed. Printer Portuguesa, Lisboa, 1998, p. 160.

7.2.1 – Alguidar

Define-se como uma forma aberta²⁴⁶, de tamanho considerável, geralmente, e sobretudo para os períodos iniciais, trata-se de uma forma bastante simples morfológicamente, o que será traduzido numa lenta evolução e inclusivamente no estancamento de alguns tipos, que irão manter o perfil inalterável até aos dias de hoje.²⁴⁷ Dentro deste tipo observamos a divisão em três tipologias, a primeira comporta uma forma ligeiramente fechada, cónica invertida, com bordo extrovertido, como verificamos ao observar as peças CMCS/304, CMCS/667 e CMCS/88.

No caso do bordo, o fator distintivo é a forma dos lábios, semi-circular e bastante extrovertido no caso da peça CMCS/304, em aba arredondado na peça CMCS/667 e triangular arredondado no caso da peça CMCS/88. Estas tipologias poderão estar associadas a distintos tipos de utensilagem, por exemplo no caso do bordo extrovertido presente na peça CMCS/667 pode servir para se colocar pendurado ou ser manuseado com auxílio, devido à peça se encontrar em elevadas temperaturas.

Relativamente ao corpo, denota-se cónico invertido com o colo invertido mais marcado na peça CMCS/304 e CMCS/667 o que produz um perfil completamente aberto enquanto, na CMCS/88 essa marca é menos nítida, denotando-se um perfil ligeiramente mais fechado que nas peças anteriores.

A base é convexa na peça CMCS/667 e, tendo por base o perfil das duas peças anteriores, esta deixa adivinhar uma morfologia idêntica. O segundo tipo aqui vincado, aparece com um perfil de espessura igual aos anteriores analisados, com bordo vertical, ligeiramente extrovertido de lábio plano na peça CMCS/326. São peças que demonstram forma bastante aberta, com o corpo aproximadamente cilíndrico, base plana na CMCS/320 e convexa na CMCS/326.

²⁴⁶ Anexo I - figura VI.

²⁴⁷ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 335.

As peças CMCS/18 e CMCS/631 representam a terceira tipologia presente no conjunto, apresentam morfologia semelhante à do grupo anterior, no entanto a espessura das paredes é, neste caso, bastante maior. Ambas apresentam corpo em cone invertido, com maior abertura na peça CMCS/631. Na peça CMCS/18, apesar do bordo se encontrar fragmentado, subsiste uma canelura decorativa, que analisaremos mais à frente. Ambas as peças têm a base plana. A nível funcional a morfologia de cada grupo de alguidares poderá estar relacionada com a função que desempenhava. Principalmente o tamanho e a espessura das peças deixam adivinhar diferentes funções destinadas. Estas peças cronologicamente enquadram-se no século X-XI²⁴⁸.

Em termos globais, o alguidar não estaria exclusivamente restrito ao uso culinário, seria utilizado, não só no serviço de cozinha, como na confecção de alimentos (amassar o pão), mas também na higiene pessoal²⁴⁹, podendo servir também como pia de abluções²⁵⁰. Poderia servir igualmente para a exposição de produtos no sũq²⁵¹, etc.

São extensos os paralelos que estas formas comportam, para as peças CMCS/304, CMCS/667 e CMCS/88 comparamos com as presentes, em Lisboa, no NARC e Mandarim Chinês.²⁵² Para os exemplares CMCS/326 e CMCS/320 encontramos paralelos nas peças encontradas em Mértola²⁵³, Silves²⁵⁴, Salir²⁵⁵, Tavira²⁵⁶ Cacula

²⁴⁸ Atendendo a considerações estratigráficas, todas as peças referidas integravam o silo 2 do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora, balizado nos séculos X-XI – no caso da peça EVR.T/92/222 o enquadramento cronológico assenta na bibliografia: BUGALHÃO, Jacinta, *et alii*, *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*, REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia. Vol.7. nº 1. Lisboa, 2004, p. 594.

²⁴⁹ CATARINO, Helena, História da Cultura Material de época Islâmica, o exemplo de uma cozinha do Castelo Velho de Alcoutim (Algarve), in: Revista Portuguesa de História T.XXXVII,2005, p. 371.

²⁵⁰ MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996.

²⁵¹ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 337.

²⁵² BUGALHÃO, Jacinta, *et alii*, Produção e Consumo de Cerâmica Islâmica em Lisboa. Conclusões de um projecto de investigação, in: Arqueologia Medieval 20, ed. Afrontamento, Porto, 2008, p. 118.

²⁵³ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 338.

²⁵⁴ GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: o núcleo urbano*, Trabalho de Arqueologia 44, IPA, Lisboa, 2006.

²⁵⁵ CATARINO, Helena, *Catálogo das cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir*, Museu Arqueológico Municipal de Loulé, Loulé, 1996.

Velha²⁵⁷, Gibráleon²⁵⁸, Niebla²⁵⁹, Jerez de la Frontera²⁶⁰, na Catedral de Sevilha²⁶¹, em Córdova²⁶², Valência²⁶³ e Palma de Maiorca.²⁶⁴ Para as peças CMCS/18 e CMCS/631 existe paralelo no espólio exumado do Castelo Velho de Alcoutim²⁶⁵.

7.2.2 - Panela

A forma quantitativamente mais relevante dentro do grupo das louças de cozinha é a panela²⁶⁶. Define-se como uma forma fechada, de corpo globular e colo diferenciado, com uma ou duas asas e boca de tamanho médio que pode facilmente ser tapada²⁶⁷. O elemento que surge neste conjunto, funcionando como desbloqueador na análise morfológica - funcional, são as manchas de fogo, que possibilitam atribuir às peças funcionalidade com maior rigor.

Este conjunto é bastante homogéneo, existindo uma característica na forma comum a todos os elementos, a forma do corpo, globular ou cilíndrico em quase todos

²⁵⁶ COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra, *Um (novo) olhar sobre Tavira Islâmica*, in. XELB 9, Actas do 6º Congresso de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Museu Municipal de Arqueologia, Camara Municipal de Silves, Silves, 2009.

²⁵⁷ SANCHEZ, Álvaro, *Estudo Informático da Cerâmica Islâmica de Cacela Velha*, (Relatório), 2001.

²⁵⁸ GARCÍA BEDIA, Maria Juana, *Avance de los trabajos realizados en el Castilho de Gibráleon (Huelva)*, II Congreso de Arqueología Medieval Española, Madrid, 1297.

²⁵⁹ BAZZANA, André; BEDIA GARCÍA, Juana, *Saltes y el sudoeste peninsular*, Grupo de investigación Arqueológica del Patrimonio del Sureste, Universidad de Huelva, Huelva, 1994.

²⁶⁰ MARTÍN, M, et alii, *Resultado de lo análisis químico y mineralógico de las cerâmicas almohades del yacimiento de La Encarnación (Jerez de la Frontera)*, Estudios de Historia y Arqueología Medievales, Vols. VII /VIII, Cádiz, 1988.

²⁶¹ HUARTE CAMBRA, Rosario; LAFUENTE IBÁÑEZ, Pilar, *La cerâmica de las excavaciones de la Catedral*, in Magna Hispalensis (I), Ed. A. Jiménez Martín, Granada, 2002.

²⁶² JIMÉNEZ AMIGO, et Allii, *Excavaciones en Medina-Azahra (Córdoba)*, in. Memórias de la Junta Superior de Excavaciones Arqueológicas, Vol 85. Madrid, 1926.

²⁶³ BAZZANA, André, *La cerâmica islâmica de la Ciudad de Valencia*. Vol.I, in. Ajuntament de València, Valencia, 1992.

²⁶⁴ BERTI, G; ROSSELLÓ-BORDOY, G, TONGIORGI, E. *Alcini Bacini Ceramiche di Pisa e la corrispondente produzione di Maiorca nel secolo XI*, in. Arqueologia Medievale, XIII, Feologia Medievale, XIII, Firenze, 1986.

²⁶⁵ CATARINO, Helena, *História da Cultura Material de época Islâmica, o exemplo de uma cozinha do Castelo Velho de Alcoutim (Algarve)*, in: Revista Portuguesa de História T.XXXVII,2005, p. 371.

²⁶⁶ Anexo I - figura IV e V.

²⁶⁷ BUGALHÃO, et alii, *CIGA – Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. Xelb, nº 10, Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010, pp. 455 a 476.

os casos de tamanho considerável, o que representa peças com elevada capacidade. As peças CMCS/44, CMCS/25, CMCS/48 e EVR/T-412.1 apresentam um bordo extrovertido com lábio triangular mais vincado nas duas primeiras. A boca é circular com maior abertura na primeira, o que pode representar um tipo diferente de funcionalidade. O colo é bitronconconico invertido e curvo nas quatro. O corpo é cilíndrico na CMCS/44 e globular nas três restantes.

A fragmentação das peças CMCS/44, CMCS/25 e CMCS/48 não permite confirmar a presença de asa, no entanto a presença da mesma parece-me a hipótese mais provável e lógica, tendo por base os paralelos bibliográficos. Já a peça EVR/T-412-1 asa vertical com secção oval. As peças CMCS/484, CMCS/53, CMCS/26 e CMCS/34 apresentam bordo extrovertido e lábio semicircular nas três primeiras e de secção triangular e bastante mais vincado na última.

O corpo apresenta tendência globular, a boca é circular e o colo troncocónico invertido curvo nas quatro peças. A base é plana na CMCS/484, a qual apresenta asa vertical de secção arredondada. As peças CMCS/47, CMCS/45 e CMCS/31 apresentam base plana e deixam prever corpo de tendência globular, com maior abertura na CMCS/45.

A problemática que se compreende na análise morfológica deste conjunto prende-se com a confirmação da presença de asas em todas as peças e quantas são, visto que devido ao estado dos vestígios a confirmação física das mesmas não nos é possível. Resta-nos a avaliação com suporte bibliográfico e, naturalmente, a lógica de funcionamento das peças, olhando os paralelos existentes. Com base nesta análise considera-se que a presença de asa em todas as peças é a hipótese a aceitar, apenas não se confirmando devido ao elevado estado de fragmentação do conjunto.

No que respeita a considerações cronológicas, existem exemplares que poderão datar do século IX²⁶⁸, do qual é exemplo a peça EVR.T/96/340, no entanto a

²⁶⁸ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, apêndice H, fig.125. (III).

generalidade do conjunto remonta aos séculos X- XI²⁶⁹. São formas que correspondem à tipologia de período omíada, podendo ter a sua origem nas de perfil em “S” que se registam por todas as estratigrafias da Alta Idade Média em todo o al-Andalus²⁷⁰.

A nível de funcionalidade, a panela funcionava como peça base na cozinha neste período, com antepassados no período romano, manteve um papel fulcral nas casas hispano-muçulmanas de todas as classes sociais²⁷¹. Seria um utensílio normalmente exposto diretamente ao fogo, conforme confirmam as manchas no espólio, frequentemente classificado como “lento”, ou seja sem chama viva, podendo ser tapada ou não, conforme o prato que se confeccionava²⁷².

As panelas serviriam para cozer ou guisar, em geral ao fogo lento, mas de igual modo, para conterem alimentos ou água²⁷³. Segundo Beck-Bossard a presença de panelas pode indicar um predomínio de pratos cozidos, o que permitiria um total aproveitamento das carnes²⁷⁴. Encontramos paralelos nas peças encontradas em Mesas dos Castelinho pela mão de Carlos Fabião e Amílcar Guerra²⁷⁵, no castelo velho de Alcoutim²⁷⁶, em Loulé²⁷⁷, Lisboa²⁷⁸, Saltes²⁷⁹ e Santarém²⁸⁰.

²⁶⁹ Idem, apêndice H, fig.125. (III).

²⁷⁰ CATARINO, Helena, Catálogo de cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir. Loulé, in Museu Arqueológico de Loulé, Loulé, 1997- 1998 p. 360.

²⁷¹ MACIAS, Santiago, Mértola Islâmica, Estudo histórico- Arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII), Mértola, 1996, p. 116.

²⁷² Idem, p. 116.

²⁷³ GOMES, Varela, *Ribāt da Arrifana, Cultura material e espiritualidade*, in. Município de Aljezur, Aljezur, 2007, p.74.

²⁷⁴ BECK-BOSSARD, Corinne, *L'alimentazione in un villaggio siciliano del XIV secolo*, sulla scorta delle font confire archeologiche in. *Archeologia Medievale*, vol. VIII, Firenze, 1981, p. 319.

²⁷⁵ GUERRA, Amilcar; FABÃO, Carlos, *O povoado fortificado de Mesas do Castelinho*, Almodôvar, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1990. Pp. 305-319.

²⁷⁶ CATARINO, Helena, *História da Cultura Material de época Islâmica, o exemplo de uma cozinha do Castelo Velho de Alcoutim (Algarve)*, in: *Revista Portuguesa de História* T.XXXVII,2005, p. 371.

²⁷⁷ LUZIA, Isabel, *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento*, Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, Loulé, 2003, p.93.

²⁷⁸ BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda, *O Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica: urbanismo e produção oleira*, in. *Arqueologia Medieval*, nº 7, ed. Afrontamento, p. 140.

²⁷⁹ BAZZANA, André; BEDIA GARCÍA, Juana, *Saltes y el sudoeste peninsular*, Grupo de investigación Arqueológica del Patrimonio del Sureste, Universidad de Huelva, Huelva, 1994.

²⁸⁰ VIEGAS, Catarina, ARRUDA, Ana Margarida, *Cerâmicas Islâmicas da Alcáçova de Santarém*, in: *revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. II, nº 2, Lisboa, 1999. Pp.136-137.

7.2.3 - Caçoila

Determina-se como uma forma aberta²⁸¹, de corpo mais largo que alto, de tendência cilíndrica ou troncocónica invertida, costuma apresentar marcas de fogo.²⁸² Esta forma serviria para cozinhar alimentos diretamente no fogo, como se verifica pelo aspeto queimado das peças em estudo. Morfológicamente o conjunto apresenta-se bastante simples e numericamente reduzido, com destaque para a peça CMCS/455 que se encontra relativamente bem conservada, apresenta bordo vertical com lábio arredondado, o colo é reto e o corpo globular. A tendência do corpo deixa prever uma base convexa.

A peça CMCS/432.1 apresenta bordo extrovertido vertical com lábio arredondado, o colo é cilíndrico e a orientação do fragmento deixa prever uma base convexa e corpo troncocónico invertido. Nas peças CMCS/12 e CMCS/ 36 apenas se regista a base plana e corpo globular em ambos os casos. Respetivamente ao balizamento cronológico a morfologia abordada enquadram-se no século X²⁸³, ostentando formas bastante simples contrariamente às mais complexas que surgirão nos séculos seguintes.

²⁸¹ Anexo I - figura VII.

²⁸² BUGALHÃO, et alii, *CIGA – Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. *Xelb*, nº 10, Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010, pp. 455 a 476.

²⁸³ Tem por base enquadramento estratigráfico (Proveniente do silo 2, do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora) e bibliográfico: GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, apêndice H, fig.125. (IV).

8 - Cerâmicas de armazenamento e transporte, e de uso agrícola

Este grupo caracteriza-se por formas fechadas de grandes dimensões. Tem como função guardar líquidos ou sólidos, para isso é importante que não vertam com facilidade e que consigam o máximo de impermeabilidade possível.

8.1- Pote

Genericamente o pote²⁸⁴ caracteriza-se por ter corpo em forma ovóide ou globular, costuma ter um colo que permita introduzir a mão ou uma colher larga, com um bordo levemente extrorso que costumava ser tapado com um pano e atado com um cordel²⁸⁵. Não apresenta quaisquer marcas de fogo nem indício de que foi utilizado nesse sentido. É uma forma que varia no tamanho e na configuração. No conjunto, observa-se apenas uma forma, no entanto algumas peças contêm pormenores característicos. Por exemplo, as peças CMCS/126, CMCS/28 e CMCS/190 apresentam forma semelhante, no entanto em estados de conservação distintos.

O bordo é extrovertido com lábio de secção triangular, a boca é circular no caso da CMCS/190. O colo é cilíndrico e curvo, o corpo globular, sem qualquer carena. A base apresenta-se plana excetuando a base da peça CMCS/491, que se mostra concava. As peças CMCS/190 e CMCS/196 são as que apresentam um perfil com melhor conservação, ambas possuem duas asas verticais de secção oval, paralelamente situadas. A presença de asa é em termos de caracterização funcional um elemento de elevada importância, neste conjunto o elevado grau de fragmentação

²⁸⁴ Anexo I - figura IX.

²⁸⁵ TORRES, Cláudio, GÓMEZ, Susana, FERREIRA, Manuela, *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*. Atas das 3ª. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós- Medieval, Tondela, 1997, p. 127.

de algumas peças não permite conjecturar com certeza acerca dessa característica, no entanto, a generalização das asas verticais é uma hipótese bastante viável²⁸⁶.

O conjunto em termos cronológicos enquadra-se no século X, atendendo à morfologia e confirmando pela ornamentação, característica desta época²⁸⁷. Para este conjunto encontramos paralelos morfológicos, embora com algumas divergências em termos decorativos, em Mértola²⁸⁸ e no Cerro da Vila em Vilamoura²⁸⁹.

8.2 - Cântaro

Esta forma define-se como uma vasilha²⁹⁰, fechada, de tamanho médio ou grande, com corpo em forma ovóide e de colo relativamente estreito e com duas asas²⁹¹. Forma que surge como suporte para o transporte, as duas asas e o colo estreito seriam fundamentais na tarefa de levantar e transportar sem derramar líquidos. O conjunto é bastante reduzido, apenas 1,39 % do total de peças estudadas, no entanto as peças CMCS/78 e CMCS/007.7 oferecem informação morfológica e decorativa importante. Ambas ostentam grandes dimensões, a CMCS/78 apresenta colo cilíndrico reto, corpo globular, a base é plana e as asas são verticais de secção oval, paralelamente situadas.

Cronologicamente a peça CMCS/78 parece enquadrar-se no século X²⁹², como se confirma pela decoração²⁹³. A peça CMCS/007.7 apresenta o colo em forma

²⁸⁶ A função da asa prende-se com o transporte do recipiente a elevadas temperaturas.

²⁸⁷ Ver capítulo 11.6.

²⁸⁸ MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996, p. 112.

²⁸⁹ MATOS, José Luís de, *Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila*, in. Actas do Congresso, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Lisboa, 1987.

²⁹⁰ Anexo I - figura X.

²⁹¹ BUGALHÃO, et alii, *CIGA – Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. Xelb, nº 10, Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010, pp. 455 a 476.

²⁹² Tem por base enquadramento estratigráfico e bibliográfico: GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, apêndice H, fig.125. (I).

²⁹³ Ver capítulo 11.6.

truncocónica invertida, o corpo exhibe tendência periforme invertida, possui duas asas verticais de secção oval e a base é plana. É um perfil que aponta para um enquadramento no período califal, século X. A nível morfológico as peças apresentam semelhanças com espólio encontrado no Cerro da Vila em Vilamoura²⁹⁴, em Aljezur²⁹⁵ e em Olhão²⁹⁶, Silves²⁹⁷, Palmela²⁹⁸, Córdova²⁹⁹ e Ibiza³⁰⁰.

8.3 – Talha

Em termos morfológicos a talha³⁰¹ define-se como uma forma fechada, de grandes dimensões com corpo de tendência oval, com o colo de tamanho reduzido em relação ao corpo³⁰². Esta teria como função armazenar e conservar água, frutos secos, cereais de consumo corrente, entre outros³⁰³. Contrariamente ao cântaro, estas ficariam fixas no interior da casa, daí a ausência de asas. O tamanho varia um pouco consoante as necessidades dos habitantes e poderiam ser impermeabilizadas no interior, consoante o produto a que se destinavam³⁰⁴.

²⁹⁴ MATOS, José Luís de, *Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila*, in. Actas do Congresso, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Lisboa, 1987.

²⁹⁵ GOMES, Varela, *Ribât da Arrifana, Cultura material e espiritualidade*, in. Município de Aljezur, Aljezur, 2007, p.75.

²⁹⁶ GOMES, Mário Varela, *Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão)*, in. Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Câmara Municipal de Tondela, Tondela, 1998, p. 35.

²⁹⁷ GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: o núcleo urbano*, Trabalho de Arqueologia 44, IPA, Lisboa, 2006.

²⁹⁸ FERNANDES, Isabel, *O Castelo de Palmela, do Islâmico ao Cristão*, ed. Colibri, Camara Municipal de Palmela, Palmela, 2004.

²⁹⁹ MORENA LÓPEZ, José, *Resultados preliminares de la excavación arqueológica de urgencia en el solar nº 63 de la calle Agustín Moreno de Córdoba*, in. Anuario Aqueologico de Arqueologis, III, Vol. I, Córdoba, 1999.

³⁰⁰ KIRCHER, H, *La cerâmica de Ibiza. Catàleg i estudi dels fons del Museu Arqueològic d'Eivissa y Formentera*, Museu Arqueologic d'Eivisa i Formentera, Ibiza, 2002.

³⁰¹ Anexo I - figura X.

³⁰² BUGALHÃO, et alii, *CIGA – Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. Xelb, nº 10, Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010, pp. 455 a 476.

³⁰³ MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996, p. 110.

³⁰⁴ Idem, p. 110.

Em termos gerais, o conjunto apresenta morfologia bastante simples característica do período omíada, contrariamente às formas mais complexas dos períodos africanos³⁰⁵. Denotam-se bordos extrovertidos com lábios arredondados de secção triangular bastante subtil, mais vincado na peça CMCS/518 e mais direito e arredondado nas peças CMCS/ 317 e CMCS/536. O colo é cilíndrico, denotando-se mais nas peças CMCS/518 e CMCS/536 e todo o conjunto apresenta boca arredondada de grandes dimensões. O corpo é genericamente de tendência globular, com dimensões superiores a 50 cm. Cronologicamente o conjunto integra-se plenamente no século X³⁰⁶, confirmando-se pela sobriedade morfológica e, também devido aos elementos decorativos característicos deste período³⁰⁷.

8.4 - Alcatruz

Neste contexto apenas encontramos um exemplar de alcatruz cerâmico³⁰⁸. Genericamente trata-se de um recipiente fechado cilíndrico, que serviria para ser utilizado na roda da nora por forma a se elevar a água. Descem vazios e são cheios no fundo do poço ou cisterna. Quando sobem, e atingem a posição mais elevada, começam a verter a água para uma calha que a conduz ao seu destino.

No al-Andalus apenas se conhecem dois tipos de alcatruz, os de base plana e os de base cilíndrica, este pertence à tipologia de base plana. É um objecto que tem antepassados no período romano, veja-se a referência nos tratados de arquitectura daquele período³⁰⁹.

³⁰⁵ Anexo I, figura XXI. - CORREIA, Fernando, Branco, *Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1991.

³⁰⁶ Tem por base enquadramento estratigráfico (Provenientes do silo 2, do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora.) e bibliográfico: TERUEL, Núra, et alii, *Arqueología Rual islámica en Hulva, La Alquería de la Almagra*, in. *Arqueologia Medieval* nº 10, ed. Afrontamento, Porto, 2008, p. 77.

³⁰⁷ Ver capítulo 11.8.

³⁰⁸ Anexo I - figura XI. – Apesar de se encontrarem em considerável numero, com cronologia assente no século XI e XII.

³⁰⁹ Vitruvius, *Tratado de Arquitectura*, Ed. IST Press, Lisboa, 2006, p. 374.

No entanto a generalização do uso do alcatruz em cerâmica acontece por volta do século VIII. No único exemplar do espólio apenas se verifica a parte inferior do que seria a peça completa, apresenta base plana com perfuração central para encaixe, o corpo é troncocónico, estriado. Denota-se a canelura de encaixe na nora.

Relativamente à conjectura cronológicas tendo por base a morfologia, torna-se uma tarefa complicada devido a uma ampla utilização cronológica desta forma. A evolução da mesma pode ser entendida pelas condições tecnológicas e naturais dos poços ou rios. Esta influência pode estar vincada no abandono do fundo em bico em prol de um fundo plano, o que poderia resultar em uma melhor montagem e ajustamento aos diferentes contextos³¹⁰. Considerando o enquadramento estratigráfico onde se encontrava³¹¹, a peça enquadra-se no século X-XI. É uma forma que se verifica com regularidade nas estâncias arqueológicas por toda a idade media.

8.5 – Objetos de iluminação: candil

Encontramos, na cidade de Évora, um conjunto interessante, algo diversificado e diacrónico de utensílios para iluminação do interior habitacional. Funcionam como “fóssil diretor” para o período islâmico, sendo parte integrante de acervos provenientes de estratigrafia de cariz habitacional no al-Andalus. Seriam complemento indispensável do equipamento básico do agregado habitacional. Tal como nos outros conjuntos, é possível através da análise morfológica a estas peças caracterizar a evolução técnico-cronológica dentro deste período.

O candil tem o seu antepassado na lucerna Romana³¹², no entanto as formas que se conhecem na Península Ibérica são produto de uma incorporação morfológica

³¹⁰ Andrés Bazzana, “Una noria árabe en la huerta de Oliva (Valencia) ”, in *Arqueologia Medieval Española*, tomo II, Madrid, 1987, p. 426.

³¹¹ Proveniente do silo 2, do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora.

³¹² Rosselló-Bordoy, Guillermo, *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*, Palma de Mallorca, 1978, p. 136.

mais complexa, que assenta em diversas culturas e regiões, apesar do seu antepassado Romano, o candil vai buscar influências/origens à cultura Fenícia³¹³.

Apresenta neste período características formais onde sobressai um bico, no qual se situava a mecha que arde, uma base de forma fechada que funcionaria como depósito de combustível. Por norma apresenta um colo de forma bitroncocónica, por onde se processa a alimentação do depósito em combustível e uma só asa, que detém carácter utilitário, a de deslocar com facilidade e em segurança o objeto³¹⁴.

A tendência da Evolução morfológica aponta numa redução do tamanho do reservatório, que apresentaria inicialmente maior dimensão em relação ao tamanho do bico³¹⁵. A forma que caracteriza o candil extingue-se com o período islâmico no entanto existirá uma continuidade com uma forma aberta até à atualidade, designando-se esta de candeia.³¹⁶ Quanto à utilização, não restam dúvidas de que serviria para iluminar interiores habitacionais, utilizando azeite como combustível.

Em Évora, nos séculos em estudo, encontramos quatro tipologias de candis, a forma mais antiga corresponde à peça EVR-GO/349.3, da qual apenas resta o bico, de pequenas dimensões. Este bico, segundo Juan Zozaya, apresenta forma de “orelha de lebre”³¹⁷, e enquadra-se no tipo 1ª catalogado em Mértola e cronologicamente baliza-se entre o século IX e o X e encontra paralelos em Mértola³¹⁸, Milreu³¹⁹, Mérida³²⁰ e Córdoba³²¹.

³¹³ KEMNITZ, Eva-Maria Von, Candis da Coleção do Museu Nacional de Arqueologia, Série IV, Lisboa, 1993-1994, p. 451.

³¹⁴ Idem, p. 433.

³¹⁵ GONÇALVES, Maria José; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina; *Evolução tipológica de um conjunto de utensílios de iluminação de um arrabalde islâmico de Silves*, Vipasca, ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. N.º 2. 2ª série. 2007, p. 644.

³¹⁶ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, p.277

³¹⁷ Idem, p.430.

³¹⁸ Idem, p.430.

³¹⁹ Teichner, Felix, *Acerca da Vila Romana de Milreu/Estoi. Continuidade da ocupação na época árabe*, in. *Arqueologia Medieval*, n.º 3, pág. 89-100, Ed. Afrontamento, Porto, 1994.

³²⁰ ALBA, Miguel; FEIJO, Santiago, *Cerâmica Emiral de Mérida*, in: Garb, *Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, ed. Junta de Extremadura, p. 357.

³²¹ FUERTES, Santos, CARMINO, Mª del, *La cerámica caifal del yacimiento de Cercadilla, Córdoba*, Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, Sevilla, 2002. – fig. 81.

A forma mais frequente corresponde ao tipo 1C catalogado por Susana Gomèz em Mértola, observamo-la nos exemplares EVR.T/96/55, EVR.T/96/51, CMCS/00233 e EVR.T/002, esta forma apresenta-se com um corpo com tendência cilíndrica curva, com depósito bitronconico com carena média, pouco vincada, base plana e asa paralela com secção em “D”, patente na primeira e terceira. Encontramos uma característica comum no bico deste grupo, com forma mais ou menos achatada em forma de “bico de pato”³²². Cronologicamente esta forma enquadra-se nos finais do século X e inícios do XI, funcionando como fator distintivo a tipologia decorativa de cada uma, como podemos observar na primeira e na segunda referidas, e ostentam elementos decorativos que os remetem para o século X, a decoração das restantes peças apontam para o século XI. Encontramos paralelos para esta forma no Castelo de Alcoutim,³²³ em Vilamoura,³²⁴ Silves,³²⁵ e Sevilha³²⁶.

As formas EVR.T/0034 e EVR/T- 506.1 (a título de exemplo) assumem características claramente mais tardias que se inserem no século XI. Apresentam base plana, corpo bitroncoconico com carena vincada e o bico ostenta forma em “quina de barco” como refere Juan Zozaya. Composto por cinco facetas bem explicitas na peça EVR.T/0034, esta forma tem continuidade cronológica até ao século XII³²⁷ e apresenta semelhanças com o grupo 1F catalogado pela mesma autora em Mértola. Encontramos peças idênticas em Moura³²⁸, Niebla³²⁹, entre outros.

³²² VASCONCELLOS, José, *História do Museu Etnológico Português*, Imprensa Nacional, Lisboa 1915, p. 37.

³²³ CATARINO, Helena, *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados*, in. al-‘ulyā, nº 6, 3 vols., Arquivo Municipal de Loulé, Loulé, 1997/98: Est: XXXVIII-XXXIX.

³²⁴ MATOS José Luís de, *Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila*, in. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, in. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991a p, 450.

³²⁵ GOMES, Rosa Varela, *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*, in. *Xelb*, Câmara Municipal de Silves, Silves, 1988, p. 212.

³²⁶ HUARTE CAMBRA, Rosário; LAFUENTE IBÁÑEZ, Pilar, *La cerámica de las excavaciones de la Catedral, Magna Hispalensis (I). Recuperación de la Aljama Almohade*, ed. A. Jiménez Martín, Granada, 2002, p. 413

³²⁷ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p.433.

³²⁸ MACIAS, Santiago, *Moura na baixa idade média: elementos para um estudo histórico e arqueológico*, in. *Arqueologia Medieval*, nº 2, ed. Afrontamento, Porto, 1993, p. 135.

³²⁹ BENABAT HIERRO, Yolanda; PÉREZ MACIAS, Juan Aurelio, *La Ollita, una noria islámica en Niebla, Huelva en su Historia*, 7, 2.ª época, Universidad de Huelva. Huelva, 2003, fig. 6.5.

A peça CMCS/00231 apresenta paralelos com o candil califal de Pedrartil, encontrado em Croca, Penafiel,³³⁰ ostenta uma câmara com forma bitroncoconica com carena vincada, o colo tem tendência tronconconica, a asa apresenta secção em “D”, o bico apresenta a tendência de “bico de pato”, bastante perceptível. Este candil tem morfologia enquadrável no tipo 4 catalogado por Rosselló Bordoy em 1978 para os conjuntos de Maiorca³³¹. Ao nível cronológico a peça insere-se no século X em pleno período califal, apresenta paralelos por todo o al-Andaluz, por exemplo em Saragoça³³².

³³⁰ BARROCA, Mário Jorge; SANTOS, Maria José Ferreira dos: *O candil califal de Pedrartil (Croca, Penafiel)*, in: Al-Ândalus, Espaço de Mudança, Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais, Mértola, 16, 17 e 18 de Maio de 2005, Pp. 310 - 317.

³³¹ BORDOY, Guillermo Rosselló, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca*, Palma de Maiorca, 1978, pp. 51 a 54.

³³² SANTO, Juan A., *Cerâmicas islâmicas escavadas en la Seo del Salvador (Zaragoza)*, in: Boletim de Arqueologia Medieval, nº8, Vol. 1, Toledo, 1987, p. 42.

9 – A cerâmica islâmica de Évora (séculos VIII a XI): Análise ornamental e simbólica.

Os séculos VIII e IX constituem um período formativo nas artes do al-Andalus, em que os elementos autóctones de época visigótica foram confrontados e moldados pelos cânones das artes islâmicas em pleno florescimento do oriente islâmico. Dando assim origem a uma simbiose, que com o decorrer do tempo, elaborou a sua própria linguagem artística e estilística, plenamente afirmada no século X, tributária das influências que entretanto tinha absorvido.

Após a queda do califado os centros artísticos deixam de ser em Córdova passando a pertencer aos novos centros de poder, como é disso exemplo a taifa de Batalyaws / Badajoz, é neste período que a diferenciação da produção cerâmica, provenientes, agora, de diferentes centros de produção, adquirem um cunho mais marcante, as formas da época califal tiveram continuidade mostrando no entanto sinais de evolução³³³.

Dentro deste grupo abordar-se-á o que respeita à ornamentação do espólio, as técnicas e tipologias, fazendo a ligação ao ponto de vista iconográfico, ponto de informação essencial que qualquer vestígio arqueológico pode fornecer.

A arte islâmica, não se restringe exclusivamente a objetos vinculados a questões religiosas, ela transita entre o espaço do quotidiano e do sagrado.³³⁴ Parece existir uma relação dialética entre o quotidiano e o mundo religioso, impregnado de simbolismo e signos, característicos da identidade muçulmana³³⁵.

Através da consolidação política, levada a cabo por 'Abd al-Rahmān III (912-961), submetendo todo o al-Andalus ao poder central omíada, (excetuando a cidade

³³³ VON KEMMITZ, Eva-Maria, *Candis da Colecção do Museu Nacional de Arqueologia*, in: O Arqueólogo Português, Série IV, 11/12, Lisboa, 1993-1994, p.435.

³³⁴ ANDERSON, Claire D., ROSSER-OWEN, Mariam, *Revisiting Al-Andalus: Perspectives on the Material Culture of Islamic Spain and Beyond*. LP Harvey-Journal os Islamic Studies. OCIS, 2010, p. 246.

³³⁵ GRABAR, Oleg., *La Formación del Arte Islámico*, 8ª edição, Cátedra, Madrid, 2000, p. 176.

de Saragoça, que durante este período conservará uma certa autonomia³³⁶), fomenta um período de estabilidade que potenciou “l’une des phases les plus brillantes de la civilisation arabe classique”³³⁷.

É no contexto de evolução cultural que surgem neste período novas tipologias e decorações em torno da cerâmica, exprimindo novos gostos e costumes característicos deste período. Funcionam como um meio fundamental para um maior entendimento do período histórico em análise, suportando evidencias importantes acerca de “hábitos alimentícios y la vida cotidiana, el engranaje económico de una sociedad, su evolución tecnológica, el horizonte simbólico de un Pueblo y la expresión de voluntades políticas y propaganda ideológica”³³⁸.

9.1 - O Vidrado policromático - verde e manganês

A técnica ornamental que melhor caracteriza o desenvolvimento cultural atrás referido é o vidrado policromático vulgarmente chamado de verde e manganês. As origens desta técnica decorativa é remota, “las primeras producciones vidriadas policromas en verde y morado se encuentran en la China de la dinastía Tang en el siglo VII. Se trata de piezas ornamentadas con grandes manchas de cobre y manganeso que escurren libremente por la pieza. Desde la China pasa al Medio Oriente y desde allí se extiende por el mundo islâmico. [...] Llega a la Península en el siglo X y toma carta de naturaleza aplicándose a formas de raíz hispanorromana. Asociado al poder omeya se difunde rapidamente y comienza a producirse en vários núcleos contemporâneos ya desde el siglo X”³³⁹.

³³⁶ PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, p. 54.

³³⁷ Idem, p.53.

³³⁸ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*; Tese de Doutoramento, texto policopiado, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, P.220.

³³⁹ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p.586.

A difusão desta técnica no al-Andalus está relacionada com dois locais, a cidade palatina de Madīnat al-Zahrā³⁴⁰ e Madīnat Ilbirat³⁴¹. Esta técnica decorativa rapidamente se difunde por diversos locais da Península com datações da segunda metade do século X. Terá o seu esplendor, no período imediatamente a seguir, das Taifas³⁴² no século XI e alargar-se-á até ao século XII³⁴³. A técnica surge novamente no século XIII, em cerâmicas cristãs, no entanto, com uma temática iconográfica e morfológica diferente³⁴⁴.

A nível tecnológico este tipo de decoração caracteriza-se pelo vidrado policromático, com fundo branco e os motivos decorativos em verde (óxido de cobre) e roxo-preto (manganês), variando a combinação cromática, podendo também surgir o amarelo, e o fundo branco ser substituído por melado, verde ou não apresentar qualquer vidrado³⁴⁵. Barceló faz a ligação entre a técnica utilizada no fabrico desta decoração e o discurso de poder califal, ao afirmar que a composição cromática composta pelo branco (cor dos omíadas) e o verde (cor do profeta) resultam numa simbiose que exprime o poder califal³⁴⁶.

Relativamente ao conjunto encontramos uma temática iconográfica algo diversificada com motivos antropomórficos, fitomórficos, geométricos e epigráficos. Temos presente quase todos os tipos de motivos decorativos que se conhecem no al-Andalus, com exceção para os zoomórficos, de que não é clara a presença deste tipo no conjunto de Évora³⁴⁷.

³⁴⁰ PIEDRA, Carlos Cano, LA CERÁMICA VERDE- MANGANESO DE MADĪNAT AL-ZAHRĀ, Granada, 1996, p.5.

³⁴¹ PIEDRA, Carlos Cano, *Estudio Sistemático de la cerámica de Madinat Ilbira*, Cuadernos de la Alhambra, Granada, 1991, p. 127.

³⁴² Idem, p 5.

³⁴³ JIMENEZ, et al, Excavaciones de Medina-Azahra (Córdoba), Memorias de la junta superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1926.

³⁴⁴ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *A Cerâmica Verde e Manganês de Castro do Cola (Ourique)*, Atas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pôs Medieval, Camara Municipal de Tondela, Tondela, 1995, p. 64.

³⁴⁵ Idem, p. 64.

³⁴⁶ BARCELÓ, M., *Al-Mulk, el verde y el blanco, la vajilla califal omeya de Madinat al-Zahra*, La cerâmica altomedieval en el sur de Al-Andalus, granada, 1993, pp. 291-299.

³⁴⁷ Resta dúvidas quanto ao motivo da peça RVG 2 – 251, da Evr/T.234 e EVR.M/97/813 podendo nestes casos estar na presença de motivos zoomórficos (pavão) que a fragmentação não deixou claro. Não

Observa-se, também, que a tipologia em que este tipo de cerâmica se insere é maioritariamente,³⁴⁸ a tigela, o que não é de admirar ao olhar para o panorama ibérico. Tomemos como exemplo o estudo feito no conjunto de cerâmicas do castro da cola, no qual verificamos que 94% do conjunto decorado é constituído por tigelas,³⁴⁹ ocupando a louça de mesa grande destaque no que respeita as formas ornamentadas a verde e manganês. Assim sendo, o conjunto é constituído na sua maioria por formas abertas³⁵⁰.

A maioria do conjunto caracteriza-se pela presença de decoração no interior das peças (tigelas)³⁵¹, facto que poderá ser estruturante na relação da função das peças com a preocupação estética/ artística, originando o efeito visual pretendido. No enquadramento da gramática iconográfica, sabe-se que a linguagem simbólica muçulmana é universal, e, portanto, recorre a elementos de outras civilizações, podendo desta forma ser encontrado nas suas expressões artísticas, signos provenientes de tradição visigótica, judaico-cristã, tal como de tradição oriental, sassânida, chinesa e da arábia pré islâmica³⁵².

9.2 - Motivos fitomórficos e geométricos

A ornamentação com motivos fitomórficos e/ou geométricos representa o maior grupo dentro desta técnica. Numerosas vezes surgem motivos fitomórficos a acompanharem motivos de diferentes naturezas, como se pode verificar em diversas peças do grupo com decoração epigráfica, composta pelos dois temas iconográficos em simultâneo. Assim sendo, este grupo é transversal a todos os outros, constituindo

havendo total de segurança quanto a estes motivos, optou-se por não os contabilizar na análise estatística.

³⁴⁸ Salvo exceções como a peça RVG 2 – 251.

³⁴⁹ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *A Cerâmica Verde e Manganês de Castro do Cola (Ourique)*, Atas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pôs Medieval, Tondela, 22/25 de Março de 1995, Camara Municipal de Tondela, p. 58.

³⁵⁰ Excetuando a peças: RVG 2 – 251.

³⁵¹ Com exceção para as peças RVG 2 – 251 e EVR.M/97/810.

³⁵² GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 650.

parte dos outros motivos ornamentais, apenas uma pequena percentagem do espólio, apresenta composição exclusiva de motivos fitomórficos.

A peça CMCS/2009 apresenta o perfil melhor conservado do conjunto. A nível decorativo/ técnico a peça apresenta especificidades técnicas que serão abordadas no capítulo correspondente. Encontramos representações de um entrelaçado nas zonas junto ao bordo e a representação geométrica ao centro, em forma de dois losangos irregulares concêntricos, que o nível de fragmentação não deixa legível para uma análise clara, no entanto deixa adivinhar um provável motivo fitomórfico, com uma flor de lótus de forma esquemática³⁵³. A interpretação dada a este tipo de losango cruciforme, segundo Araceli Gómez, é considerado o símbolo do universo em muitas sociedades antigas, como na Pérsia.

No mundo islâmico este converte-se no símbolo do paraíso por excelência³⁵⁴. Para Chevalier significa os contactos entre o céu e a terra, entre o mundo inferior e o mundo superior³⁵⁵, visto que os dois losangos unem-se na base, este elemento ornamental apresenta paralelos com a peça ML/0043 de Mértola³⁵⁶.

As representações de entrelaçados surgem com frequência, como se pode constatar nas peças EVR/T-336, EVR/T-336, RVG 2 – 252 e EVR/T-442. No caso das três primeiras cordão duplo e nas duas últimas entrelaçado com três cordas. Além do efeito visual que estes motivos causam, iconograficamente, estes entrelaçados relacionam-se com a representação do “cordão da eternidade” que está logicamente ligado com a continuidade da vida, a corrente da vida para chegar à eternidade³⁵⁷.

As palmetas destacam-se como um dos elementos iconográficos mais comuns no al-Andalus e surgem com bastante frequência. A título de exemplo estão as peças EVR.T/96/349, CMCS/122, EVR.T/97/800 e CMCS/0010, nas quais surge a palmeta

³⁵³ Fica alguma reserva, podendo de igual forma ser um motivo pseudo-epigrafico que a fragmentação não deixou claro.

³⁵⁴ TURINA GÓMEZ, Araceli, *Algunas influencias orientales en la cerámica omeya andalusí*, in: II coloquio cerâmica medieval del Mediterráneo, Toledo, 1981, ed: Ministerio de Cultura, Madrid, 1986, p. 458.

³⁵⁵ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Ed. Teorema, Lisboa, 1999, p. 228.

³⁵⁶ TORRES, Nádía, *O Desenho, na Cerâmica Islâmica de Mértola*, ed: CAM- Mértola, Mértola 2013, p. 45.

³⁵⁷ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Ed. Teorema, Lisboa, 1999, p. 240.

quase sempre inserida em forma triangular, muitas vezes junto ao bordo, excepto na última, em que a palmeta está inserida num esquema geométrico, intercalando as palmetas com traço duplo formando uma espécie de lusango preenchido a verde.

Iconograficamente este tema tem origem bizantina tendo sido absorvido pela arte islâmica, nomeadamente califal do século X na Península Ibérica³⁵⁸. Deriva da folha de acanto e serve de base para a formulação de diversos signos, o mais comum é o conjunto de palmetas formando um bolbo de lótus, que segundo Juan Zozaya simboliza a pureza e o renascimento e continuidade da vida³⁵⁹. A árvore da vida é um tema bastante recorrente na cerâmica islâmica que podemos encontrar das mais diversas e complexas formas³⁶⁰. Encontramos a relação deste tipo de decoração por todo o al-Andalus, a título de exemplo ficam os seguintes; a tigela COLA-3-028 da estação arqueológica de Castro da Cola³⁶¹, em Mértola³⁶² (peças CR/VM/0550 e VM/0541), e em Córdoba, nas cerâmicas da cidade palatina de de Madīnat al-Zahrā³⁶³.

Encontramos combinação de motivos fitomórficos e geométricos, desta vez a decoração é composta por um círculo interiormente cheio com uma banda ponteadada, como se verifica nas peças CMCS/375 e CMCS/539. Devido ao elevado grau de fragmentação da peça, torna-se impossível interpretar com rigor toda a decoração, apenas se verifica a presença de arcos secantes e de linhas preenchidas com bandas pontilhadas, no entanto é natural que este seja intercalado por outros motivos decorativos.

Nas peças EVR.T/96/291, EVR/lóios/148 e RVG 2-252, denotam-se motivos concêntricos intercalados por vários tipos e tamanhos de bandas ponteadadas. No caso da primeira denotam-se no bordo manchas de verde, materializando um motivo

³⁵⁸ TORREMOCHA, A., OLIVA, Y., *La cerámica muçulmana de Algeciras, Producciones estampilladas*. in: Caetaria Monográficos, n1, 2002, p. 62.

³⁵⁹ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 655.

³⁶⁰ Idem, p. 657.

³⁶¹ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica de verde e manganês do Castro da Cola*, in: Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval, Camara Municipal de Tondela, Tondela, 1995 p. 62.

³⁶² GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 3940.

³⁶³ PIEDRA, Carlos Cano, *LA CERÁMICA VERDE- MANGANESO DE MADĪNAT AL-ZAHRĀ*, ed. Sierra Nevada 95 / El legado andalusí, Granada, 1996, p. 115.

semicircular. Ao nível iconográfico estes motivos podem ser associados ao símbolo da abobada celeste, ou seja da perfeição e da divindade³⁶⁴.

A decoração da peça CMCS/539 caracteriza-se pela relação entre uma decoração fitomórfica, com a representação do bolbo de lótus, e geométrica com a representação de traços verticais que se cruzam. Existe um intuito claro nesta peça de criar um efeito cromático aliado à representação do lótus, com divisões mais escuras contrapondo com outras mais claras. Iconograficamente já se analisou o significado da representação repetida do lótus intercalada com motivos geométricos.

A peça CMCS/2006 comporta uma junção de motivos geométricos com fitomórficos. No centro da peça encontramos a repetição de palmetas em esquema triangular, simbolizando naturalmente a flor de lótus. A gramática iconográfica floral associa-se a elementos geométricos, simbolizando o “Selo de Salomão”, um signo semita absorvido pelo Islão durante a expansão territorial³⁶⁵. A composição estilística alcança significado quando o simbolismo do lótus se une à proteção do “Selo de Salomão” refletindo poder e graças divinas.³⁶⁶ Ao nível ornamental, esta peça insere-se no século X, como indicam os paralelos encontrados em Mértola³⁶⁷.

No que respeita a especificidades técnicas, estas duas peças não diferem da CMCS/122, tal como acontece com as CMCS/7006 e RVG 2 – 251 não apresentam novidades técnicas e correspondem à junção de cores mais comum no al-Andalus. A peça CMCS/7006 apresenta um motivo semelhante ao da peça CMCS/122, representando uma palmeta inserida num triângulo. A peça RVG 2 – 251 devido a um possível escorrimento accidental do vidro, torna-se tarefa difícil determinar com precisão os motivos decorativos que a mesma apresenta, no entanto podemos estar na presença de uma forma de bolbo de lótus, relacionando mais uma vez motivos geométricos com fitomórficos, cujo significado foi analisado.

³⁶⁴ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain; *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, 1999, p. 123.

³⁶⁵ GRABAR, Oleg., *La Formación del Arte Islámico*. 8ª ed. Cátedra, Madrid, 2000, p. 216.

³⁶⁶ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, La cerámica de verde y morado de Mértola In: *Arqueologia Medieval* nº 3, Mértola, 1994, p. 121.

³⁶⁷ MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio. *História de Portugal*, direcção de José Matoso, Lisboa, 1992 p.413.

Outra forma da representação da flor de lótus encontra-se com alguma frequência na cerâmica de Évora, desta vez com uma cronologia mais tardia, apontando para o início do século XI. Tomemos como exemplo as peças EVR.M/97/752, EVR/T-220, EVR/T-331 e EVR/lóios/231, nas quais surgem bolbos de lótus com o vértice sempre voltado na direção do bordo, separados e segmentados por uma retícula, formada por linhas finas de cor negra³⁶⁸. Estas linhas são na maioria das vezes acompanhadas por motivos geométricos, tome-se como exemplo a peça EVR.M/97/752 na qual os bolbos são acompanhados de possíveis losângulos³⁶⁹. Estas peças têm paralelos em Mértola³⁷⁰ e em Badajoz³⁷¹. Esta representação também está patente nas peças EVR/T 451, EVR/lóios/231 e EVR-T-071.

9.3 - Motivos epigráficos

Na cultura islâmica a escrita possui um enorme valor simbólico, visto que independentemente do seu conteúdo, esta identifica-se com a palavra do Profeta e comporta um valor sagrado. A epigrafia de carácter cúfico teve um enorme prestígio por ter sido associada à redação de uma parte do Corão revelada por Gabriel a Maomé, e foi a partir de então um suporte importante para a divulgação do Corão, apesar da sua complicada leitura³⁷².

Do conjunto estudado apenas se registam cinco peças com este tipo de ornamentação CMCS/2003, EVR.M/97/810, CMCS/376-34, EVR-T-196/2, EVR.M/97/810 e EVR/lóios/148, em todas se denota um grau de fragmentação elevado. No entanto é notório nas duas primeiras que a leitura da epigrafe diz “Al-

³⁶⁸ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012 p. 109.

³⁶⁹ Idem, p. 109.

³⁷⁰ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La cerâmica de verde y morado de Mértola*, in. *Arqueologia Medieval* nº 3. Ed. Afrontamento, Porto, 1994, p. 123 - fig. 39.

³⁷¹ VALDÉS FERNANDÉZ, Fernando, *La Alcazaba de Badajoz*, in. *Hallazgos islâmicos*, Madrid, 1985, p.133. - indício de aproximação comercial com Badajoz e também do comércio com outros reinos neste caso com o de Sevilha – Mértola.

³⁷² GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, pág. 658.

Mulk”, que significa em português “O Poder”, é uma das epígrafes mais comuns no al-Andalus e segundo Carlos Piedra é um termo exclusivo das produções de al-Zahara e raramente se encontra na cerâmica de outros locais da Península³⁷³. Na peça EVR.M/97/810 denota-se alguma exceção morfológica, e decorativa, relativamente ao conjunto. A decoração apresenta-se na parte exterior da taça, tal como a peça EVR/lóios/148, e o elevado grau de fragmentação deixa algumas dúvidas na leitura, no entanto a comparação com outros cúficos parece confirmar que se trata do mesmo elemento.

“Al-Mulk” é o título da sura LXVII do Corão, palavra relacionada com os omíadas e com a instauração do califado no al-Andalus³⁷⁴. O significado atribuído ao lema seria para recordar ao fiel a humildade que deve ao poder divino e a ameaça de fogo para aqueles que a ignorem³⁷⁵, esta tende também a ser relacionada com o poder político do soberano³⁷⁶. No entanto Carlos Piedra entende que o poder expresso na epígrafia está mais relacionado com o magico-religioso do que com o temporal, propondo a aproximação com o ciclo iconográfico de Salomão, considera que esta palavra poderia funcionar como um talismã de proteção, tal como a estrela de David, entre outros³⁷⁷.

9.4 - Motivos antropomórficos

Segundo Isabel Fernandes, a representação da figura humana em peças de cerâmica e metal remonta à alta idade média, conforme se verifica nas produções tardo-bizantinas dos séculos VI e VII de Gerasa, na Jordânia. Este tipo de motivos

³⁷³ PIEDRA, Carlos Cano, LA CERÁMICA VERDE- MANGANESO DE MADĪNAT AL-ZAHRĀ, Granada, 1996, p. 34.

³⁷⁴ BARCELÓ, M., *Al-Mulk, el verde y el blanco, la vajilla califal omeya de Madinat al-Zahra*, La cerâmica altomedieval en el sur de Al-Andalus, granada, 1993, p.113

³⁷⁵ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, refere daoulatli, 1996, p. 96 e o coran, 1983, sura LXVII, p. 659.

³⁷⁶ BARCELÓ, M., *Al-Mulk, el verde y el blanco, la vajilla califal omeya de Madinat al-Zahra*, La cerâmica altomedieval en el sur de Al-Andalus, granada, 1993, p.115

³⁷⁷ PIEDRA, Carlos Cano, LA CERÁMICA VERDE- MANGANESO DE MADĪNAT AL-ZAHRĀ, Granada, 1996, P.34

decorativos vai-se manter durante o califado no al-Andalus, contradizendo a ideia da proibição da representação do homem pelo Islão³⁷⁸. O Corão é omissivo em relação à aplicação da figura humana nas artes decorativas, embora o permita para temas arquitectónicos³⁷⁹. Contudo, algumas passagens do livro sagrado foram interpretadas como interdições à representação figurativa, sejam a condenação da idolatria ou a ideia de competição com Deus-criador, estabelecendo clara oposição aos procedimentos iconoclastas cristãos³⁸⁰.

No entanto, foi a tradição e a interdição legal “*hadiths*” que implantaram uma série de recomendações religiosas desfavoráveis ao uso de imagens³⁸¹. Dentro do conjunto de Évora, proveniente do Colégio dos Meninos do Coro, notamos três peças nas quais se pode observar a figura humana. Com iconografia que espelha o mundo omíada, estes motivos decorativos encontram paralelos em Palmela³⁸², Mértola³⁸³, Silves³⁸⁴, Córdova³⁸⁵, Granada³⁸⁶, Málaga³⁸⁷ e em Benetusser³⁸⁸. No entanto são normais as prescrições às normas tradicionais, inclusivamente em meios ligados ao Profeta³⁸⁹. Facto que se verifica por todo o território do califado omíada do al-Andalus, no qual abundam representações de seres vivos, seres humanos mas principalmente animais.

³⁷⁸ FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*, Ed. Colibri, Lisboa, 2004, p.159.

³⁷⁹ PIEDRA, Carlos Cano, *LA CERÁMICA VERDE- MANGANESO DE MADĪNAT AL-ZAHRĀ*, Granada, 1996, p.34

³⁸⁰ Idem, p. 159.

³⁸¹ PALAZON, Júlio Navarro, *Cerâmica muçulmana de Murcia (Espana) com representaciones humanas*. *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale- Xe-XVe siècles*, Editions CNRS, Paris, pp. 317.

³⁸² IDEM, p.157.

³⁸³ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio* Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, fig. 96 - peça CR/VM/0040.

³⁸⁴ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ándalus*, Campo Arqueológico de Mértola, in. Seminário - “A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro, Mértola, 2007. P.116. – Fig.-14.

³⁸⁵ BARCELÓ, M., *Al-Mulk, el verde y el blanco, la vajilla califal omeya de Madinat al-Zahra*, *La cerâmica altomedieval en el sur de Al-Andalus*, Granada, 1993.

³⁸⁶ Piedra, Carlos Cano, *La cerâmica de Madinat Ilbira. La cerâmica Altomedieval en el Sur de Al-Andalus*, Universidad de Granada, Granada, p. 41.

³⁸⁷ TRINCAS, Puertas R, *La cerâmica verde y morado de la Alcazaba de Málaga*, in. Cuadernos de la Alhambra, XXI, Granada, 1985, p. 31.

³⁸⁸ ESCRIBÁ, *La cerâmica califal de Benetusser*, Ministerio de Cultura, Valencia, 1990, p. 67.

³⁸⁹ GRABAR, Oleg, *L’Art de la Fin de l’Antiquité et du Moyen Age*. Vol. II, Paris, 1968, p. 34.

A nível decorativo, este tipo de motivos estão associados ao revestimento branco³⁹⁰ e à presença de elementos decorativos sobre o bordo interno, com duas cores, comuns aos três exemplos em análise. Trata-se de um motivo geométrico que por norma acompanha sempre outro tipo de elementos decorativos.

Ao analisar a peça CMCS/2011, observa-se um pé e parte de uma perna humana, com traços femininos, trajando uma veste longa de cor verde, distinguindo-se do pé que está representado apenas com traço preto, tal como o folheado na parte inferior da veste e parte do joelho. À direita da figura situa-se paralelamente uma flor de lótus desenhada com exatidão da mesma cor da veste. Como já vimos a flor de lótus é um símbolo de origem oriental que significa a pureza, o renascimento e a eternidade, neste caso estando associada a uma representação humana pode ter uma expressão iconográfica relacionada com a imortalidade ligada à regeneração e à vida no paraíso.

Relativamente à túnica, ou *Kaftan*, a valorização decorativa é notória, elaborada com três cores - verde, branco e preto - destacando-se a “qualidade” do tecido aqui representado, com um design bastante pormenorizado. Todo o conjunto artístico expressa uma noção de requinte e de qualidade só autorizadas a individualidades. Numa sociedade onde a indumentária era um dos sinais exteriores de autoridade religiosa ou militar, tal como a categoria social a que se pertence, que se traduz na ostentação da roupa. Abundam, no mundo islâmico oriental e ocidental dos séculos X a XIII, exemplos da atenção conferida pelos artesãos à representação das roupagens, como forma de identificação rápida da honorabilidade da personagem que as veste³⁹¹.

Na peça CMCS/2010, denota-se uma figura com olhos amendoados, influência claramente oriental e que parece acompanhada por um instrumento musical (alaúde), tratando-se possivelmente de um músico. No fragmento CMCS/2008 apenas se distingue uma cabeça humana, onde podemos destacar, igualmente, olhos

³⁹⁰ Idem, p. 42.

³⁹¹ FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*, Ed. Colibri, Lisboa, 2004, p.159.

amendoados e, neste caso, o nariz pontiagudo. O significado destas cenas pode ser interpretado como representações simbólicas do poder³⁹².

9.5 - Decoração bicromática- melado e manganês

Como a terminação sugere, esta tipologia decorativa caracteriza-se pela junção de duas cores, a do fundo e a do motivo decorativo, podendo ser de diversos tipos. Na cerâmica de Évora observamos diferentes cores do fundo, melado amarelado, castanho e verde combinado com o negro do óxido de manganês. A nível técnico o óxido de manganês é colocado por cima do melado e antes de uma cozedura final por baixo de uma camada final de vidrado. Este tipo de decoração parece surgir na cerâmica islâmica no século IX, tratando-se de tigelas em azul com fundo branco encontradas sobretudo no Iraque³⁹³.

No conjunto existe decoração tanto no interior como no exterior da peça, de igual modo, em formas abertas como fechada. Dentro deste tipo ornamental encontramos um traço executado com linhas toscas e imprecisas de espessura média contrastando com outro tipo de traço fino e bem delineado³⁹⁴. O primeiro corresponde exatamente à tipologia presente no conjunto, apontando uma cronologia que se prolonga desde o século X até ao final da ocupação islâmica, ao contrário da outra que se regista exclusivamente em época almóada³⁹⁵.

Relativamente às temáticas decorativas do conjunto, destacam-se motivos fitomórficos e geométricos. Sobre os primeiros, surgem na forma de flor de lótus em forma esquemática, triangular junto ao bordo como se observa nas peças CMCS/454, EVR/T- 934, EVR/T- 929 e EVR/T- 949. Este tipo ornamental tem paralelos em Mértola

³⁹² GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio* Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 153.

³⁹³ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p.575.

³⁹⁴ Idem, p. 579.

³⁹⁵ Veja-se a peça PLG-002 com cronologia enquadrada no século XII, Anexo I, figura XXII.

veja-se as peças CR/ML/0109, ML/0104 e ML/0108³⁹⁶, remetendo para uma cronologia enquadrada no século XI. Surge também uma representação distinta da flor de lótus, desta vez apresentando-se mais realista, como se observa na peça EVR-T-077.

Dentro dos motivos geométricos denotam-se dois tipos, cordão entrelaçado e arcos secantes e tangentes, O cordão entrelaçado, (EVR/lóios/23) surge numa peça de morfologia fechada, pode transcender um pouco a iconografia ligada ao cordão da eternidade, relacionando-se com o foro do mágico/supersticioso, envolvendo o recipiente que guardava o produto que se pretendia preservar de perigos e malefícios, como se desta forma fica-se isolado dentro de um círculo mágico³⁹⁷. Os motivos de arcos secantes são bastante comuns, sobretudo em tigelas, por todo o al-Andalus, surgindo a partir do século X, a título de exemplo estão os paralelos em cerâmicas exumadas em Mesas do Castelino³⁹⁸ e Córdoba³⁹⁹. Na peça EVR-GO-212 a ornamentação de arcos tangentes pode estar relacionada com a representação esquemática da flor de lótus, constituindo um esquema tripartido em que a flor ao centro é rodeada por três motivos fitomórficos esquemáticos em forma de palmeta, como podemos observar nas peças de Mértola ML/0070, ML/0109 e ML/0104⁴⁰⁰.

No caso da peça EVR-GO-213 observa-se um motivo pseudo-epigráfico, neste caso pensamos que, contrariamente ao motivo anterior, este ocupa um lugar de destaque no centro da peça, sendo notório uma coerência de formas na execução. Segundo Susana Gómez Martínez, este tipo de decoração é bastante mais raro do que qualquer um dos outros, restringindo-se cronologicamente ao século XI e primeiras décadas do XII⁴⁰¹. Quanto ao processo de fabrico, Alice Branco afirma que o artesão partia do núcleo central concêntrico e irradiava-o para ambos os lados. “A intensidade

³⁹⁶ TORRES, Nádía, *O Desenho, na Cerâmica Islâmica de Mértola*, ed: CAM- Mértola, Mértola 2013, p. 101.

³⁹⁷ Idem, p. 46.

³⁹⁸ Guerra, Amílcar; Fabião, Carlos, (1991): "O povoado fortificado de "Mesas do Castelinho", *Almodôvar*", in: Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990), Lisboa 1990, Pp.305-319.

³⁹⁹ PLEGUEZUELO, M^a Elena Salinas, *La cerâmica Islâmica De Madinat Qurtuba, de 1031 a 1236: Cronotipología y Centros de Producción*, Tesis Doctoral, Universidad de Córdoba, Córdoba, 2012, p. 574.

⁴⁰⁰ TORRES, Nádía, Pp. 89 – 90.

⁴⁰¹ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 582.

e a fluidez dos traços permitem afirmá-lo sem margem de erro⁴⁰². É a rapidez com que a inscrição é feita, devido à produção em série que proporciona uma grafia aparentemente arbitrária⁴⁰³.

9.6 - Pintura a branco

Este tipo decorativo surge no século I d.C. em Portugal⁴⁰⁴, não foi alvo de estudos específicos e aprofundados, apesar da grande importância que teve como expressão da cerâmica autóctone medieval⁴⁰⁵. Esta tinta obtinha-se aplicando solução calcária, (calcite ou cloreto de chumbo)⁴⁰⁶ ou silicato de magnésio, uma substância fácil de encontrar na natureza⁴⁰⁷.

Em Évora a pintura branca está associada a diversas formas, todas dentro do grupo de armazenamento e transporte, com diferentes composições geométricas. Nas peças CMCS/126, CMCS/ 929, CMCS/932, EVR.T/97/833(2) e CMCS/16 denotam-se grupos de três linhas dispostas na vertical, no caso das duas primeiras a pintura a branco é acompanhada por motivos geométricos incisos e no caso da última peça o traço apresenta-se mais fino. Nas peças EVR.T/97/833 e EVR.T/97/833 a decoração apresenta dois traços e contornos menos cuidados na primeira. Em termos de

⁴⁰² BRANCO, Alice, *Cerâmica estanhada de Mértola com decoração a manganês*. In: A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental, (Actas do Congresso, Lisboa 16- 22 de Novembro de 1987) Santa Maria da Feira, ed. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991, p. 540.

⁴⁰³ Idem, p.540

⁴⁰⁴ ABASCAL PALAZÓN, J. M., *La cerámica pintada romana de tradición indígena en la Península Ibérica. Centros de producción, comercio y tipología*, Departamento de Historia Antigua de la Universidad de Alicante, Madrid, 1986.

⁴⁰⁵ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 556.

⁴⁰⁶ GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, *La cora de Tudmir de la Antigüedad Tardía al Mundo Islámico. Poblamiento y cultura material*, in. Casa de Velázquez - Instituto de Cultura "Juan Gil-Albert", Madrid - Alicante, 1996, p. 106.

⁴⁰⁷ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 556.

associação cronológica o traço fino e médio esta relacionado com fabricos mais antigos, enquanto o traço mais grosso está relacionado com formas mais tardias⁴⁰⁸.

Na peça CMCS/1020 a exposição das linhas é bastante diferente, o traço é bastante fino e encontra-se composto por grupos de três traços retos e repetidos, dispostos na horizontal intercalados com três traços mais longos na vertical, fazendo lembrar, um curso de água. Este tipo decorativo encontra-se bastante difundido no ocidente do al-Andalus e encontra-se praticamente em todas as escavações⁴⁰⁹. A título de exemplo encontramos paralelos em Vilamoura,⁴¹⁰ Faro⁴¹¹ e Castelo das Relíquias e Castelo Velho de Alcoutim⁴¹².

9.7 - Pintura a vermelho

Conforme Susana Gómez Martínez afirma, a pintura a vermelho está relacionada com duas situações. Numa das quais, utiliza-se óxido de ferro e durante a cozedura, em ambiente oxidante, a pintura adquire a cor vermelha. No entanto verificam-se, outros casos, em que é observada em áreas onde o mesmo pedaço de decoração escurece gradualmente, de vermelho para preto, passando por vários tons de castanho. Facto que levou alguns investigadores a considerar que não se trata de óxido de ferro mas sim de óxido de manganês.

Susana Gómez Martínez afirma que se podem dar os dois casos, “la observación de las piezas muestra que las piezas más antiguas son las que poseen pintura roja más clara de óxido de hierro mientras que las piezas en las que está presente el rojo vinoso con alteración de tonalidad hacia el negro utilizado el

⁴⁰⁸ Idem, p. 557.

⁴⁰⁹ Idem, p. 559.

⁴¹⁰ MATOS, José Luís de, Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila, in. A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo, Campo Arqueológico de Mértola, Lisboa, 1991.

⁴¹¹ Paulo, Dália, *A Casa Islâmica. The Islamic House*. Faro, Câmara Municipal de Faro, Faro, 2000.

⁴¹² CATARINO, Helena, *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados*, in. al-‘ulyā, nº 6, 3 vols., Arquivo Municipal de Loulé, Loulé, 1997/98: Est: XXXVIII-XXXIX.

manganeso son las más recientes”⁴¹³. Sendo assim, a substituição consequente do óxido de ferro por manganês é um processo que acompanha o desenvolvimento técnico do mundo islâmico e, tendendo a perder-se após a generalização do óxido de manganês em época almóada⁴¹⁴, pelo qual é substituído.

Nos temas decorativos associados à cerâmica pintada a vermelho de Évora, encontra-se uma reduzida variedade. Apenas quatro peças do acervo total se encontram caracterizadas com esta tipologia decorativa. É possível encontra-la no jarro CMCS/843, executado com três traços grossos, retos e verticais, equidistantes, com disposição geométrica idêntica aos motivos da pintura a branco, criando contraste com os tons bege da pasta da peça. Dada a crono-morfologia da peça se enquadrar no século X, é natural que estejamos na presença de decoração em óxido de ferro⁴¹⁵. Na peça RVG2 – 253 encontramos traço fino, desta vez na horizontal, que parece ser composto por grupos de três linhas.

Ao nível iconográfico este tipo decorativo foi interpretado inicialmente como sendo um modelo simplificado de epígrafe representativo da palavra “Allah”⁴¹⁶. No entanto, a ideia veio a ser refutada por Zozaya⁴¹⁷ que viu neste tipo decorativo a representação do paraíso. Quando é composto por conjuntos de três linhas finas na horizontal como se observa na peça acima referida, a iconografia adiantada pelo mesmo autor prende-se com a representação dos rios do paraíso.

As outras representações deste tipo decorativo, cingem-se aos candis CMCS/00233 e EVR.T/0034, nas quais a decoração a vermelho complementa a decoração com pingos de vidro melado. No caso da peça CMCS/00233, observamos pequenos traços de vermelho, neste caso, provavelmente, em óxido de manganês, que ao longo da peça, forma uma banda de pontilhado. Na peça EVR.T/0034 observamos

⁴¹³ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 565.

⁴¹⁴ LAFUENTE IBAÑEZ, Pilar, “*La cerámica*”, *Sevilla almohade. Catálogo de la Exposición*, Fundación de las Tres Culturas del Mediterráneo; Nota 1., Sevilha, 1999, Pp. 207-224.

⁴¹⁵ Ver capítulo 8.2.

⁴¹⁶ CAMPS, Emilio, *La cerámica medieval española*. Madrid, in. Escuela de Artes, y Oficios de Madrid, Madrid, 1943.

⁴¹⁷ ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan; APARICIO, Alfredo, *Análisis de cerâmicas andalusíes*, Actes du VIII Congrès sur la Céramique Médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 1999, p.353.

traços finos de vermelho, intercalados com manchas de vidrado melado, formando assim um efeito radial e cromático.

9.8 - Decoração incisa e plástica

Este é o tipo de decoração mais simples, do ponto de vista técnico, que se verifica no al-Andalus, é elaborada através de pressão com um objeto pontiagudo na pasta cerâmica ainda por cozer. Trata-se de simples incisões horizontais em torno da peça, como verificamos no exemplar CMCS/126, numa banda de triângulos, acompanhando outra técnica decorativa.

Nas peças CMCS/18 e CMCS/324 constatamos decoração incisa em ziguezague acompanhada com cordão digitado. É um elemento em relevo que se obtém pressionando com a ponta do dedo sobre uma moldura de barro fresco que é colada à superfície da peça após a mesma ser moldada⁴¹⁸. Encontra-se colocado horizontalmente no corpo das peças, podendo funcionar como reforço estrutural da peça, visto que estamos a falar de peças de grandes dimensões que estão sujeitas a pressões devido ao armazenamento que comportam⁴¹⁹.

O cordão digitado pode corresponder a uma variante do “cordão da eternidade”, sendo uma técnica que tem paralelos por todo o al-Andalus, a termo de exemplo Mértola⁴²⁰ e Vilamoura⁴²¹. São ambas técnicas que acompanham todo o

⁴¹⁸ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p 551.

⁴¹⁹ Idem, p 551.

⁴²⁰ MACIAS, Santiago, *Mértola: O último porto do Mediterrâneo*, 3 vols., Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2006.

⁴²¹ MATOS, José Luís de, *Influencias orientais na cerâmica muçulmana do Sul de Portugal*, in. *Estudos Orientais*, vol. II, Lisboa, 1991.

período de ocupação islâmica da Península Ibérica, sendo por essa razão difícil delimitar a partir destes elementos uma datação concisa⁴²².

⁴²² Verifica-se uma diacronia na cerâmica do al-Andalus deste tipo de ornamentação, normalmente acompanhado de por outros, veja-se: GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 522.

10 - Tecnologia cerâmica

Como refere Susana Gómez Martínez, o processo de fabrico da cerâmica tem uma longa história na qual encontramos mais do que um processo evolutivo, simples e contínuo mas, antes uma permanente adaptação tecnológica aos recursos disponíveis e ao sistema económico.

Em época islâmica a indústria cerâmica tem, em geral, um elevado grau de desenvolvimento tecnológico com uma grande variedade de possibilidades de qualidade, acabamentos e decoração⁴²³. “No obstante, las técnicas utilizadas no fueron siempre las mismas tanto si tenemos en cuenta el vector tiempo como el vector espacio. Si tenemos en cuenta el vector tiempo, encontramos que muchas técnicas, especialmente aquellas relacionadas con el vidriado, fueron introducidas o “universalizadas” durante el período islámico, sobre todo a partir del siglo X. Si tenemos en cuenta el vector espacio, vemos que esa introducción del vidriado no se produjo al mismo tiempo en todos los centros productores y que algunos desarrollaron técnicas, sobre todo de vidriado, mucho más sofisticadas que otros”⁴²⁴.

Todo o acervo é caracterizado por uma clara diferenciação, principalmente no que respeita à textura das pastas, (54%) das quais são compactas, demonstrando um processo de fabrico com elevado grau de depuração da cerâmica indiciando especialização no fabrico. As restantes (45%) pastas estudadas são pouco compactas e (1%) são porosas, esta parte está relacionada com produções cerâmicas locais demonstrando uma clara diferenciação entre a cerâmica de fabrico autóctone, em contraponto com as produções exógenas. As primeiras comportam pastas com uma cromática mais escura, consoante a dimensão e tipologia da peça, apresentam um índice de depuração bastante reduzido, alguns casos grosseiro.

⁴²³ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p. 497.

⁴²⁴ Idem, p. 497.

É provável que este grupo tenha em comum as mesmas fontes de matéria-prima (barreiros) devido à homogeneidade das pastas. No âmbito da granulometria verificamos elementos não plásticos de grão fino a médio, 0,3 a 0,9 cm (quartzo). No caso da cerâmica de importação verificam-se pastas muito bem depuradas, com elementos não plásticos finíssimos 0,01 a 0,2 cm (quartzo e mica) e com uma cor bastante mais clara do que o primeiro grupo. É notória uma maioria de peças com cozedura oxidante (76%) ou cozedura alternada oxidante e redutora (13%), em detrimento de cozedura exclusivamente redutora (11%). As peças em que a cozedura se apresenta exclusivamente redutora são sobretudo peças de cerâmica comum nomeadamente panelas.

São várias as técnicas de acabamentos que se verificam no conjunto cerâmico, mais ou menos complexos, dependendo da qualidade das peças. Em alguns, como o vidrado, é geralmente aplicada após a primeira cozedura, envolvendo uma segunda e em alguns casos, até uma terceira⁴²⁵. Dos procedimentos mais comuns encontra-se o alisamento (38 %), que pode ser entendido como base técnica para a implementação de outros mais complexos, porque é parte do processo de modelagem. Trata-se de alisar as paredes da peça com barro ainda húmido⁴²⁶.

O brunido e o engobe surgem com muito menos frequência (2%), relativamente ao primeiro, seguramente devido à pouca divulgação desta técnica neste período, sendo característico de época almóada⁴²⁷. Serviria sobretudo para impermeabilizar as peças de uso doméstico⁴²⁸. Relativamente ao engobe, poderia servir para proporcionar uma cor específica à peça, seria aplicado num momento posterior à primeira cozedura e é característico do período almóada⁴²⁹, daí a pouca percentagem na cerâmica omíada de Évora, (1% do total).

⁴²⁵ Idem, p. 513.

⁴²⁶ CAURCEL, J.; SEGURA, C, *La alfarería en la provincia de Madrid*. Madrid, 1977, p. 17.

⁴²⁷ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004, p.514

⁴²⁹ Idem, p. 514.

O vidrado surge como uma das técnicas de acabamento com maior volume na cerâmica identificada e estudada, (47%) do acervo. Este tipo de acabamento está relacionado com as cerâmicas ditas de “luxo” e de importação. O vidrado tem como função selar os poros das pastas cerâmicas evitando a penetração de substâncias que podem deteriorar o interior, facilita a limpeza das peças e permite o cozinhado e armazenamento de alimentos que se alteram com o contacto com o barro⁴³⁰. A técnica decorativa impressa nestas duas peças, tal como as anteriormente analisadas, passa pela junção do óxido de cobre e manganês em cima do branco (óxido de chumbo), não acrescentando a este nível nada de inédito.

Devido ao índice elevado de raridade, no que concerne à técnica de fabrico da peça CMCS-2009, decidiu-se elaborar uma análise à estratigrafia do vidrado da peça⁴³¹ com o objetivo de delinear os componentes químicos que o formam. A peça apresenta muitas semelhanças com a analisada em Palmela⁴³². Não obstante os principais componentes não são os mesmos, as duas faces da peça de Évora são compostas por um revestimento vítreo que consiste, essencialmente em óxido silício, chumbo e óxido de estanho como agente de opacidade. O principal pigmento é o magnésio⁴³³, seguido pelo ferro.

O revestimento é caracterizado por alta concentração de chumbo de silício, opacificado com óxido de estanho. São concentrações consonantes com a bibliografia existente, sobre a produção de cerâmica vidrada do século X ao XII⁴³⁴. A coloração deve-se à presença de ferro com uma concentração variável de acordo com o ponto analisado. O grau de concentração dos elementos considerados nos vários pontos do

⁴³⁰ Idem, p. 515.

⁴³¹ Análise elaborada no Centro Hercules, SEM - Scanning Electron Microscope.

⁴³² FERNANDES, Isabel, *Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do castelo de Palmela*, in: *Arqueologia Medieval* 6, ed. Afrontamento, Lisboa, 1999, p. 95.

⁴³³ Ver anexo XI, figura VI.

⁴³⁴ PÉREZ ARANTEGUI (J), LAPUENTE (M. P), *Las técnicas de producción de cerámicas en los talleres islámicos de Zaragoza*. VII Congrès international sur la céramique médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999, Athènes, 2003; MOLERA, J., PRADELL, T., MERINO, L., GARCIA-VALLES, M., GARCIA ORELLANA, J., SALVADO, N., and VENDRELL-SAZ, M., (1997b). La tecnología de la cerámica islámica y mudéjar, *Caesaraugusta*, Pp.15-41; PEREZ-ARANTEGUI, J., RUIZ, E., and CASTILLO, J. R., 1997, La cerámica ‘verde y negro’ de los talleres islámicos de Zaragoza: características tecnológicas de sus recubrimientos, *Caesaraugusta*, Pp. 43-7.

revestimento deve-se à forte alteração da superfície, o que tem influenciado a análise. Denotam-se alguns elementos como cálcio (Ca) e fosforo (P), ambos ligados ao osso, que estão relacionados, possivelmente, a contaminações detríticas da estratigrafia.

Nenhuma camada vítrea (branca) foi detetada por baixo do revestimento escuro, o que entra em contradição com as produções até agora conhecidas e leva a crer que é uma peça única no contexto ibérico.

11 - Outros utensílios do quotidiano

Dispomos de um conjunto interessante de espólios “não cerâmicos” acerca da vida quotidiana das populações medievais. O trabalho arqueológico desenvolvido em Évora tem vindo a proporcionar ao longo dos anos, um espólio considerável de objetos não cerâmicos, utilizados sobretudo nas tarefas domésticas e de lazer. Associados à estratigrafia do período em questão, temos quatro exemplos que ilustram o dia-a-dia das populações. Embora muitos detalhes do quotidiano se mantenham ocultos, a finalidade da peça RVG2-009 comprova algum bem-estar, trata-se de um dado em osso, do qual, tipologicamente se encontra paralelos por todo o al-Andalus. Como é conhecido os dados eram bastante apreciados⁴³⁵.

Ligados à manufatura de tecidos e mantas encontramos a torre de roca RVG-0045 e o cossoiro CSM-203. A primeira em osso, apresenta-se bastante simples sem motivos decorativos exuberantes, contrariamente às do século XII. Serviria para “produzir o movimento de torção de fibras”⁴³⁶, tornando-as resistentes e fazendo com que se apertem umas contra as outras⁴³⁷ no processo de tecelagem. O cossoiro era um dos acessórios utilizados no processo da fição da lã, e é-lhe atribuída a função de auxílio do movimento de rotação que a fiandeira imprime ao fuso⁴³⁸. Surge também um utensílio integrável no espólio de armamento⁴³⁹, uma ponta de lança ou dardo, pela morfologia apresenta-se difícil de se enquadrar culturalmente, parece

⁴³⁵ ARIÉ, Rachel, *Traducion annotée et commentée des traités de hisba d'Ibn Abd al- Rauf et de Umar al-Garsifi*, in. Hesperis-Tamuda, vol. I, Rabat, 1960.p. 370.

⁴³⁶ COVNEIRO, Jaquelina, CAVACO, Sandra, *Um (novo) olhar sobre Tavira Islâmica*, In: *Xelb 9, Actas do 6º Congresso de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos*. Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Silves, 2009, p. 712.

⁴³⁷ GONÇALVES, Maria José, PEREIRA, Vera, PIRES, Alexandre, *Ossos trabalhados de um arrabalde islâmico de Silves: aspectos funcionais*. In: *XELB 8, Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, 2010 pp. 191.

⁴³⁸ Idem, 192. – Ver figura XXXI, Anexo VIII.

⁴³⁹ Segundo: NAVARRO, Julio, *Formas de vida rurales en Sarq al-Ábdalus através de una ocultacion de los siglos X-XI*, La céramique médiévale en Méditerranée, Actes du VI Congrès Láiectm2 Aix-en-Provence 13-18 Novembre 1995, Ed: Narration, Aix-en-Provence, 1997, apêndice I.

corresponder ao tipo I caracterizado por Lígia Rafael⁴⁴⁰, fato que se confirma pela estratigrafia, que a enquadra nos finais do século X e inícios do XI.

Na peça CMCS/260 observa-se um pormenor na zona exterior de um fundo de uma talha. Esta marca parece ser fruto de uma espécie de aplicação plástica. Podendo tratar-se de um selo administrativo (provavelmente de Badajoz), traduzindo-se assim como elemento justificativo do tráfego intenso de mercadorias entre Évora e outras regiões.

⁴⁴⁰ RAFAEL, Lígia, *Estudo do Armamento Islâmico Procedente da Escavação na Enconsta do Castelo e na Alcáçova de Mértola*, In: *Arqueologia Medieval* nº6, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, 1999, p.124.

12 - Numismática

O dirham é conhecido no al-Andaluz a partir do ano de 104 H⁴⁴¹, concebido em prata. As cunhagens encontradas em Évora datam do início século XI, à exceção da peça em ouro encontrada na escavação do Paço dos Lobo da Gama, que apresenta uma cronologia um pouco mais tardia dentro do referido século. Apresentam-se em significativo mau estado, fazendo crer que foram cerceadas enquanto ainda circulavam, o que pode ser indiciador da circulação do dia-a-dia, servindo para pagar pequenas quantias, o que poderia ter melhor aceitação para os próprios vendedores do que as moedas de cobre⁴⁴². Estas moedas comportam um fraco teor de prata, correspondem ao módulo mais pequeno destas cunhagens. Segundo Artur Goulart estes numismas seriam emissões regionais cunhados em Badajoz⁴⁴³.

A legenda mais completa consta nas peças EVR.T.M/97-01 e na EVR.T.M/97-02, onde é possível ler nos reversos [al-Mutawakkil] al-Imâm ʿAbd-All[âh] al-Muʿayyad bi-ll[âh] [ʿala-Allâh], nos anversos não é possível ler nada em nenhuma das duas moedas. Segundo a legenda estas cunhagens foram batidas em nome do Imâm ʿAbd-Allâh al-Muʿayyad e são cunhadas em Badajoz durante a liderança de Al-Mutawakkil ʿala-Allâh ʿUmar b. Muhammad b. ʿAbd-Allâh, que durante a Taifa al-tâʿida sucedeu ao seu irmão Yahya que se supõe ter morrido em 1015 d.C., tendo sido nesta altura que tomou o sobrenome de al-Mutawakkil ʿala-Allâh (o que confia em Deus)⁴⁴⁴.

Nas restantes peças as legendas são menos legíveis, são integráveis no contexto acima referido, com destaque para o numisma EVR.T.M/97-03, no qual é legível [al-]hâği[b] [Mağd] al-Dawla. São conhecidas cunhagens com a indicação de

⁴⁴¹ MARINHO, José Rodrigues, *A moeda no Gharb al-Ândalus*, in. Portugal Islâmico - Os últimos sinais do Mediterrâneo, coords. MACIAS, Santiago e TORRES, Cláudio, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1998, p. 176.

⁴⁴² Idem, p. 182.

⁴⁴³ GONÇALVES, Ana, *Intervenção Arqueológica no Museu de Évora*, relatório de escavação, 1998.

⁴⁴⁴ GULART, Artur, in *Intervenção Arqueológica no Museu de Évora*, relatório de escavação, 1998, p. 226.

hâğib e o título de Mağd al-Dawla (1067-1072 d.C.)⁴⁴⁵, que provavelmente se referem ao filho de Al- Mutawakkil ʿala-Allâh rei da taifa de Badajoz. Na moeda EVR.T.M/97-06 o reverso deixa ler [al-Man]sûr [...]Allâh, é possível que seja uma cunhagem alusiva ao califa abássida Abu Ja'far Abdallah ibn Muhammad al-Mansur (754-775 d.C.)⁴⁴⁶.

⁴⁴⁵ Idem, p. 226

⁴⁴⁶ Idem, p. 226

13 - Espólio carpológico e faunístico

O único conjunto arqueofaunístico que se conhece do período islâmico, em Évora, foi encontrado na intervenção arqueológica do Paço dos Lobo da Gama. Cronologicamente enquadra-se no século XI, tendo o seu contexto (silos e fossa) sido entulhado em finais deste século e inícios do XII. A galinha foi a espécie encontrada em maior número, “os dois tarso-metatarsos não exibem esporão, pelo que são ossos atribuídos a fêmeas. [...] são evidências da preferência de manutenção de fêmeas em cativeiro para garantir o fornecimento de ovos”⁴⁴⁷. Foi também possível identificar um fragmento de osso pélvico de perdiz.

Dos mamíferos, predominam os ovinos/caprinos (*Ovis aries/Capra hircus*). A distribuição anatómica aponta para a existência de carcaças completas⁴⁴⁸, é possível também perceber a existência de bovinos domésticos (*Bos taurus*), suínos, porco ou javali (*Sus domesticus/Sus scrofa*), apesar das interdições corânicas, é conhecido que o consumo deste no al-Andalus foi uma constante⁴⁴⁹. Encontra-se também veado (*Cervus elaphus*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e lebre (*Lepus granatensis*). Apesar da representação dos três últimos ser bastante reduzida, o que demonstra o fraco consumo de caça em meio urbano. Nestas carcaças a manipulação *post-mortem* é uma constante, como se verifica nas incisões e marcas de corte espelhadas nos ossos. São marcas relacionadas com o esfole e desintegração/corte das carcaças para consumo humano, com inúmeros paralelos al-Andalus⁴⁵⁰, denotam-se ainda manipulações térmicas, sobretudo nas carcaças de bovino⁴⁵¹. Surgem ainda fragmentos pertencentes

⁴⁴⁷ LOPES, Gonçalo, *A alimentação em Évora no final das Taifas: Restos carpológicos do Paço dos Lobos da Gama* – Poster.

⁴⁴⁸ Idem, p. 799.

⁴⁴⁹ A título de exemplo: MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, ed. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1996, p. 141.

⁴⁵⁰ A título de exemplo: BUGALHÃO, Jacinta, *et all, Produção e Consumo de Cerâmica Islâmica em Lisboa*, Conclusões de um projeto de investigação, in: *Arqueologia Medieval* nº 10, ed: Afrontamento, Porto, 2008, Pp. 129-131.

⁴⁵¹ Idem, p. 130.

a um gato (*Felis sp.*) e a um equino (*Equus sp.*), no entanto sem marcas de talhe nem com garantias de uma relação com este período.

A identificação de restos carpológicos em estratigrafia do século XI oferece boas informações acerca do consumo alimentar em Évora neste período. Do conjunto exumado de fossa citada destacam-se vestígios de uvas (*Vitis vinifera*), figos (*Ficus carica*), melão (*Cucumis melo*), pepino (*Cucumis sativus*), lentilha (*Lens culinaris*), linho (*Linum usitatissimum*)⁴⁵². Relativamente aos restos de uva, tratar-se-á de restos de uva de mesa consumidas sem qualquer tipo de transformação, Idrisi falava dos vinhedos de diversas cidades do Andaluz, misturados por vezes com figueirais como era prática corrente na Idade Média⁴⁵³. O consumo de figos é bastante acentuado na dieta das populações durante o período islâmico, pelas suas características nutritivas e especialmente por ser um dos frutos mais comuns e acessíveis⁴⁵⁴. São consumidos secos ou frescos, e tiveram durante largos séculos um papel fundamental na alimentação das populações mediterrâneas, constituindo uma peça indispensável na alimentação dos mais pobres⁴⁵⁵.

Relativamente ao pepino, lentilha e melão, tudo indica que se encontram associados aos hábitos alimentares, sendo relativamente comum encontrar vestígios deste tipo em contextos habitacionais⁴⁵⁶. No que respeita ao linho, será sinónimo de produção de tecelagem em contexto habitacional. É de salientar que com uma triagem mais exaustiva surgirão novas espécies, bem como os aspetos quantificáveis da sua presença neste sítio, será necessário considerar além dos restos faunísticos não tratados, como o elevado número de vértebras de sardinha ou os despojos entomológicos que as acompanham.

⁴⁵² LOPES, Gonçalo, *A alimentação em Évora no final das Taifas: Restos carpológicos do Paço dos Lobos da Gama* – Poster.

⁴⁵³ A título de exemplo: MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, ed. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1996, p. 137.

⁴⁵⁴ Idem, p. 137.

⁴⁵⁵ Idem, p.138.

⁴⁵⁶ QUEIROZ, Paula Fernanda, *Estudos de Arqueobotânica no Convento de S. Francisco de Santarém*, in: GARB, *Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, Junta de Extremadura, 2005, p. 94.

14 – Conclusões

14.1- O período Emiral (sécs. VIII ao X)

O desconhecimento acerca dos primeiros tempos da ocupação islâmica de Évora encontra justificação em diferentes pontos. Em primeiro lugar a ausência de informação estratigráfica do período emiral, que se alastra a todo o Gharb al-Andalus. A ruralização progressiva que se assiste na alta idade média deve ter conduzido ao colapso das produções romanas tardias, dando lugar a criações menos especializadas⁴⁵⁷, locais com meios técnicos muito pouco desenvolvidos e com mercados urbanos demasiado restritos para permitir aos oleiros investir numa longa aprendizagem técnica⁴⁵⁸. As produções misturam produções manuais com fabricos a torno bastante grosseiros e rudimentares, com pastas mal depuradas e abundantes elementos não plásticos de tamanhos elevados, assim como cozedura redutora com morfologias muito próprias de tradição tardo romana⁴⁵⁹.

Os primeiros tempos de ocupação muçulmana caracterizam-se pela continuidade dos elementos que aqui já se encontravam, exemplo disso é a cerâmica, onde, nas produções autóctones podemos encontrar a perduração das formas que em nada remontam para a cultura islâmica, evoluindo lentamente ao longo dos primeiros tempos.

Este processo simbiótico tem origem em duas grandes questões, em primeiro lugar na islamização demorada das populações do Gharb, que lentamente foram assimilando a nova religião e sistema socioeconómico, e um segundo ponto que se relaciona com a falta de recursos e de técnicas de fabrico da cerâmica. A desagregação política e social do poder visigótico, onde um notório retrocesso económico tornou

⁴⁵⁷ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ándalus*, Campo Arqueológico de Mértola, in. Seminário - "A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro, Mértola, 2007, p. 99.

⁴⁵⁸ Idem, p. 99.

⁴⁵⁹ Foram identificados, no entanto, diversos vestígios de cerâmica que apontam para este período, nomeadamente as peças EVR-GO349.3 e a peça EVR-GO/772.2.

fácil a aceitação de uma nova ordem social, política, religiosa etc.⁴⁶⁰ não permitiu com facilidade o ressurgimento económico que a sucessão *à priori* traria.

Não foram feitos estudos que demonstrem se a cidade manteve ou não relações comerciais com outros centros urbanos durante o período visigótico, no entanto, durante o período romano manteve-os, sem dúvida. Denote-se a quantidade de cerâmicas de importação e de luxo encontradas na cidade⁴⁶¹, tudo indica que depois de florescer nos séculos V e VI, a cidade encontra declínio no século VII, tanto do ponto de vista social como económico⁴⁶².

Este antigo *municipium*⁴⁶³ encontrava-se já desde os tempos de Roma sob a alçada da cidade de Pax Iulia (Beja)⁴⁶⁴. Dependência que será mantida durante os séculos VIII e IX. O espaço geográfico que confina o Gharb al-Andalus é pautado pela continuidade territorial através da manutenção e revitalização das antigas divisões administrativas adaptadas à estruturação interna do mundo islâmico⁴⁶⁵. É na Kūra de Beja que Évora encontra circunscrição militar e administrativa nos tempos emirais, na qual se enquadra também política e economicamente⁴⁶⁶.

A notória falta de pulso por parte da governação central cordovesa se materializava-se pela falta de iniciativa no que respeita à propaganda ideológica, religiosa e política. As fontes literárias espelham a importância de Beja em detrimento de Évora, que apenas no século X regista a primeira referência a Évora nas fontes escritas islâmicas.

⁴⁶⁰ TORRES, Cláudio, *O Garb al-Andalus*, in. História de Portugal de José Mattoso, Vol. I, ed. Circulo de Leitores, Lisboa, 1992, p.417.

⁴⁶¹ Ver figura XXIV do anexo VIII.

⁴⁶² MATTOSO, José (1997): *A época sueva e visigótica, História de Portugal Direcção de José Mattoso*, Antes de Portugal, Vol. I, ed. Estampa, Lisboa, 1997.

⁴⁶³ Estatuto jurídico-político concedido por Júlio César, governador da Hispânia Ulterior desde o ano de 61, d.C. Ver: FÁRIA, António Marques de, *Pax Iulia, Felicitas Iulia; Liberalitas Iulia*, in. Revista Portuguesa de Arqueologia, Vol. 4-2, IPA, Lisboa, 2001, p. 355.

⁴⁶⁴ ALARCÃO, Jorge, *Portugal Romano*, ed. Verbo, Lisboa, 1974, p.54.

⁴⁶⁵ PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, p. 86.

⁴⁶⁶ COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, Vol. I, Ed. Caminho, Lisboa, 1989, p.9.

Pela mão do historiador e geógrafo Ahmad al-Rasi, “ [...] jaz uma vila a que os antigos chamavam Elbris e ora é chamada de Yábura com os seus termos”⁴⁶⁷. Esta necessidade de referir o passado da cidade pode levar a crer da consciência que se tem na época, para a importância que a cidade manifestou outrora, veja-se Cristophe Picard, que refere que a cidade no século VII, sob o domínio de Leogildo é um centro de emissão monetária e sufragânea do bispado de Mérida⁴⁶⁸.

A obra de al-Rasi trata a geografia do al-Andalus no século X, com destaque para as sedes de Kūra, Évora encontra-se na obra integrada administrativamente e militarmente na órbita de Beja⁴⁶⁹, esta integração na circunscrição de Beja patenteia a preeminência política, económica e judicial que aquela cidade conservaria desde a Antiguidade sobre as cidades e fortalezas suas dependentes⁴⁷⁰.

Neste relato cronístico, Évora aparece designada como uma Vila cuja antiguidade e prévio topónimo importa mencionar, revelando elementos de continuidade urbana com o passado clássico e uma sobreposição dos estabelecimentos humanos no espaço eborense. Do ponto de vista administrativo, destaca o território que se encontra sob a dependência de Évora, demonstrando a sua autoridade e importância política e administrativa sob o espaço circundante. Como se sabe não existem cidades sem território e vice-versa⁴⁷¹. Afinal é disso que se trata, de continuidade, quer urbana, quer material e sobretudo humana.

Os primeiros tempos de ocupação islâmica da cidade são caracterizados por uma continuidade do mundo tardo romano. É certo que as populações autóctones se mantem em maior número do que os recém-chegados, assistindo-se a uma assimilação lenta dos novos paradigmas sociais. Este fenómeno centrífugo começa-se a

⁴⁶⁷ COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, ed. Caminho, 3ª ed., Lisboa, 2008, p.23.

⁴⁶⁸ PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, p. 58.

⁴⁶⁹ REI, António, *O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII/XII: Yāqūt al-Hamāwī e Ibn Sa’īd al-Maghribī*, in. *Medievalista* nº 1 (online), 2005, p. 24.

⁴⁷⁰ FERNANDES, Hermenegildo, *Organização do espaço e sistema social no Alentejo medieval. Ocaso de Beja*, Dissertação de Mestrado, FCSH, Lisboa, 1991, p.34; PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, p. 132.

⁴⁷¹ MATTOSO; José, *Portugal medieval. Novas interpretações*, ed. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1992, p. 15.

fazer sentir nas peças cerâmicas de produção autóctone nos finais do século IX e X. Aos poucos as formas assemelham-se com outras encontradas em diferentes pontos da Península no período homónimo. Aos poucos assimilam-se as correntes estilísticas, técnicas, iconográficas, etc. que vigoram no mundo islâmico, muito a custo do comércio, visto que, o sistema económico do al-Andalus assenta sobretudo em relações comerciais⁴⁷².

Esta primeira fase de assimilação pauta-se não só pelas influências do exterior mas também pela modelação de influências locais antigas. Facto que resultará numa realidade material própria que vai beber influências não só no mundo islâmico, mas também no clássico, romano e visigótico, resultando na criação de uma cultura material própria do Gharb e com reminiscências locais como se pode constatar nas cerâmicas de uso comum do século X. Sendo um dos períodos históricos no qual se registou o maior salto qualitativo na evolução da cerâmica nos territórios que atualmente constituem Portugal⁴⁷³.

Do ponto de vista administrativo, e político, os tempos emirais foram bastante conturbados. Nestes séculos além de se assistir à construção de uma identidade do ponto de vista material, verifica-se também o clarear das ligações administrativas e políticas. Como refere Vanessa Filipe, a continuidade da importância das elites locais, em Beja, motivou todo um ciclo de revoltas contra o poder central que justifica a atenção dos cronistas, negligenciando nas suas crónicas as demais cidades. O foco de instabilidade promovido pelo antagonismo social, que se fazia sentir em Beja, entre uma poderosa aristocracia local e os poderes de famílias árabes, destaca a cidade de Beja durante cerca de dois séculos⁴⁷⁴.

As fontes documentais ao primarem pela abstenção informativa em relação a Évora poderão quer evidenciar convulsões político-sociais em Beja vistas de longe sem

⁴⁷² COELHO, António Borges, *Donde Vemos*, História de Portugal vol. I, Editorial Caminho, Alfragide, 2010, p. 125.

⁴⁷³ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus*, Campo Arqueológico de Mértola, in. Seminário - "A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro, Mértola, 2007, p. 1.

⁴⁷⁴ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 52.

se repercutirem no espaço eborense⁴⁷⁵, remetendo-o ao esquecimento. Respectivamente à relação de Évora com o poder central, as fontes materiais espelham uma política incaracterística. Neste período não se verifica um tráfico comercial com arcaboço, nem uma postura propagandística cordovesa, por parte do Emir Abd al-Rahmān I.

No texto de Isa ar-Rāzi, na obra *al-Muqutabis* parte V, relativamente ao saque da cidade de Évora pelo galego Ordonho II em 913 e à sua nova fundação, assume-se como ponto de observação privilegiado, não só dos acontecimentos que influenciaram os destinos da cidade nos séculos X e XI, e fornecem-se algumas informações do desenho urbano e social da cidade no período emiral.

A primeira constatação é a clara decadência a que a se tinha votado a cidade pela altura do referido saque. Isa ar-Rāzi relata que quando as tropas de Ordonho II analisavam as muralhas da cidade na preparação do saque, este verificou que era baixa (*mutatammin*) e não tinha no topo parapeito (*sitāra*) nem ameias. Havia numa zona do exterior um elevado montão de lixo. Os habitantes da cidade costumavam atirá-lo para ali, a partir do interior da muralha⁴⁷⁶.

Apesar do relato poder ser encarado como um propositado exagero do autor⁴⁷⁷, faz sentido ser interpretado como uma descrição correta. Verificando-se assim o claro descuido a que a cidade se tinha votado. A problemática das linhas da muralha visigoda não teria sido alvo de recuperação ou robustecimento por parte dos habitantes da cidade, o que é sinonimo de falta de recursos.

Acerca do lixo amontoado junto à muralha, esse sim parece ser fruto de um excesso de análise por parte do cronista, podendo ser prática comum durante os períodos clássico e medieval, lixo acumulado na *alcárcova*, acatando um sistema de

⁴⁷⁵ Idem, p. 52.

⁴⁷⁶ SIDARUS, Adel, *UM TEXTO ÁRABE DO SÉCULO X RELATIVO À NOVA FUNDAÇÃO DE ÉVORA E AOS MOVIMENTOS MULADI E BERBERE NO OCIDENTE ANDALUZ*, In; A Cidade de Évora, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1988, p.22.

⁴⁷⁷ Será uma componente a ponderar, já que o relator serve uma das partes. O atirar lixo para o exterior da muralha é recorrente em diversas cidades, tando no período romano – Cloaca, como em período islâmico – alcárcova, era recorrente nas cidades na idade média.

esgotos primitivo na cidade. No entanto pode querer revelar a intenção do autor querer mostrar a decadência a que a cidade de Évora tinha chegado.

14.2 - O período califal e taifa (X e XI)

Se durante os primeiros tempos da ocupação islâmica em Évora (séculos VIII e IX) o reportório de materiais é bastante reduzido, estes dados parecem confirmar que a partir da segunda metade do séc. X se verificou um aumento significativo, tanto a nível de produções locais como no volume de importações. A leitura global da informação arqueológica, aqui disposta, leva-nos a crer que o momento da reconstrução da cidade foi decisivo para o seu futuro, como conferimos num texto da obra *Al-Muqtabis V*, relativamente ao saque da cidade pelas ostes de Ordonho II em 913 d.C. e à sua nova fundação. Comprova-se a decadência a que a cidade se tinha votado pela altura do ataque, e um ano após ter sido destruída, Yábura foi reconstruída e repovoada, como comprova uma das epígrafes presentes no Museu de Évora⁴⁷⁸.

Segundo Artur Goulart, a cidade foi reconstruída e repovoada pelo muladí Úd Ibn Sa'dún as-Shurumbaqi⁴⁷⁹, a mando de Ibn Marwan, ficando sob a alçada de Badajoz⁴⁸⁰, fato que será força motriz para assegurar o seu renascimento económico e cultural, “Évora redevevint prospérènt et s'enrichirent. Ce fait explique sa population nombreuse et sa prospérité jusqu'à ce jour”⁴⁸¹. Apesar da reconstrução e repovoamento da cidade se ter iniciado em período emiral, é sob a alçada do califa 'Abd al-Rahmân III que se concretiza. “O poder de as-Shurumbaqi perante o emirato omíada é visível na vasta clientela de militares e de populações de origem

⁴⁷⁸ Anexo V – Figura I

⁴⁷⁹ GOULART, Artur, *Duas Inscrições Árabes Inéditas no Museu de Évora*, in: a Cidade de Évora, nº 67-68, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1987. Pp. 1-3.

⁴⁸⁰ FRANCO MORENO, Bruno, - Abd al-Rahmân Bn Marwân al-Yillîqî – Un Líder Muladí del Occidente de al-Andalus rebelde a los dictados de Córdoba (siglos IX/III) in *Arqueologia Medieval 10*. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p.55.

⁴⁸¹ PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, , Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, p.198.

possivelmente rural, que consegue movimentar da região de Beja para repovoar a área de Évora”⁴⁸².

O saque veio demonstrar alguma vulnerabilidade dos territórios do Gharb e justificar a posição levada a cabo por ‘Abd al-Rahmān III. Este, durante anos de governação, alastrou a todas as regiões do al-Andalus a centralização do poder a partir de Córdoba. “Submete todos os territórios dissidentes, unificando-os e controlando novos ímpetus regionalistas através da nomeação de governadores da sua confiança para a administração das cidades”⁴⁸³. “Assume estrategicamente a autoria da reconstrução de Évora em 914, apropriando-se deste momento fundacional para ocultar a obra dos seus inimigos, demonstrando a sua hegemonia e ligando-o ideologicamente à acção califal”⁴⁸⁴.

A partir de 929 d.C. um enorme florescimento cultural e económico prospera a partir de Córdoba. Criaram-se as condições para que o comércio leve a todos os territórios do al-Andalus inovações culturais diversificadas. Sob o signo da pacificação califal por todo o al-Andalus, chegam aos territórios ocidentais do Gharb técnicas, pessoas e mercadorias vindas de todo o mundo islâmico, com destaque para a região de Córdoba, que se assume como principal centro produtor e dispersor cultural deste período. Facto que se deveu à estabilidade política imposta pelo Califado, que integrou o Ocidente Ibérico na grande síntese Islâmica⁴⁸⁵.

Foi neste momento que a cidade de Évora se incluiu na próspera rede comercial que caracterizou o período omíada. O momento de reconstrução e repovoamento da cidade juntamente com a progressiva incorporação da cidade na orla de Badajoz, em favor do afastamento gradual de Beja, como se comprovará no

⁴⁸² FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p.53.

⁴⁸³ Idem, p.54 (Confirmar referência- TORRES, 1992, p. 420).

⁴⁸⁴ Idem, p. 54.

⁴⁸⁵ GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ándalus*, Campo Arqueológico de Mértola, in. Seminário - “A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro, Mértola, 2007, p.100.

período das taifas, tendo sido a segunda cidade do reino aftácida no século XI⁴⁸⁶, foram acontecimentos cruciais para a revitalização e continuidade de Évora, colocando-a nas rotas comerciais deste período. É na sequência destes acontecimentos que chegou até Évora o conjunto cerâmico exógeno analisado, no qual encontramos peças com enorme requinte, simbolismo, propaganda ideológica e com um índice de raridade bastante acentuado, tomemos como exemplo a peça CMCS/2009 para qual não se encontram paralelos ao nível técnico no al-Andalus.

Está impresso no conjunto a adopção de simbologia religiosa do Islão no quotidiano destas populações, sinónimo claro da presença de uma elite islâmica, que aqui se fixa na segunda metade do século X, na sequência da reconstrução e repovoamento pós saque, e a partir de 914 d. C., detentora de algum poder económico e com uma clara abertura aos gostos culturais da época. São vestígios claros de revitalização urbana e do fortalecimento de um comércio estreito entre Évora, Badajoz e a região de Córdoba, como se comprova pelo elevado número de paralelos com cerâmicas destas regiões⁴⁸⁷.

Ao nível das produções locais, o conjunto exprime grande diversidade de formas e uma tecnologia de fabrico bastante especializada, com cozeduras predominantemente oxidantes e um nível de depuração bastante avançado. A introdução de expressões artísticas características deste período é sinónima de um progresso social consentâneo com a ordem vigente. A morfologia do espólio traduz hábitos alimentares, e tradicionais, claramente pertencentes a um contexto cultural mediterrânico, denotando evolução nas formas e entrando em rotura com as de tradição visigótica e emiral, o que se traduz em novas tradições gastronómicas e numa cultura material característica de uma sociedade plenamente islamizada.

⁴⁸⁶ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 153.

⁴⁸⁷ Registado bibliográfico extenso, a título de exemplo: - SALINAS PLEGUEZUELO, M^a Elena, *La cerámica Islámica De Madinat Qurtuba, de 1031 a 1236: Cronotipología y Centros de Producción*, Tesis Doctoral, Universidad de Córdoba, Córdoba.

FERNÁNDEZ, Valdés Fernando, et all, *La Ceramica Andalusí de la Ciudad de Badajoz.primer período (siglos IX- XII), según los trabajos en el antiguo hospital militar y en el área del aparcamiento de la c/ de Montesinos*. In: Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, ed. Ajuntamento de Extremadura, 1998, p. 393.

O fenómeno cultural ligado ao florescimento socioeconómico da cidade de Évora no quadro do al-Andalus deveu-se à decadência de Beja e Mérida no século X, e elevação político-administrativa de Badajoz. Deu-se um enquadramento na esfera governativa de Badajoz em detrimento de um afastamento de Beja. Foi também determinante a existência de elites locais muladis que requeriam uma forma de vida idêntica às elites árabes⁴⁸⁸, facto que se acentuará no século XI⁴⁸⁹.

A taifa de Badajoz é fundada em 1013 por Sābūr al- Saklabī, mas será a dinastia Banū al-Aftas, que ligará o seu nome a uma das taifas mais poderosas do século XI⁴⁹⁰. O reino Aftácida compreendia o distrito militar noroeste, estendendo-se a sua autoridade pelas cidades de Coimbra, Santarém, Lisboa, Sintra, Évora, Alcácer do Sal e Beja⁴⁹¹.

O crescimento económico de Évora prende-se com a sua localização geográfica, preeminente para os objetivos comerciais, militares e políticos de Badajoz, posicionando-se como o ponto central da via comercial mais importante para o reino aftácida em direção às suas duas cidades portuárias: Lisboa e Alcácer do Sal.

O interesse comercial pelos portos litorais, excedentários em riquezas alimentares e importantes para o domínio marítimo, e económico, das grandes rotas mercantis, provoca a atração pelo percurso económico este-oeste, revelando-se este quadro essencial para o desenrolar da história de Évora neste período⁴⁹².

A alteração do estatuto político e jurídico da cidade e região de Évora, no século XI, para segunda cidade da Taifa de Badajoz, apoiado possivelmente numa elite culta e inovadora, permitiu a experiência governativa sobre um espaço económico, no qual a cidade de Alcácer do Sal era sua dependente. Lembremos, que Muhammad b.’

⁴⁸⁸ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 153.

⁴⁸⁹ É notório no acervo cerâmico que é no século XI que Évora atinge o esplendor omíada, facto que se explica por uma elite que aqui se fixou e que manteve relações comerciais com diversas regiões.

⁴⁹⁰ MORENO, Franco, 2008, p.69.

⁴⁹¹ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 155.

⁴⁹² Picard, Christophe, *L'Océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*, ed. Maisonneuve & Larose /Unesco, Paris, 1997, p.23.

Abd Allāh, al – Muzaffar “ (...) colocou nela o seu filho al-Mansūr⁴⁹³”, escolhendo-o para a administração desta de entre todas as cidades que existiam no seu reino. A morte do monarca de Badajoz leva ao trono o então senhor de Évora, causando a revolta de seu irmão Umar b. Muhammad al – Mutawakkil, também ele com pretensões ao trono da dinastia aftácida. Muhammad al – Mutawakkil assume o cargo de governador de Évora, mas sempre com a intenção de se tornar rei de todos os territórios de Badajoz⁴⁹⁴.

Nesta altura a cidade tende a individualizar-se como espaço político autónomo, durante cerca de três ou quatro anos, duração do reinado de al- Mansūr em Badajoz, pois existe cunhagem de moedas em nome de al–Mutawakkil⁴⁹⁵, e um esplendor cultural confirmado por uma corte repleta de poetas, músicos e artistas⁴⁹⁶. O poeta mais prestigiado e querido por al-Mutawakkil foi Ibn’Abdun, reconhecido pela sua invulgar capacidade de memória e domínio de lexicografia⁴⁹⁷. Ocupou o cargo de secretário (kātib) e de ministro (vizir) durante o reinado do último monarca aftácida, al-Mutawakkil⁴⁹⁸.

A morte prematura de al-Mansūr vai de encontro aos reais propósitos de al-Mutawakkil. O seu poder é legitimado enquanto rei da taifa aftácida e o território é unificado sob a sua autoridade, concluindo Évora o seu promissor papel de capital de um reino autónomo⁴⁹⁹.

A decifração do pensamento dos séculos X e XI é restrito pela complexidade cultural que o al-Andalus congregava. Sobretudo pelo desconhecimento da totalidade da realidade. A interpretação é apenas uma proposta do que “foi” o imaginário deste

⁴⁹³ REI, António, *O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII/XII: Yāqūt al-Hamāwī e Ibn Sa’īd al-Maghribī*, in. *Medievalista* nº 1 (online), 2005, p. 24.

⁴⁹⁴ PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose Paris, 2000, p. 230.

⁴⁹⁵ Como se constatou no capítulo XIII.

⁴⁹⁶ Idem, p. 230.

⁴⁹⁷ MOHEDANO BARCELÓ, José, Ibn ‘Abdūn de Évora (c.1050- 1135), Breve apresentação e selecção dos seus poemas, in. *Série Estudos Árabes*, vol. I, ed. Universidade de Évora, Évora, 1982, p- 4.

⁴⁹⁸ Idem, p. 5.

⁴⁹⁹ PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose Paris, 2000, p. 343.

período histórico, tanto ao nível iconográfico com em relação às utilizações de cada objecto, ocorre o risco de serem alvo de uma visão contemporânea.

No conjunto cerâmico em análise decifram-se tradições culturais pré- islâmicas embebidas em correntes artísticas com características próprias nascidas desta diversidade de culturas que é o al-Andalus. Destaca-se um profundo compromisso com o que são princípios doutrinários do Profeta e da cultura muçulmana, que se deixa influenciar por uma corrente oriental, particularmente a bizantina e a sassânida⁵⁰⁰. O mundo omíada absorveu muito dessas culturas, mas criando mesmo os seus novos modelos com originalidade concordante com o vasto império islâmico⁵⁰¹.

Grabar adianta que não há na cultura tradicional muçulmana uma base doutrinária direccionada às artes mas sim atitudes, algumas desenvolvidas ou copiadas a partir das regiões dominadas⁵⁰². Bazzana defende a função inegável dos princípios corânicos que norteiam o dia-a-dia dos crentes nas concepções artísticas, realçando o papel afetivo da unidade num mesmo credo, que se traduz numa sensibilidade comum⁵⁰³. A iconografia da cerâmica é indissociável do contexto político-religioso do Islão peninsular, enquadrando-se na singularidade do reino omíada independente que se desenvolveu em Córdova, então um dos focos principais de irradiação cultural do mundo islâmico.

Relativamente aos motivos antropomórficos, segundo Isabel Fernandes, este tipo de cerâmicas chega a converter-se em oferendas do soberano, a título de recompensa ou de afabilidade. Expressão de um poder centralizado que divulga uma imagem de opulência e de ostentação⁵⁰⁴. São de certo fruto de um trabalho artesanal de encomenda para uma clientela urbana, plausivelmente culta e de um “status” social elevado, que aprecia decorações de qualidade, mesmo em artigos utilitários como

⁵⁰⁰ FERNANDES, Isabel, *Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do castelo de Palmela*, in: *Arqueologia Medieval* 6, ed. Afrontamento, Lisboa, 1999, p. 94.

⁵⁰¹ Idem, p. 94.

⁵⁰² GRABAR, Oleg, *La Formación del Arte Islámico*, Ed. Catedra, Madrid, 1996, p. 28.

⁵⁰³ BAZZANA, André, *La Céramique Verte y Morado Califale à Valence: Problèmes Morphologiques et Stylistiques*, in: *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991, p.352.

⁵⁰⁴ FERNANDES, Isabel, *Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do castelo de Palmela*, in: *Arqueologia Medieval* 6, ed. Afrontamento, Lisboa, 1999, p. 95.

estes. “Ao gosto do comprador atraem as alusões ao sagrado e ao poder, através de um desenho invulgar, evocador de antigas tradições orientais e do efeito estético do verde e manganés, a moda palaciana de grande expansão desde o centro cordovês”⁵⁰⁵.

É tentador associar estas peças aos acontecimentos ocorridos em Évora nos anos que sucederam o saque da cidade, em que a cidade é auxiliada pelo muladí Úd Ibn Sa’dún as-Shurumbaqi seguindo as ordens de Ibn Marwan. Uma análise meramente especulativa, no entanto, entendendo à cronologia e proveniência das peças, não é descabido que se trate de uma relação entre estes líderes “mecenas”, num período após as-Shurumbaqi, e as entidades aftácidas. As peças foram encontradas apesar de serem parte de entulho de um silo e poderão ter pertencido a estas famílias que se instalaram, com certeza, na zona central da cidade.

Sobre os restos alimentares encontrados em Évora, é um o conjunto que se enquadra no século XI. Tarefa difícil caracterizar o consumo alimentar na Évora islâmica a partir destes reduzidos vestígios, dado que os alimentos (nomeadamente faunísticos) aqui não representados poderiam fazer parte de igual forma, da alimentação deste período. A informação oral de que se encontraram além dos vestígios mencionados, espinhas de sardinha⁵⁰⁶, pode significar a importação de preparados de peixe das zonas costeiras, possivelmente da zona de Lisboa. A presença de porco doméstico⁵⁰⁷ vem de certa forma comprovar a suposta contradição corânica⁵⁰⁸, já há muito contestada, como em diferentes locais se verificou⁵⁰⁹. Quanto ao linho, poderia ser consumido como laxante natural ou estar relacionado com a tecelagem.

⁵⁰⁵ Idem, 95.

⁵⁰⁶ Informação cedida por um dos arqueólogos presentes na intervenção no Paço dos Lobo da Gama-Gonçalo Lopes.

⁵⁰⁷ Comprova-se pelas marcas de talhe no osso. Anexo II – figura XX.

⁵⁰⁸ MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII), Mértola*, 1996, p.141.

⁵⁰⁹ Contradição já bastante refutada por Cláudio Torres, entre outros, a título de exemplo: MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII), Mértola*, 1996, p. 132.

14.3 - A evolução urbana de Évora - séculos VIII a XI

Olhando o saque Évora por Ordonho II, através do al-Muqutabis, a primeira ilação que se tira está ligada com a ausência de arrabaldes aquando do saque, o que faz logicamente sentido, partindo do princípio de que uma cidade sem crescimento económico e urbano não se propicia a ter arrabaldes. Portanto não existirá crescimento urbano até ao século X, visto que o arrabalde mais antigo da cidade data deste século. No local onde hoje se ergue a cerca de Santa Mónica, foram encontrados vestígios que confirmam a presença de estruturas habitacionais a partir do Século X. Até ao momento, foi o único local exterior às muralhas antigas de Évora de onde surgiram vestígios habitacionais datáveis do século X, estando os dados arqueológicos em unísono com a fonte escrita até agora.

Relativamente ao urbanismo da cidade, podemos concluir que durante os primeiros séculos a cidade manteve as estruturas herdadas da antiguidade, com poucas alterações, como se confirma no texto do al-Muqutabis. Na estratigrafia e geografia urbana analisadas são diversas as conclusões com que nos deparamos. Era já ponto assente que a zona do templo e do Museu tiveram utilização habitacional, em ambos os casos durante todo o período islâmico⁵¹⁰.

No templo romano falamos claramente de uma ocupação polifásica, os silos escavados no pavimento de origem romano, são prova da reutilização das estruturas antigas pelas populações neste período, e a cronologia do entulho apresenta uma datação *post quem* emiral e *ante quem* almóada, traduzindo uma ocupação incessante do espaço no período islâmico. Considerando a crónica referida, é bastante provável

⁵¹⁰ São os dois locais já analisados do ponto de vista científico, no entanto a escavação do templo carece de um melhor esclarecimento estratigráfico. Veja-se TEICHNER, Felix, Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am Römischen Tempel (1986-1992), *Madriider Mitteilungen*, Mainz, Verlag Philipp Von Zabern, Pp. 336-358.

TEICHNER, Felix, *A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa)*, Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Câmara Municipal de Tondela, Tondela 1998, Pp. 17-31.

que o templo tenha sido transformado numa estrutura defensiva neste período⁵¹¹, é natural que se fixassem habitações junto a este forte, que se prolongará até à mesquita, ligando-se fisicamente a esta, como comprovam os dados analisados por Vanessa Filipe no que toca à estratigrafia registada durante as escavações do Museu de Évora.

Refere que há um reaproveitamento de estruturas de períodos anteriores, com estruturas que se enquadram nas normas construtivas descritas por Ibn'Abdun⁵¹². São estruturas que dão conta de um bairro de grandes dimensões que terá sido abandonado após conquista cristã da cidade em 1165⁵¹³, consentâneo com o *términus* ocupacional das estruturas junto ao templo.

Os vestígios materiais e estratigráficos encontrados na zona sul desta zona central, no edifício do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora, traduzem de igual forma a presença de um conjunto habitacional. Atendendo ao consenso historiográfico que coloca geograficamente a Mesquita principal da cidade no local onde atualmente se situa a Sé Catedral⁵¹⁴. No entanto a necessitar de comprovação arqueológica, reforça esta perspetiva, existe claramente uma continuidade da zona áulica Romana, na qual se insere o templo e a mesquita⁵¹⁵, habitada por uma elite urbana durante todo o período islâmico. É notório que estejamos perante uma continuação dessa zona

⁵¹¹ Veja-se SIDARUS, Adel, *Um Texto Árabe do Século X Relativo à Nova Fundação de Évora e aos Movimentos Muladí e Berbere no Ocidente Andaluz*, In: A Cidade de Évora, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1988. P. 196. – “[...]de acordo com o relato da peleja, estas torres “pareciam não ter ligação estratégica com a muralha”. Isto é estranho do ponto de vista da arquitectura militar e da própria situação dos refugiados: divididos por vários edifícios e todos eles tão impenetráveis? A verdade é que o problema pode prender com a terminologia e o documento pode-se referir a um único edifício (mabnā) poderia ser o antigo edifício do Templo Romano, com certeza, já emparelhado e transformado em torre inexpugnável. Terá funcionado antes, como igreja, na sequência do fim do paganismo em Évora?”.

⁵¹² MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996, p74-75.

⁵¹³ FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012, p. 148- 150.

⁵¹⁴ Ver: VAL-FLORES, Gustavo, *A Evolução Urbana do Centro Histórico de Évora, Vol. II, De Elvora a Elbora, Cidade e Sociedade, Séc. IV d.C.-1165*, Câmara Municipal de Évora, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura. “No prelo”.

⁵¹⁵ FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in: Revista Monumentos nº 26, p.5.

habitacional, que se advinha intensa em torno da Mesquita, estendendo-se para a zona sul/ sudoeste da mesma, em direção ao largo das Portas de Moura.

No entanto o *términus post quem* deste local enquadra-se no século X. Este défice de vestígios do período emiral pode encontrar justificação em diversas razões, nomeadamente pelo abandono dos silos se ter efetuado já no século XI e, simplesmente, a realidade material dos séculos VIII e IX, já ter sido abandonada, tal como se passa na ocupação do Museu⁵¹⁶.

Relativamente à reutilização da estrutura de banhos romana neste período afigurasse prematuro avançar com garantias. No entanto, fica a hipótese de um pequeno hammam ou local de abluções em anexo à mesquita, parece plausível atendendo ao fácil abastecimento de água da estrutura devido aos níveis freáticos da área que se encontram próximos da superfície⁵¹⁷, facto comprovado pela existência de poços⁵¹⁸, que poderiam ter continuado a fornecer água, muito depois do desaparecimento do velho aqueduto romano⁵¹⁹.

Na encosta Este da cidade as escavações do Pátio de São Miguel e do Palácio dos Lóios, testemunham ocupação do local em período islâmico, contudo a associação desta zona à alcáçova carece ainda de trabalho arqueológico. No entanto a casa de grandes dimensões encontrada no Pátio de São Miguel sugere parte de um edifício palatino, justificando os moldes de ocupação do espaço como alcáçova. Resta entender os moldes em que esta zona se delineava.

Junto à muralha, no quadrante Oeste, na zona da atual Casa de Burgos e Rua Vasco da Gama encontramos, de igual forma, vestígios de habitações, materializados em espólios do quotidiano. Um dado que parece certo é que a cidade se foi construindo em torno das estruturas romanas já existentes, e logicamente do centro para a periferia. Apesar de surgirem materiais emirais nas escavações da *natatio* das

⁵¹⁶ Vanessa filipe refere um reaproveitamento do período emiral das estruturas e de um ocultar deste período em favor dos seguintes, toma por base os vestígios cerâmicos.

⁵¹⁷ Nota: Informação cedida pelo arqueólogo responsável, Ricardo Gaidão.

⁵¹⁸ A peça CMCS/514 é sinónimo da presença de poços nesta zona.

⁵¹⁹ Informação implícita na obra, BILOU, Francisco, *A Refundação do Aqueduto da Água de Prata, em Évora 1533-1537*, ed. Colibri, Lisboa 2010, Pp. 10-11.

termas romanas, que são provenientes de revolvimento, fato que leva a ponderar a reutilização das termas romanas (ou pelo menos da Natatio) como vazadouro de lixos domésticos⁵²⁰, provavelmente uma lixeira urbana que atravessou todo o período islâmico.

A partir da segunda metade do século X, verifica-se um crescimento urbano em Évora, como atesta o já referido arrabalde da Cerca de Santa Mónica situado na encosta da alcáçova. Numa análise à cartografia relativa à dispersão da cerâmica nos sítios arqueológicos⁵²¹ observa-se que, na transição do período emiral para o califal existe uma evolução da ocupação na cidade, partindo da zona central em direção à muralha, extravasando-a a partir de 929 d.C., fato que se acentuará já em finais do século XI com o surgimento de um segundo arrabalde na zona Oeste (escavações do Palácio dos Lobo da Gama).

Os vestígios osteológicos funcionam aqui como fator delimitador da cidade nos diferentes períodos. Assim sendo temos duas primeiras necrópoles na zona da Praça do Geraldo e Portas de Moura⁵²², junto às muralhas. Será portanto factual que até aos finais do século XI a cidade se mantém com a geografia mais ou menos definida pela muralha tardo-romana. O período de crescimento califal é consentâneo com a reconstrução da cidade pós-saque, a partir deste momento surge o crescimento urbano, aliado logicamente ao crescimento financeiro e comercial, da cidade e de todo o al-Andalus. Surgem então os primeiros arrabaldes e, já no século XII, a cidade toma nova forma, sendo potenciada por um crescimento habitacional elevado, como constatamos na quantidade de pontos geográficos de onde surgiram vestígios relacionados com o período almóada.

O crescimento da cidade iniciado no século X toma corpo no século XI, chegando ao seu apogeu já no início do século XII. Fatos arqueológicos como a

⁵²⁰ Informação oral cedida pelo arqueólogo responsável pelas intervenções no edifício Panagioutis Sarantonpuolos.

⁵²¹ Anexo III- Figuras I, II, III.

⁵²² Balizamento cronológico comprovado pelas análises de radio-carbono já referidas.

presença de necrópoles bastante mais afastadas da muralha antiga⁵²³, e uma quantidade relevante de novos sítios em que os materiais apontam para uma cronologia exclusiva do século XII, ao contrário dos sítios centrais em que os vestígios abarcam todas as fases do período islâmico. São testemunhos que sugerem um vincado crescimento urbano no século XII. Com um crescimento urbano a crescer intensamente e com o assédio cristão a mostrar força⁵²⁴, não é desapropriada a hipótese de ter existido uma segunda linha de muralha na cidade construída em finais do século XI e inícios do XII.

Fernando Branco Correia adianta a interrogação acerca das características das muralhas de Évora neste período. Teriam as características poliorcéticas que agora se desconhecem? Não é impossível, dado que, segundo a crónica do eborense Christovão Rodrigues Acenheiro⁵²⁵, D. Fernando de Portugal terá mandado destruir grande parte da “cerca velha”⁵²⁶.

Esta hipótese parece bastante plausível, no entanto não se pode afirmar que a cintura que hoje se vê da muralha fernandina de Évora possa corresponder à segunda muralha islâmica, considerando inovações da Ordem de Avis que possam também ter sido destruídas na fase fernandina. Esta hipotética “segunda cerca árabe” pode em alguns troços ter coincidido com as linhas Fernandinas, no entanto parece um pouco exagerado que tivesse tais dimensões. As referidas necrópoles que apontam cronologicamente a este período são um fator delimitador da mancha urbana e desta possível muralha⁵²⁷, até porque não se verificam vestígios de ocupação muçulmana para lá destas linhas de necrópole.

⁵²³ Idem. Refiro-me à necrópole da zona do Antigo Convento de S. Domingos (hoje um complexo habitacional e um parque de estacionamento em frente ao Teatro Garcia de Resende).

⁵²⁴ Veja-se o impacto que o saque de Évora por Ordonho II teve no seio do poder muçulmano, exemplo disso é a forma como Ibn- hayan se refere ao príncipe galego no texto al-Muqtabis. E a obra de Fernando Correia Branco, todo o processo de conquista cristã.

⁵²⁵ “E despoys, era de mil e quatrocentos e dezoito, maódoou este Rei derribar a cerca velha d’Évora, que era a mylhor couza d’espanha” – Christovão Rodrigues Acenheiro, *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, in: *Collecção de Inéditos de História Portuguesa*, tomo V, Lisboa, Real Academia das Sciencias, 1824, P. 146.

⁵²⁶ CORREIA, Fernando Branco, *Fortificação, Guerra e Poderes no Gharb al-Andalus*, Tese de Doutoramento, policopiada, Pp. 664-665.

⁵²⁷ Anexo III- Figuras I, II, III, IV e V.

14.4 - Considerações finais

Em suma, as intervenções arqueológicas em Évora tem vindo a proporcionar um apreciável conjunto de dados, que conforme se demonstrou permitem formular, com rigor as hipóteses acerca da cidade muçulmana de Évora (séculos VIII a XI), dos mais diversos prismas. Um fator que parece pertinente é a sucessiva reutilização/reocupação de espaços e estruturas dos períodos anteriores. No entanto muitos são os contributos deixados pela cultura muçulmana na cidade, desde a língua à cerâmica, ao traçado urbano e aos costumes alimentares.

Apesar de uma leitura fragmentada da realidade e de uma abordagem necessariamente esquemática, denotamos a ausência de vestígios que confirmem uma chegada abrupta ou violenta das tropas muçulmanas⁵²⁸, nem uma doutrina ou política imposta à força e por “decreto”, mas sim uma realidade que se molda lentamente ao sabor de ruturas com tradições passadas, numa branda aceitação dos novos costumes.

Ligada pelo cordão do comércio, a cidade de Évora insere-se no sul ibérico, entendido como um espaço alargado e sem limites geográficos frígidos, culturalmente unificado por uma matriz comum, a mediterrânica, comportando especificidades próprias de um território onde, durante este período conviveriam, influenciando-se reciprocamente, cristãos, muçulmanos e minorias étnico-religiosas como judeus, moçárabes e estrangeiros.

Em suma, a filosofia das intervenções sobre o património arqueológico em Évora carece de uma linha estratégica e identitária, que alie a salvaguarda à investigação científica e à valorização do mesmo, de modo a que se contribua para o aumento dos valores culturais e de pertença por parte dos cidadãos.

⁵²⁸ Como reflete Cláudio Torres, arqueologicamente falando, este acontecimento é um “não-facto” – in TORRES, Cláudio, Camponeses e Mercadores no Mediterrâneo, Arqueologia Medieval 10, ed. Afrontamento, Porto, 2008, p. 5.

Bibliografia

Estudos Monográficos

- ABASCAL PALAZÓN, J. M., *La cerámica pintada romana de tradición indígena en la Península Ibérica. Centros de producción, comercio y tipología*, Departamento de Historia Antigua de la Universidad de Alicante, Madrid, 1986.
- ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano, 3ª. Cord.* Historia Mundi, Ed. Verbo, Lisboa, 1983.
- ALARCÃO, Jorge, *Portugal Romano*, ed. Verbo, Lisboa, 1974
- ALMEIDA, Cármen, *Riscos de um século, memórias da evolução urbana de Évora*, Ed. Câmara Municipal de Évora. Divisão de Assuntos Culturais - Arquivo Fotográfico, Évora, 2001.
- ALMEIDA, Cármen, *Riscos de um século, memórias da evolução urbana de Évora*, Ed. Câmara Municipal de Évora. Divisão de Assuntos Culturais - Arquivo Fotográfico, Évora, 2001.
- ANDERSON, Claire D., ROSSER-OWEN, Mariam, *Revisiting Al-Andalus: Perspectives on the Material Culture of Islamic Spain and Beyond*. LP Harvey-Journal Islamic Studies. OCIS, 2010.
- ARIÉ, Rachel, *Traducion anotée et commentée des traités de hisba d'Ibn Abd al- Rauf et de Umar al-Garsifi*, in. Hesperis-Tamuda, vol. I, Rabat, 1960.p. 370

- BALESTEROS, Cármen; OLIVEIRA, Jorge; MIRA, Élia; *As Muralhas de Évora: Aspectos Problemáticos do Sistema Defensivo*. In: *A Cidade de Évora*, II Série, nº 2. Évora, 1996.
- BARCELÓ, M., *Al-Mulk, el verde y el blanco, la vajilla califal omeya de Madinat al-Zahra*, La cerâmica altomedieval en el sur de Al-Andalus, granada, 1993.
- BARROS, Maria Filomena; VILAR, Hermínia de Vasconcelos, *Categorias sociais e mobilidade urbana na baixa idade media: Entre o Islão e a Cistandade*, ed. 1, 1 vol, ed. Colibri- CIDEHUS, Évora, 2012.
- BAZZANA, André; BEDIA GARCÍA, Juana, *Saltes y el sudoeste peninsular*, Grupo de investigación Arqueológica del Patrimonio del Sureste, Universidad de Huelva, Huelva, 1994.
- BAZZANA, André, *La cerâmica islâmica de la Ciudad de Valencia*. Vol.I, in. *Ajuntament de València*, Valencia, 1992.
- BAZZANA, André; BEDIA GARCÍA, Juana, *Saltes y el sudoeste peninsular*, Grupo de investigación Arqueológica del Patrimonio del Sureste, Universidad de Huelva, Huelva, 1994.
- BEIRANTE, Maria Ângela, *Évora na Idade Média*, Ed: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995.
- BENABAT HIERRO, Yolanda; PÉREZ MACIAS, Juan Aurelio, *La Ollita, una noria islâmica en Niebla, Huelva en su Historia*, 7, 2.ª época, Universidad de Huelva. Huelva, 2003.

- BILOU, Francisco, *A Refundação do Aqueduto da Água de Prata, em Évora 1533-1537*, ed. Colibri, Lisboa 2010, Pp. 10-11.
- BORDOY, Guillermo Rosselló, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca*, Palma de Maiorca, 1978
- BRAUDEL, Fernand, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II*, 2 Vols., in. Dom Quixote, Lisboa, 1983-84.
- CARNEIRO, André, *Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira*, Ed: Colibri, Município de Fronteira, Município de Cascais, 2004.
- CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora dos meados do século XII a finais do século XIV*, vol. I. Ed: Colibri, Évora, 2004
- CATARINO, Helena, *Catálogo das cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir*, Museu Arqueológico Municipal de Loulé, Loulé, 1996.
- CAURCEL, J.; SEGURA, C., *La alfarería en la provincia de Madrid*. Madrid, 1977.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Ed. Teorema, Lisboa, 1999.
- COELHO, António Borges, *Donde Viemos*, História de Portugal volume I, Editorial Caminho, Alfragide, 2010, p. 125.
- CORREIA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*, Ed. Colibri- CIDEHUS-UE, Évora, 2013.

- ESCRIBÁ, *La cerámica califal de Benetusser*, Ministerio de Cultura, Valencia, 1990.
- ESPANCA, Túlio, *Fortificações e Alcaidarias de Évora: Cadernos de História da Arte Eborense*, Ed: Nazareth, Évora, 1946.
- ESPANCA, Túlio, *Miscelania Histórico-Artística I*, in. *Cadernos de História Eborense XVI*, Ed: Nazareth, Évora, 1953.
- FABIÃO, Carlos, *A Herança Romana em Portugal*, Lisboa, 1992.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*, Ed. Colibri, Lisboa, 2004.
- FERNANDES, Isabel, *Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do castelo de Palmela*, in: *Arqueologia Medieval 6*, ed. Afrontamento, Lisboa, 1999.
- FERNÁNDEZ, Valdés Fernando, et all, *La Ceramica Andalusí de la Ciudad de Badajoz.primer período (siglos IX- XII), según los trabajos en el antiguo hospital militar y en el área del aparcamiento de la c/ de Montesinos* .In: *Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, ed. Ajuntamento de Extremadura, 1998, p. 393
- FOUSSIER, Robert, *La Edad Media. La formación del mundo medieval*, Ed: Critica, Barcelona, 1988.
- FUERTES, Santos, CARMINO, M^a del, *La cerámica caifal del yacimiento de Cercadilla, Córdoba*, Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, Sevilla, 2002.

- GASPAR, Alexandra, e GOMES, Ana, *O Castelo de São Jorge- da Fortaleza islâmica à alcáçova cristã. Contribuição para o seu estudo*, in FERNANDES, Isabel Cristina F. (coord.), *Mil anos de fortificações*, Pp. 397; SERRAS, Susana, *Castelo de São Jorge- núcleo museológico*, Lisboa, EGEAC, 2008.
- GLICK, Thomas F., *Cristianos e musulmanes en la España Medieval (711-1250)*, ed. Alianza Editorial, Madrid, 1994.
- GOMES, Rosa Varela, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: o núcleo urbano*, Trabalho de Arqueologia 44, IPA, Lisboa, 2006.
- GOMES, Varela, *Ribāt da Arrifana, Cultura material e espiritualidade*, in. Município de Aljezur, Aljezur, 2007.
- GRABAR, Oleg, *L'Art de la Fin de l'Antiquité et du Moyen Age*. Vol. II, Paris, 1968.
- GRABAR, Oleg., *La Formación del Arte Islámico*. 8ª ed. Cátedra, Madrid, 2000, p. 216.
- GRABAR, Oleg, *La Formación del Arte Islámico*, Ed. Catedra, Madrid, 1996, p. 28.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, *La cora de Tudmir de la Antigüedad Tardía al Mundo Islámico. Poblamiento y cultura material*, in. Casa de Velázquez - Instituto de Cultura "Juan Gil-Albert", Madrid - Alicante, 1996
- HUARTE CAMBRA, Rosario; LAFUENTE IBÁÑEZ, Pilar, *La cerâmica de las excavaciones de la Catedral*, in Magna Hispalensis (I), Ed. A. Jiménez Martín, Granada, 2002.

- HUARTE CAMBRA, Rosário; LAFUENTE IBÁÑEZ, Pilar, *La cerámica de las excavaciones de la Catedral, Magna Hispalensis (I). Recuperación de la Aljama Almohade*, ed. A. Jiménez Martín, Granada, 2002.
- JIMÉNEZ AMIGO, et Alli, *Excavaciones en Medina-Azahra (Córdoba)*, in. *Memórias de la Junta Superior de Excavaciones Arqueológicas*, Vol 85. Madrid, 1926.
- JIMENEZ, et all, *Excavaciones de Medina-Azahra (Córdoba)*, *Memorias de la junta superior de Excavaciones y Antigüedades*, Madrid, 1926.
- KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na península Ibérica*, Ed. Europa- América, Lisboa/Sintra, 2005.
- LAFUENTE IBAÑEZ, Pilar, *“La cerámica”, Sevilla almohade. Catálogo de la Exposición*, Fundación de las Tres Culturas del Mediterráneo; Nota 1., Sevilla, 1999.
- LIMA, Miguel Pedroso, *Muralhas e fortificações de Évora*, ed: Argumentum, Lisboa 2004.
- TORRES, Cláudio, MACIAS, santiago, *As cidades in o legado islâmico em Portugal*, círculo de leitores, lisboa 1998.
- LOPES, David, *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1991, separata do *boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vols. 3-4 Lisboa, 1909-1910.

- LOPES, Maria da Conceição, *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, 2003.
- LUZIA, Isabel, *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento*, Loulé, 93 Loulé, Museu Municipal de Arqueologia de Loulé.
- Luzia, Isabel, *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento*, Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, Loulé, 2003.
- MACIAS, Santiago, *Islamic Archeology in Portugal*, in: *The Historiography of Medieval Portugal (c.1950-2010)*, Direcção de José Mattoso, ed. Centro de Estudos de História Religiosa e 10 outras instituições, Lisboa, 2010.
- MACIAS, Santiago, *Moura na baixa idade média: elementos para um estudo histórico e arqueológico*, in. *Arqueologia Medieval*, nº 2, ed. Afrontamento, Porto, 1993
- MACIAS, Santiago, *Mértola: O último porto do Mediterrâneo*, 3 vols., Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2006.
- MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio. *O Gharb al-Andalus*, in. *História de Portugal*, direcção de José Matoso, Lisboa, 1992.
- MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996.
- MACIAS, Santiago, *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola, 1996, p74-75.

- MACHADO, João; L. Saavedra, *Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, Ministério da Educação Nacional/ Direção- Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, Lisboa, 1964.
- MANTAS, Vasco Gil, *Arqueologia Urbana e Fotografia aérea: Contributo para o estudo do Urbanismo Antigo de Santarém, Évora e Faro*. In: *Trabalhos de Arqueologia* 03, M.E.C., IPPC, SEC, Departamento Regional de Arqueologia, Lisboa, 1986.
- MATOS, José Luís de, *Influencias orientais na cerâmica muçulmana do Sul de Portugal*, in. *Estudos Orientais*, vol. II, Lisboa, 1991.
- MARTÍN, M, et alii, *Resultado de lo análisis químico y mineralógico de las cerâmicas almohades del yacimiento de La Encarnación (Jerez de la Frontera)*, *Estudios de Historia y Arqueología Medievales*, Vols. VII /VIII, Cádiz, 1988.
- MATTOSO, José, *A época sueva e visigótica*, in. *História de Portugal*, Dir. José Mattoso, vol. I – *Antes de Portugal*, ed. Estampa, Lisboa, 1997.
- MATTOSO, José, *A cidade Medieval na Perspectiva da História das Mentalidades*, in: *Cidades e história*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1992.
- MATTOSO, José, *A Identificação de um País, Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Ed. Referência/ Editorial Estampa, Lisboa, 1985, vol. I.
- MATTOSO, José, *A Identificação de um País, Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Ed. Referência/ Editorial Estampa, Lisboa, 1985.

- MATTOSO; José, *Portugal medieval. Novas interpretações*, ed. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1992, p. 15.
- MATTOSO, José (1997): *A época sueva e visigótica, História de Portugal Direcção de José Mattoso*, Antes de Portugal, Vol. I, ed. Estampa, Lisboa, 1997.
- MESTRE, Joaquim Figueira, *Cerâmica muçulmana do Castro da Nossa Senhora da Cola*, Câmara Municipal de Ourique, Beja, 1992.
- ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan, *La Cerámica en Arqueología*, ed. Crítica, Barcelona, 1997.
- PALAZON, Júlio Navarro, *Cerâmica muçulmana de Murcia (Espana) com representaciones humanas*. *La Céramique Médiéval en Méditerranée Occidentale- Xe-XVe siècles*, Editions CNRS, Paris.
- PAULO, Dália, *A Casa Islâmica. The Islamic House*. Faro, Câmara Municipal de Faro, Faro, 2000.
- PERES, Damião, *O domínio árabe - vol. I*, ed. *História de Portugal*, Portucalense, Barcelos, 1928.
- PEREZ-ARANTEGUI, J., RUIZ, E., and CASTILLO, J. R., 1997, *La cerámica 'verde y negro' de los talleres islámicos de Zaragoza: características tecnológicas de sus recubrimientos*, *Caesaraugusta*, Pp. 43-7.
- PICARD, Christophe, *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L'Occident d'Al-Andalus sous domination islamique*, , Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, p.198

- PICARD, Christophe, *L'Océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*, ed. Maisonneuve & Larose /Unesco, Paris, 1997.
- PIEDRA, Carlos Cano, *Estudio Sistemático de la cerámica de Madinat Ilbira*, Cuadernos de la Alhambra, Granada, 1991.
- PIEDRA, Carlos Cano, *LA CERÁMICA VERDE- MANGANESO DE MADĪNAT AL-ZAHRĀ*, ed. Sierra Nevada 95 / El legado andalusí, Granada, 1996.
- Piedra, Carlos Cano, *La cerâmica de Madinat Ilbira. La cerâmica Altomedieval en el Sur de Al-Andalus*, Universidad de Granada, Granada.
- PLEGUEZUELO, M^a Elena Salinas, *La cerâmica Islâmica De Madinat Qurtuba, de 1031 a 1236: Cronotipología y Centros de Producción*, Tesis Doctoral, Universidad de Córdoba, Córdoba, 2012, p. 574.
- RIBEIRO, Orlando, *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, Ed. Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1970.
- RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Ed: Sá da Costa, Lisboa, 1986.
- RIBEIRO, Orlando; LAUSENTACH, Herman; DAVEAU, Suzanne, *Geografia de Portugal – A Posição Geográfica e o Território*. Vol.I Ed: João Sá da Costa, Lisboa, 1987.
- ROCA, Zoran, OLIVEIRA, José António, *A paisagem como elemento da identidade e recurso para o desenvolvimento*, In: Congresso Ibérico de Geografia, 10, Évora, 2006.

- SESTERI, Anna, *Clasificación y tipología*, In. Diccionario de Arqueología, Ed: Crítica, Barcelona, 2001.
- TORREMOCHA, A., OLIVA, Y., *La cerámica muçulmana de Algeciras, Producciones estampilladas*. in: Caetaria Monográficos, n1, 2002, p. 62.
- TORRES, Cláudio, *Camponeses e Mercadores no Mediterrâneo*, Arqueologia Medieval 10, ed. Afrontamento, Porto, 2008, p. 5.
- TORRES, Cláudio, *O Garb al-Andaluz*, in. História de Portugal de José Mattoso, Vol. I, ed. Circulo de Leitores, Lisboa, 1992, p.417.
- TORRES, Cláudio, *Uma velha cultura serrenha*, in LUZIA, Ângela, *Mantas tradicionais do Baixo Alentejo*, Mértola, Camara Municipal de Mértola, 1984.
- TORRES, Nádia, *O Desenho, na Cerâmica Islâmica de Mértola*, ed: CAM-Mértola, Mértola 2013, p. 101.
- TRINCAS, Puertas R, *La cerâmica verde y morado de la Alcazaba de Málaga*, in. Cuadernos de la Alhambra, XXI, Granada, 1985.
- VALDÉS FERNANDÉZ, Fernando, *La Alcazaba de Badajoz*, in. Hallazgos islâmicos, Madrid, 1985
- VASCONCELLOS, José, *História do Museu Etnológico Português*, Imprensa Nacional, Lisboa 1915.
- VEIGA, S.M.E, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. I. Imprensa Nacional, Lisboa, 1880.

- VIANA, Abel, *Nossa Senhora da Cola – notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, Beja, 1961.

Fontes impressas

- COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, ed. Caminho, 3ª ed., Lisboa, 2008.
- CRISTOVÃO, Rodrigues Acenheiro, *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, in: *Collecção de Inéditos de História Portuguesa*, tomo V, Lisboa, Real Academia das Sciencias, 1824.
- MOHEDANO BARCELÓ, José, *Ibn 'Abdūn de Évora (c.1050- 1135)*, Breve apresentação e selecção dos seus poemas, in. *Série Estudos Árabes*, vol. I, ed. Universidade de Évora, Évora, 1982.
- PEREIRA, Gabriel, *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, Ed: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, Lisboa, 1998.
- SIDARUS, Adel, *Um Texto Árabe do Século X Relativo à Nova Fundação de Évora e aos Movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz*, In; *A Cidade de Évora*, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1988.
- Vitruvius, *Tratado de Arquitectura*, Ed. IST Press, Lisboa, 2006.
- Yacubî (1937), *Les pays* (trad.de Gaston Wiet), Cairo, Institut Français d'Archéologie Orientale.

Teses e obras não publicadas

- CORREIA, Fernando Branco, *Fortificação, Guerra e Poderes no Gharb al-Andalus*, Tese de Doutoramento, policopiada.
- FERNANDES, Hermenegildo, *Organização do espaço e sistema social no Alentejo medievo. Ocaso de Beja*, Dissertação de Mestrado, FCSH, Lisboa, 1991.
- FILIPE, Vanessa, *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004.
- SALINAS PLEGUEZUELO, M^a Elena, *La cerâmica Islâmica De Madinat Qurtuba, de 1031 a 1236: Cronotipología y Centros de Producción*, Tesis Doctoral, Universidad de Córdoba, Córdoba
- SANCHEZ, Álvoro, *Estudo Informático da Cerâmica Islâmica de Cacela Velha*, (Relatório), 2001.
- SIMPLÍCIO, Maria domingos, *Evolução e Morfologia do Espaço Urbano do espaço urbano de Évora*, tese de doutoramento, Évora, 1997.
- VAL-FLORES, Gustavo, *A Evolução Urbana do Centro Histórico de Évora, Vol. II, De Elvora a Elbora, Cidade e Sociedade, Séc. IV d.C.-1165*, Câmara Municipal de Évora, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura.

Artigos, separatas, catálogos, posters, etc.

- ALBA, Miguel; FEIJO, Santiago, *Cerámica Emiral de Mérida*, in: Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, ed. Junta de Extremadura.
- ANTUNES, M. Telles e SIDARUS, Adel, *Fracção de dinar de ibn Wazir de Évora invocando o emir almorávida Ishaq ibn`Ali (Significado Histórico e Político)*. NUMMVS. 2.ª S., XIV-XV, Porto, 1991-92.
- BALESTEROS, Carmen; OLIVEIRA, Jorge; MIRA, Élia; *As Muralhas de Évora: Aspectos Problemáticos do Sistema Defensivo*. In: A Cidade de Évora, II Série, nº 2. Évora, 1996-97.
- BARROCA, Mário Jorge; SANTOS, Maria José Ferreira dos: *O candil califal de Pedrantil (Croca, Penafiel)*, in: Al-Ândalus, Espaço de Mudança, Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais, Mértola, 16, 17 e 18 de Maio de 2005.
- BAZZANA, André, *“Una noria árabe en la huerta de Oliva (Valencia) ”*, in *Arqueologia Medieval Española*, tomo II, Madrid, 1987.
- BAZZANA, André, *La Céramique Verte y Morado Califale à Valence: Problèmes Morphologiques et Stylistiques*, in: A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991.
- BECK-BOSSARD, Corinne, *L'alimentazione in un villaggio siciliano del XIV secolo, sulla scorta delle font confire archeologiche* in. *Archeologia Medievale*, vol. VIII, Firenze, 1981.
- BERTI, G; ROSSELLÓ-BORDOY, G, TONGIORGI, E. Alcini Bacini, *Ceramics di Pisa e la corrispondente produzion di Maiorca nel secolo XI*, in. *Arqueologia Medievale*, XIII, Feologia Medievale, XIII, Firenze, 1986.

- BOONE, James, *The third season of excavations at Alcaria Longa*, Arqueologia Medieval, no. 2 Mértola, 1993.
- BUGALHÃO, Jacinta, *et alii*, *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês*, Lisboa, REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia. Vol.7. nº 1. Lisboa, 2004.
- BRANCO, Alice, *Cerâmica estanhada de Mértola com decoração a manganês*. In: A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental, (Actas do Congresso, Lisboa 16- 22 de Novembro de 1987) Santa Maria da Feira, ed. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991.
- BUGALHÃO, Jacinta, *et all*, *Produção e Consumo de Cerâmica Islâmica em Lisboa*, Conclusões de um projecto de investigação, in: Arqueologia Medieval nº 10, ed: Afrontamento, Porto, 2008, Pp. 129-131.
- BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda, *O Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica: urbanismo e produção oleira*, in. Arqueologia Medieval, nº 7, ed. Afrontamento, Porto, 2000.
- CAMPS, Emilio, *La cerámica medieval española*. Madrid, in. Escuela de Artes, y Oficios de Madrid, Madrid, 1943.
- CATARINO, Helena, *Catálogo das cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir*, Museu Arqueológico Municipal de Loulé, Loulé, 1996.
- CATARINO, Helena, *Catálogo de cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir*. Loulé, in Museu Arqueológico de Loulé, Loulé, 1997- 1998.

- CATARINO, Helena, *História da Cultura Material de época Islâmica, o exemplo de uma cozinha do Castelo Velho de Alcoutim (Algarve)*, in: Revista Portuguesa de História T.XXXVII,2005.
- CATARINO, Helena, *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados*, in. al-‘ulyā, nº 6, 3 vols., Arquivo Municipal de Loulé, Loulé, 1997/98.
- CATARINO, Helena, *O Algarve Oriental durante a ocupação Islâmica – povoamento rural e recintos fortificados*, Al-Ulya, no. 6,3 vols. (1997-1998).
- CATARINO, Helena, *Arqueologia do período islâmico em Portugal: breve perspectiva*, in: O Arqueólogo Português, Serie IV, 13/15, Coimbra, 1995-1997.
- BUGALHÃO, et alii, *CIGA – Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in. Xelb, nº 10, Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010, pp. 455 a 476.
- CONDE, Antónia Fialho, *O Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora e a acção de D. Frei Luís da Silva Teles*, In: A Cidade de Évora nº 8, Ed: Câmara Municipal de Évora, Évora, 2009.
- CORREIA, Fernando, Branco, *Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja*, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Lisboa, 1991.
- CORREIA, Fernando, Branco, e PICARD, Chistophe, *Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha: primeiros resultados*, Arqueologia Medieval, no. 1, Mértola, 1992.
- COVNEIRO, Jaquelina, CAVACO, Sandra, *Um (novo) olhar sobre Tavira Islâmica*, In: Xelb 9, Actas do 6º Congresso de Arqueologia do Algarve – O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos.

Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Silves, 2009.

- FARIA, António Marques de, *Pax Iulia, Felicitas Iulia; Liberalitas Iulia*, in. Revista Portuguesa de Arqueologia, Vol. 4-2, IPA, Lisboa, 2001.
- FERREIRA FERNANDES (I.C), *Resvestimentos e decoração na cerâmica islâmica de Palmela (Portugal)*. VIIe Congrès international sur la céramique médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999, Athènes, 2003, Ed. de la Caisse des Recherches Archéologiques;
- FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia, *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in: Revista Monumentos nº 26.
- FRANCO MORENO, Bruno, - *Abd al-Rahmân Bn Marwân al-Yillîqî – Un Líder Muladí del Occidente de al-Andalus rebelde a los dictados de Córdoba (siglos IX/III)*, in *Arqueologia Medieval 10*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.
- GARCÍA BEDIA, Maria Juana, *Avance de los trabajos realizados en el Castilho de Gibraleón (Huelva)*, II Congreso de Arqueología Medieval Española, Madrid, 1297.
- GARCÍA Y BELLIDO, António, *El recinto mural romano de Évora- Liberalitas Ivlia*, In: Conimbriga X, Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1971.
- GOMES, Mário Varela, *Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão)*, in. Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Câmara Municipal de Tondela, Tondela, 1998.
- GOMES, Rosa Varela, *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*, in. *Xelb*, Câmara Municipal de Silves, Silves, 1988.

- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica de verde e manganês do Castro da Cola*, in. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval, Camara Municipal de Tondela, Tondela, 1995.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *La cerámica de verde y morado de Mértola*, In: *Arqueologia Medieval* nº 3, Mértola, 1994.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus*, Campo Arqueológico de Mértola, in. Seminário - “A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro, Mértola, 2007.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus*, in. *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa 1998.
- GONÇALVES, Gerardo Vidal; BALLESTEROS, Cármen, *Intervenções Arqueológicas no Centro Histórico de Évora, 2000 - 2002*, in *Revista Monumentos* nº26.
- GONÇALVES, Maria José, PEREIRA, Vera, PIRES, Alexandre, *Ossos trabalhados de um arrabalde islâmico de Silves: aspectos funcionais*. In: XELB 8, Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves, 2010.
- GONÇALVES, Maria José; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina; *Evolução tipológica de um conjunto de utensílios de iluminação de um arrabalde islâmico de Silves*, Vipasca, ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. N.º 2. 2ª série. 2007.
- GOULART, Artur, *Duas Inscrições Árabes Inéditas no Museu de Évora*, in; a *Cidade de Évora*, nº 67-68, Ed. Gráfica Eborense, Évora, 1987.
- GROMICHO, A, *Origens da Cidade de Évora*, in *Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*, A Cidade de Évora, nº 45-46, Évora.

- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos, *O povoado fortificado de Mesas do Castelinho*, Almodôvar, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1990. Pp. 305-319.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos, *O povoado fortificado de Mesas do Castelinho*, Almodôvar, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1990.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos, (1991): "*O povoado fortificado de "Mesas do Castelinho", Almodôvar*", in: *Actas das IV Jornadas Arqueológicas* (Lisboa 1990), Lisboa 1990.
- KIRCHER, H, *La cerâmica de Ibiza. Catàleg i estudi dels fons del Museu Arqueològic d'Eivissa y Formentera*, Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera, Ibiza, 2002.
- LOPES, C; RAMALHO, M, *Presença Islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém*, GARB- *Sítios islâmicos do sul peninsular*, Lisboa IPPAR e Junta de Extremadura – Consejaria de Cultura, Lisboa, 2001-
- LOPES, Gonçalo, *A alimentação em Évora no final das Taifas: Restos carpológicos do Paço dos Lobos da Gama* – Poster.
- MACHADO, João pedro, *Évora Muçulmana*, in. *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal* (1ª Série), nº 17, Évora, 1949.
- MACIAS, Santiago e TORRES, Cláudio (coords.) *Portugal Islâmico. Os últimos Sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1998.
- MARINHO, José Rodrigues, *A moeda no Gharb al-Ândalus*, in. *Portugal Islâmico - Os últimos sinais do Mediterrâneo*, coords. MACIAS, Santiago e TORRES, Cláudio, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1998.

- MATOS, José Luís de, *Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila*, in. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Campo Arqueológico de Mértola, Lisboa, 1991.
- MATOS, José Luís de, *Cerro da Vila, Escavações em 1977*, *O Arqueólogo Português*, 3rd., vol.5 Vilamoura, 1971, pp. 201-214. - *Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila*, in: SILVA, Luis e MATEUS, Rui (coords.), *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991.
- MATOS José Luís de, *Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila*, in. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, in. *Campo Arqueológico de Mértola*, Mértola, 1991a.
- MATOS, José Luis; TEICHNER, Félix, *Cerro da Vila (Algarve Portugal) – aldeia do mar na época islâmica*, in *Al-andalus. Espaço de mudança*. Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2006.
- MIRA, Élia; BALESTEROS, Cármen, *As Muralhas de Évora*, *Actas das Jornadas Inter e Pluridisciplinares*. Universidade Aberta, Lisboa, 1993/94.
- MOLERA, J., PRADELL, T., MERINO, L., GARCIA-VALLES, M., GARCIA ORELLANA, J., SALVADO, N., and VENDRELL-SAZ, M., (1997b). *La tecnología de la cerámica islámica y mudéjar, Caesaraugusta*.
- MORENA LÓPEZ, José, *Resultados preliminares de la excavación arqueológica de urgencia en el solar nº 63 de la calle Agustín Moreno de Córdoba*, in. *Anuario Aqueologico de Arqueologis*, III, Vol. I, Córdoba, 1999.
- NAVARRO, Julio, *Formas de vida rurales en Sarq al-Ábdalus através de una ocultacion de los siglos X-XI*, *La céramique médiévale en Méditerranée*, Actes

du VI Congrès Láiectm2 Aix-en-Provence 13- 18 Novembre 1995, Ed: Narration, Aix-en-Provence, 1997, apêndice I.

- PAULO, Luis Campos, *Achados Islâmicos e Mudéjares, no Centro Histórico de Évora*, in A Cidade de Évora, Boletim de Cultura da Câmara Municipal, Évora, II Série, nº 4, Évora, 2000.
- Perez-Arategui, J., Ruiz, E., and Castillo, J. R., 1997, La cerámica ‘verde y negro’ de los talleres islâmicos de Zaragoza: características tecnológicas de sus recubrimientos, *Caesaraugusta*, 73, 43–7;
- PÉREZ ARANTEGUI (J), LAPUENTE (M. P), *Las técnicas de producción de cerâmicas en los talleres islâmicos de Zaragoza*. VIIe Congrès international sur la céramique médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999, Athènes, 2003.
- PEREZ-ARANTEGUI, J., RUIZ, E., and CASTILLO, J. R., 1997, *La cerámica ‘verde y negro’ de los talleres islâmicos de Zaragoza: características tecnológicas de sus recubrimientos*, *Caesaraugusta*.
- PÉREZ ARANTEGUI (J), LAPUENTE (M. P), *Las técnicas de producción de cerâmicas en los talleres islâmicos de Zaragoza*. VIIe Congrès international sur la céramique médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999, Athènes, 2003, Ed. de la Caisse des Recherches Archéologiques;
- PEREIRA, Gabriel, *História da cidade de Évora*, in Boletim de Cultura do Município, ano IX, nº 29 – 30, Évora, 1952.
- PORTUGAL. DGCP (2014) – Sítios. In Portal do Arqueólogo. [online]. Lisboa: Direção Geral de Cultura e Património. [consult. 11 de Novembro de 2015], disponível em [Www.arqueologia.igespar.pt](http://www.arqueologia.igespar.pt).

- PICARD, Christophe, *A islamização do Gharb al-Andalus*, in. Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo, Lisboa 1998.
- QUEIROZ, Paula Fernanda, *Estudos de Arqueobotânica no Convento de S. Francisco de Santarém*, in: GARB, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Junta de Extremadura, 2005.
- RAFAEL, Lígia, *Estudo do Armamento Islâmico Procedente da Escavação na Enconsta do Castelo e na Alcáçova de Mértola*, In: Arqueologia Medieval nº6, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. Afrontamento, Porto, 1999.
- REI, António, *O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII/XII: Yāqūt al-Hamāwī e Ibn Saʿīd al-Maghribī*, in. Mediavalista nº 1 (online), 2005.
- ROCHA, A.S., *Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve*, in O Archeologo Português, Vol. I, MNA, Lisboa, 1895.
- SANTO, Juan A., *Cerâmicas islâmicas escavadas en la Seo del Salvador (Zaragoza)*, in: Boletim de Arqueologia Medieval nº8, Vol. 1, Toledo, 1987.
- SARANTOPOULOS, Panagiotis, *Thermae de Eborā Liberalitas Iulia*. In Termas romanas en el Occidente del Império II in Colóquio Internacional de Arqueologia en Gijón: Ayuntamiento de Gijón.
- TEICHNER, Felix, *Acerca da Vila Romana de Milreu/Estoi. Continuidade da ocupação na época árabe*, in. Arqueologia Medieval, n.º 3, pág. 89-100, Ed. Afrontamento, Porto, 1994.
- TEICHNER, Felix, *A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico*

Alemão (Lisboa), Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Câmara Municipal de Tondela, Tondela 1998.

- TEICHNER, Felix, *Die Mittelalterliche un Neuzeitliche Fundkeramik aus den Grabungen des Deutschen Archäologischen Institutes in Évora, (Alentejo, Portugal)*, Madrider Mitteilungen. Mainz, 1998.
- TEICHNER, Felix, *Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am Römischen Tempel (1986-1992)*, Madrider Mitteilungen, Mainz, Verlag Philipp Von Zabern.
- TORRES, Cláudio, *Mértola Almoravide et Almohade. Catalogue*. Ed. Ministère des Affaires Culturelles du Royaume du Maroc et Câmara Municipal de Mértola, Mértola, 1988.
- TORRES, Cláudio, et all, *Portugal Islâmico, Os últimos sinais do Mediterrâneo*, catálogo de exposição do Museu Nacional de Arqueologia, ed. Printer Portuguesa, Lisboa, 1998.
- TORRES, Cláudio, "Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica", *Actas do Seminário: Espaço Rural na Lusitânia. Tomar e o seu território*, Tomar, 1989.
- TORRES, Cláudio, GÓMEZ, Susana, FERREIRA, Manuela, *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*. Actas da 3ª. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós- Medieval, Tondela, 1997.
- TURINA GÓMEZ, Araceli, *Algunas influencias orientales en la cerámica omeya andalusí*, in: *II coloquio cerâmica medieval del Mediterráneo*, Toledo, 1981, ed: Ministerio de Cultura, Madrid, 1986.
- VIEGAS, Catarina, ARRUDA, Ana Margarida, *Cerâmicas Islâmicas da Alcáçova de Santarém*, in: revista Portuguesa de Arqueologia, Vol. II, nº 2, Lisboa, 1999.

- VON KEMMITZ, Eva-Maria, *Candis da Coleção do Museu Nacional de Arqueologia*, in: O Arqueólogo Português, Série IV, 11/12, Lisboa, 1993-1994.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan, *Arquitectura militar en al-Andalus*, In: Xelb 9, Ac: Xelb 9, Actas do 6º Congresso de Arqueologia do Algarve – O Garb no Al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos. Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Silves, 2009.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan; APARICIO, Alfredo, *Análisis de cerâmicas andalusíes*, Actes du VIIe Congrès sur la Céramique Médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 1999.

Relatórios Arqueológicos:

- AMBRONA, E., "Sondagens arqueológicas na Rua de Olivença", 1998.
- AUSCHILD, Theodore; SARANTOPOULOS, Panagiotis, *Intervenção Arqueológica Integrada no Projeto Municipal: Reordenamento urbanístico da Zona Envolvente do Templo Romano de Évora*", 1996.
- BATATA, Carlos, "Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico e Escavação na Rua de Avis, nº 91", 2005.
- BRAZUNA, Sandra, "Relatório dos Trabalhos Arqueológicos - Remodelação e Valorização do Museu de Évora. Zona A", 2008.
- BRAZUNA, Sandra, "Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Remodelação e Valorização do - de Évora. Acompanhamento", 2008.

- BRAZUNA, Sandra, "Relatório dos Trabalhos Arqueológicos - Remodelação e Valorização do Museu de Évora. Zona B/C", 2008.
- CAEIRO, J, "Intervenção arqueológica de emergência no Colégio do Espírito Santo", 1993.
- CALAIS, A.; VIEGAS, C., "Intervenção arqueológica no Convento de Santa Catarina de Sena (Centro Histórico de Évora)", 1990.
- CASIMIRO, Tânia; CARVALHO, Cláudia, "Relatório de Acompanhamento Arqueológico. Rua de Machede, Avenida João de Deus e Rua Augusto Eduardo Nunes (Évora), 2009.
- CORREIA, Miguel, "Acompanhamento Arqueológico do Parque de Estacionamento na Praça Joaquim António de Aguiar", 2001.
- CORREIA, Miguel, "Rua Cândido dos Reis, Évora – Acompanhamento Arqueológico", 2002.
- CORREIA, Virgílio; FERNANDES, Teresa Matos, Intervenção arqueológica de emergência na Pousada dos Lóios, 1987.
- CORTÉS, Ricardo "Acompanhamento Arqueológico na Rua Alcárcova de Baixo, 1 - 3, Fracção A. - Relatório preliminar", 2002.
- COSTA, Carlos, "Relatório Final - Execução, reposição e reparação dos sistemas de saneamento básico da cidade de Évora., 2003.
- DIAS, Carla, "Relatório Preliminar da Escavação Arqueológica do Jardim Público de Évora", 2007.
- DIAS, Susana, "Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Saneamento e Drenagens da Urbanização da Cerca de S. Domingos", 2007.

- DIAS, Susana "Trabalhos Arqueológicos no Convento de Santa Helena do Monte Calvário, Évora" 2006.
- DIAS, Susana; MAIA, Conceição, "Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Beneficiação e Restauro do Convento de Nossa Senhora dos Remédios", 2005.
- DIAS, Susana; VIDAL, Gerardo, "Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Escavação Arqueológica, Paços do Concelho – Banhos Públicos Romanos", 2007.
- DIOGO, Márcia, "Relatório Final dos trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados no âmbito do projecto «Rede de Distribuição Secundária de Gás Natural da Cidade de Évora - Abastecimento à Rua do Muro e Travessa do Manuelinho", 2008.
- FARIA, J., "Acompanhamento arqueológico à remodelação da rede de colectores de esgotos – Évora 2003/Portas de Raimundo/Portas de Alconchel, 2004.
- FARIA, Fernando, Relatório antropológico do Paço dos Lobo da Gama, Laboratório de antropologia biológica, universidade de Évora, 2008.
- FERNANDES, Teresa Matos, "Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Porta de Moura e Rua Miguel Bombarda (Évora) ", 2002.
- FERNANDES, Teresa Matos "Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Praça do Geraldo, sondagem Nazareth (Évora) ", 2002.

- FERNANDES, Teresa Matos "Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Praça do Geraldo, sondagem Santo Antão (Évora) ", 2002.
- Gonçalves, Ana "Relatórios de Intervenções Arqueológicas em Évora 2010-2011", 2011.
- GONÇALVES, Ana, "Intervenção Arqueológica no Museu de Évora", 1998.
- GONÇALVES, Ana, "Acompanhamento arqueológico junto à escola básica de São Mamede, Largo Evaristo Cutileiro" 2013.
- GONÇALVES, Ana, Relatório final da realização do Acompanhamento Arqueológico da Obra de Remodelação do Alpendre das Casas Pintadas", 2014.
- GONÇALVES, Ana, "Largo de Machede, nº 5", 2011.
- LEMOS, Cláudia., "Intervenção arqueológica no Largo D. Miguel de Portugal – Évora/Relatório Final do Trabalho Desenvolvido", 2002.
- LEMOS, Cláudia, Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados no Largo Luís de Camões, Rua J. Elias Garcia e Rua Alcárcova de Baixo" 2003.
- LEMOS, Cláudia, Intervenção Arqueológica na Praça Joaquim António de Aguiar, nº 12 a 14A - Évora. Convento de S. Domingos. Relatório Final do Trabalho Desenvolvido. Volume 1", 2002.
- LEMOS, Cláudia, "Intervenção Arqueológica no futuro Edifício de S. Domingos. Praça Joaquim António de Aguiar. Nº 12-14A. Évora. Convento de S. Domingos", 2001.
- MAIA, Conceição, Relatório de acompanhamento arqueológico na Rua Bernardo de Matos", 2013.

- MAIA, Conceição, Relatório de acompanhamento arqueológico no Largo Machede Velho, Lote 8 e 10", 2013.
- MAIA, Conceição; DIAS, Susana, Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos – Jardim de Diana / Évora" 2007.
- MAIA, Conceição; DIAS, Susana, Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos – Pátio do Salema, Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, Rua Diogo Cão nº 19", 2006.
- MÓRAN, Elena, Relatório Final das Sondagens Arqueológicas das Termas Romanas de Évora, 1998.
- NUNES, João, "Construção da Rede de Distribuição de Gá Natural na cidade de Évora - Largo das Alterações", 2012.
- OLIVEIRA, Jorge, "Intervenção Arqueológica de emergência no Colégio do Espírito Santo- Évora", 1993.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Rua de Burgos - Rua da Alcárcova de Cima - Rel. Preliminar", 2001.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Mercado do Peixe - Relatório de Sondagem Arqueológica", 2000.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Relatório Preliminar. Praça 1º de Maio. Mercado dos Legumes", 2001.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Relatório de Acompanhamento Arqueológico de Obra – Rua da Alcárcova de Cima", 2000.

- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Relatório de Acompanhamento Arqueológico de Obra – "Rua de Olivença", 2000.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Relatório Preliminar de acompanhamento de obra e intervenção arqueológica na Praça do Giraldo e Rua João de Deus em Évora", 2000.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Relatório Preliminar de acompanhamento de obra e intervenção arqueológica na Rua de Diogo Cão em Évora", 2001.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Salão Central Eborense. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos – sondagens prévias", 2002.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Cármen, "Relatório Preliminar de acompanhamento de obra e intervenção arqueológica na Praça 1º de Maio e Igreja de S. Francisco (norte) ", 2002.
- PARREIRA, R.; GONÇALVES, A, Intervenção arqueológica no Palácio Gouveia/Rua de Burgos/Rua de Alcárcova de Cima (Évora, Centro Histórico) - Relatório dos trabalhos de 1989", 1990.
- PAULO, L., "Intervenção arqueológica de emergência na travessa das casas pintadas (Évora) - Relatório Preliminar de escavação", 2000.
- PENISGA, Ana, "Remodelação e Valorização do Museu de Évora. - Vala de Drenagem", 2008.
- PINTO, Marina, "Projeto de Reabilitação dos conjuntos edificados do Palácio da Inquisição/Casas Pintadas e Pátio de São Miguel", 2012.

- PLAG, L., "Projecto da empreitada de execução de retirada e colocação de infra-estruturas PROCOM Rua da Alcárcova de Cima- Acompanhamento arqueológico", 2003.
- SANTOS, Sandra, "Relatório da escavação do centro de conferências Conde de Vilalva-Rua Vasco da Gama-FEA, 2012.
- SARANTOPOULOS, Panagiotis, Relatório de Sondagens Arqueológicas nas Termas Romanas de Évora, 1999.
- SARANTOPOULOS, Panagiotis,"Relatório de Trabalhos de Acompanhamento Arqueológico – Praça do Sertório – Rua Vasco da Gama Évora", 2003.
- T, ALMEIDA, "Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos realizados na Praça de Sertório", 2003.
- VARELA, António Carlos, Intervenção na Cerca de Santa Mónica, 2005.
- VIDAL, Gerardo, Quinta do Forte, Rua das Alçaçarias" 2008.
- VIDAL, Gerardo, "Relatório Final do Paço dos Lobo da Gama", 2009.